



Apenas um *Olhar*

Juliana H. Cardamone



APENAS

UM

OLHAR

JULIANA CARDAMONE

Copyright 2018 © Juliana H. Cardamone

APENAS UM OLHAR

Todos os direitos são reservados de acordo com Normas de Lei e Convenções Internacionais. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização prévia por escrito da autora.

Revisão: Victória Gomes

Diagramação: Nanda Dibbern

Sumário

Sumário
Playlist
Dedicatória
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Bônus Eric parte 1
Bônus Eric parte 2
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21 parte 1
Capítulo 21 parte 2
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31 parte 1
Capítulo 31 parte 2
Capítulo 32
Bônus Extras – Tony e Eric
Epílogo
Bônus Especial de Natal
Agradecimentos
Contato

Playlist

Ed Sheeran – Shape Of You
Linkin Park – Faint
Simple Plan – Fire in My Heart
Strike – Sol de Paz
Linkin Park Feat Kiiara – Heavy
Linkin Park – Nobody Can Save Me
Linkin Park – Papercut
Dom Benjamin Feat J. Oliver – Touch My Body
Hollywood Undead – Bad Moon
Shinedown – Second Chance
Skillet – Wispers in The Dark
Rise Against – Savior
Three Days Grace – Never too Late
Slipknot – Snuff
Three Days Grace – Animal I Have Become
Three Days Grace – Time Of Dying
Sether – Fake It
Stone Sour – Through The Glass
Nickelback – Lullaby
Linkin Park – Waiting For The End
Disturbed – Stricken
Ed Sheeran – Perfect
Ed Sheeran – What Do I Know

Prólogo

Sempre sonhei me tornar médica. Eventualmente, com dedicação e noites em claro, consegui me formar, ganhando destaque. Tudo estava indo conforme os meus planos: me mudei, saindo da minha área de conforto em Nova Iorque, e dei “olá” a um novo local, com novas pessoas e uma nova história.

Comprometi-me a ajudar pessoas, salvar vidas e não medi as consequências ao ficar longe dos meus pais, da minha família. Pode parecer uma atitude egoísta minha, mas aquilo era o que eu mais queria na vida. Para ser específica, a minha relação com meus pais é relativamente comum, embora haja brigas, discussões de baixo calão e incômodos do tipo: "Este trabalho não faz bem a você, não se alimenta direito, não dorme direito, está tentando se matar?". Eu tento ignorar e é o que eu tenho feito desde então.

Mas a realização de um sonho, a sensação que me circunda todos os dias me faz ver que devo engolir tudo o for desagradável para continuar a praticar o que eu escolhi: salvar vidas. Dado isto, como sempre, coloquei meus estudos e agora trabalho em primeiro lugar.

Nunca tive relações amorosas que durassem mais de um mês. Os "namorados" me largavam por eu ser ocupada demais, outros me traíram por não os deixar satisfeitos e negar aquilo que homens cafajestes buscam.

Apesar disto, eu não me deixo acuar.

A verdade é que eu nunca sequer gostei de nenhum deles. Quer dizer, eles eram bonitos, tinham uma boa conversa, no entanto, sempre faltou uma coisa, algo que acredito ser crucial para um casal seguir adiante, seguir feliz... Amor.

Eu, infelizmente, nunca tive o prazer de provar deste sentimento belo e único. Porém, acredito que chegará minha vez... No tempo certo.

Tudo bem, eu sou paciente!

Capítulo 1

Lizzie

Acordo com a fraca luz do sol batendo em meu rosto e bocejo, sentindo-me ainda esgotada pelo trabalho. Não é nada agradável chegar em casa por volta de sete da manhã e ter direito de dormir por poucas horas posteriores.

Meu despertador alarma sobre meu criado-mudo. Aproximo-me e o desligo. Marca uma da tarde. Além de não dormir o máximo que posso, tenho que acordar antes do despertador? Infelizmente, isso às vezes acontece comigo, mais uma coisa desagradável a ser adicionada a minha lista. Mesmo que cansativo e por mais que me deixe esgotada, eu amo meu trabalho e a cada dia torna-se mais verossímil que eu nasci para exercer esta profissão.

Salvar vidas... Não há nada mais incrível.

Espreguiço-me e solto um segundo bocejo ao mesmo tempo em que ando em direção ao banheiro, no entanto, acabo esbarrando e segurando-me na parede a tempo de não beijar o chão.

Eu preciso arrumar esta bagunça que é meu apartamento. Por ora, meu quarto é o alvo da vez. Começo a juntar minhas roupas, arremessando-as no cesto branco com aberturas similares a flores. Aproximo-me das caixas e arrumo minhas peças de roupas no armário marfim ao canto.

Mudei-me há pouco para o Canadá. Quando vi o anúncio deste apartamento, foi amor à primeira vista, não teve como resistir. Estou aqui desde então. O trabalho suga tanto meu tempo que não tive mesmo um momento sequer para me habituar ao lugar, isso explica o quão bagunçado é o ambiente. Por um lado, é bom que eu more sozinha; assim que se tivesse hóspedes, eles não aguentariam tamanha desorganização.

Não me sinto solitária aqui, nesse imenso apartamento. Embora pareça deprimente, não me importo de vagar sem companhia pelas ruas da cidade apreciando o luar — quando posso, o que não é sempre — ou ir em uma sessão no cinema, andar pelo parque. Qualquer local é favorável desde que seja apropriado. Acredito que costume seja a explicação melhor para esse meu comportamento... Solidão tornou-se uma boa amiga, aquela que fica ao meu lado desde sempre.

Não tenho amigos, na realidade eu nunca os tive. Estranho, não? Mas, parando para pensar, acho que Tony chega próximo a essa posição. Ele é espertinho às vezes, entretanto, inofensivo. Há também Haylie, todavia, ela parece-me um pouco tímida. Chegamos a trocar algumas poucas palavras,

contudo, nada extraordinário; apesar disso, tento não me aproximar tanto com receio de invadir seu espaço, mas espero que um dia possamos ser boas amigas.

Hesito com o espanador em mão quando vejo, sobre minha cama, o visor do meu aparelho celular iluminar-se.

O que será?

Depois de tomar o aparelho em mãos, observo se tratar de uma mensagem.

Antony.

Sorrio.

Mas só foi pensar vagamente nele que apareceu, mesmo que não literalmente. Antony, vulgo Tony, é meu colega de trabalho, que divide a mesma carga que é ser médico-cirurgião.

"Liz, eu sei que hoje é sua folga..."

Prevejo que vem pedido de favorzinho vindo aí, ainda mais com esse "Liz" de início de frase.

"..., mas marquei de me encontrar com Haylie esta noite. Será que pode quebrar esse galho para seu amigo gato aqui?"

— Idiota — falo sozinha, risonha.

Pouso o celular abaixo do queixo e pondero por um segundo.

Obviamente, ele sabe que amo o que faço... E sabe também que não tenho mais nada que fazer — a não ser encarar o teto ou virar andarilha pela cidade abaixo do céu estrelado, enrolada pelas mangas longas de um moletom —, senão não estaria a me fazer um pedido destes.

Embora tenha dormido pouco — não, pouquíssimo —, por incrível que pareça até que estou desperta.

Entro na caixa de mensagem e escrevo minha resposta:

"Que sorte a sua por eu estar de bom humor hoje, meu amigo, porque senão você seria ignorado maldosamente Ha. Mas eu topo sim, por isso divirta-se bastante"

"Obrigado, sabe que eu a amo, né? Quando precisar, estarei aqui. Estou gostando bastante de Haylie e quero que hoje seja especial, conforme o plano, por isso, estou agradecido e feliz demais"

"Estou feliz por você, juízo! Bom moço haha"

"Liz, o que acha de eu a pedir em namoro, acha que ela vai aceitar? Sei que ela gosta de mim, no entanto, mesmo assim estou nervoso"

Mordo o interior de minha bochecha.

"Não vai saber se não tentar. Nervosismo faz parte, apenas seja honesto com ela e o que vier após será naturalmente. Boa sorte, Tony, te dou meu apoio total."

Antony e Haylie se conhecem há anos e a atmosfera que flui quando eles estão próximos é notável. Eles têm tudo para dar certo, acredito que seja, casal modelo, supercompatíveis. Ela é uma enfermeira competente e atenciosa, uma profissional.

"Obrigado Liz, sério! Você é incrível. Agora vou nessa, bom trabalho"

Jogo o celular dentro da minha bolsa e recomeço a faxina breve em meu quarto. Respiro fundo depois de finalizar a limpeza. Ando em direção ao banheiro e inicio minha higiene matinal.

Saio enrolada na toalha com os cabelos amarrados em um coque, sigo em passos rítmicos à cozinha, abro minha geladeira e percebo que preciso ir ao mercado. Não tendo tempo para gastar à toa, acabo por pescar ovos, verduras picadas e leite de dentro da geladeira. Faço uma omelete e com muita sorte acabo encontrando o bacon que restou. Junto a isso, me sirvo com leite e como rapidamente.

Já estou ficando sem tempo.

Depois de me alimentar devidamente, visto-me na velocidade de Barry Allen com minha farda, exceto o jaleco, que o ponho apenas depois de chegar no hospital.

Bato a porta do apartamento, trancando-o seguidamente. Corro para o elevador antes que ele se feche completamente e suspiro aliviada, agradecida ao idoso simpático que o segurou para mim.



Chego no hospital e vou para minha sala, não demora muito para eu ser chamada para uma emergência.

Entro na ala de cirurgias, preparo-me, higienizando minhas mãos até o antebraço, coloco a touca, máscara e a roupa adequada. A enfermeira que é minha assistente me ajuda e, assim que termino, vou para a sala saber sobre o

paciente.

Adentro no local, perguntando para os assistentes o que aconteceu e qual o estado do paciente. Gregory prontamente se aproxima, respondendo o que os demais costumam a pronunciar.

— Doutora Stanford, o paciente chama-se Benjamin Campbell. Felizmente, encontramos documentos que o identificassem e chamamos os familiares. Ele sofreu acidente de carro, anteriormente estava preso nas ferragens. Ele perdeu muito sangue.

— Muito bem! — Confirmo com a cabeça.

Ando em direção ao leito e encontro o homem de aproximadamente vinte e cinco anos de idade, moreno... Muito bonito.

— Vamos dar atendimento a esse homem e fazer o possível para salvar sua vida. Começemos.

Capítulo 2

Lizzie

Passo a mão pelos meus cabelos loiros. Neste instante, a tensão deixou meu corpo. Confesso que a cirurgia foi difícil, houve muita maestria e posso jurar que uma segunda mão deveria estar guiando-me naquele momento, como se eu estivesse caminhando para o sucesso daquele procedimento. Foi incrível a sensação.

Graças a Deus, correu tudo bem.

Ajeito meus fios e os domo em um rabo de cavalo, contendo-os.

Dei uma breve pausa antes de voltar a minha rotina e encaminhar outros pacientes. Passo pelos corredores e uma enfermeira para à minha frente, chamando minha atenção com seu sorriso discreto e olhos com olheiras se formando.

— Doutora Stanford. Há um casal um tanto nervoso. Eles insistem em falar com a médica do rapaz que dera entrada hoje mais cedo, Benjamin Campbell.

Surpreende-me ela ter decorado o nome do paciente.

— Sim, obrigada. Onde eles se encontram? — pergunto.

— Na recepção — responde prontamente.

Benjamin Campbell. O homem deu o que falar entre as enfermeiras; não me admira, pois o rapaz é de fato atraente e bonito, mas eu francamente não entendo tamanho alvoroço entre elas. Ou eu sou apática demais? Enfim, que seja. Continuo com meus passos bonancosos pelos corredores com indivíduos em suas correrias habituais. Ao longe, posso ver com nitidez um casal sentado nas poltronas hospitalares. O homem por sua vez se encontra abraçado com a mulher com tremedeira preocupante. Apresso meus passos e abro um breve sorriso com assentimento ao casal que se levanta rapidamente.

— É a médica do meu filho? Oh, meu bom Deus, diga-me que ele está bem. Por favor, diga-me — pede a senhora completamente desesperada.

Molho brevemente os lábios que estão um tanto ressecados.

— Sim, chame-me de Lizzie, e acalme-se senhora, por favor.

— Pelo amor de Deus, diga-me alguma coisa. Fale que não perderei meu único filho. — A mulher começa a lacrimejar. Isso me deixa tristonha por um momento, apesar de ver aquele episódio quase todos os dias e em versões diferentes, eu não me acostumo.

— Desculpe. É que estamos desolados com esse acontecimento. — O homem de pele negra fala, levando-me a abaixar os olhos rapidamente.

— Benjamin passou por uma cirurgia delicada. Está fora de perigo, porém, continuará em observação. O pior já passou. — Sorrio, solidária.

Se eu pudesse, os abraçaria como forma de conforto, mas isto não seria apropriado, por isso me permito apenas observar a mulher sorridente abraçar o marido, feliz pelo filho estar bem. Filho este que tive a honra de salvar a vida junto com meus companheiros de trabalho e pela vontade de Deus... O médico dos médicos.

Arregalo levemente os olhos quando os braços finos da mulher me circulam na mais intensa alegria. Retribuo desajeitadamente e por cima do ombro vejo o marido da mulher sorrir abobalhado pela esposa espontânea.

— Obrigada! — Sorri senhora Campbell com seus cabelos negros um tanto assanhados pela euforia.

— Que educação — repreende-se o homem. — Chamo-me Joseph Campbell e esta é minha esposa, Margareth Campbell. Quando podemos ver nosso filho?

Saúdo-o com um aperto de mão.

— É um prazer conhecê-los.... Como disse anteriormente, ele está sob observação, por isso preferimos manter cautela.

Ambos assentem.

— Mais uma vez obrigada, estamos imensamente gratos por ter salvo a vida de nosso filho — diz ela, agradecida.

— Deus que nos deu esta vitória, eu fui apenas instituída por Ele. — Sorrio abertamente.

— Somos gratos primeiramente a Ele e depois a você e toda a sua equipe — rebate Margareth.

— Preciso ir, fico feliz de tê-los conhecido.

Despeço-me com um breve até logo, deixando-os cientes de que quando Benjamin estiver consciente, nós entraremos em contato, liberando-o para visitas. Retorno aos corredores e uma súbita vontade de ver como Benjamin Campbell está se recuperando me atinge. Acredito que todo aquele amor e atenção que os pais têm para com ele tenha me atingido de alguma forma, pois é admirável pais assim, tão afetuosos. É encantador aos olhos.

Entro na sala e no leito, respirando sossegadamente, se situa o homem. Ando cada vez mais perto, até que poucos centímetros me separam da cama.

Tombo levemente a cabeça para o lado, olhando os batimentos cardíacos que estão normais, a pressão... Tecnicamente, ele está se recuperando normalmente.

Continuo a examiná-lo, mas não como profissional. Ele tem uma fisionomia comum, mas a estrutura óssea de seu rosto é realmente belíssima, queixo quadrado, nariz reto, lábios... carnudos e desejáveis.

Balanço levemente a cabeça, repreendendo-me com tal pensamento.

Mordo levemente o lábio. A pele escura dele traz um contraste lindo para os olhos verdes.

Olhos verdes?

Dou um passo para trás, surpreendida com o súbito abrimento de pálpebras, que rapidamente são fechadas. Solto todo o ar de meus pulmões, que não havia reparado que tinha segurado. Chego perto do homem e olho seus olhos. Visivelmente estão normais, apenas com as pupilas um pouco dilatadas. Nota-se que aquilo foi apenas um reflexo, ou algo semelhante.

Nada alarmante.

Saio a passos rápidos daquele quarto com a respiração um pouco descompensada e os pensamentos conturbados. Céus. O que acabou de acontecer?

— Doutora, há uma cirurgia a sua espera, dará entrada em cinco minutos.
— Um enfermeiro esbarra comigo e só dá tempo para que eu corra.

Meu dia está voltando à costumeira correria e eu agradeço por isso, assim que estarei ocupada demais com meus pacientes e longe de pensar no acontecimento inusitado de agora a pouco e meu... Estranho comportamento.

Capítulo 3

Lizzie

Oito horas depois

Saio da sala de cirurgia totalmente exaurida. Foi um procedimento e tanto, mas nada que não fosse capaz de solucionar. Mais uma vez foi um sucesso e fico feliz por não termos nenhuma perda. Às vezes medito sobre o quanto sou forte de espírito. Não é fácil de digerir quando alguém falece. Uma pessoa que escapa de minhas mãos sem aviso prévio causa o impacto de uma vida preciosa escorregando de meus dedos. No entanto, ergo-me e parto para o próximo com mais fibra, decidida a não cometer a mesma falha de não me esforçar o suficiente. Mesmo que eu esteja sempre dando cem por cento de mim... Por várias ocasiões não me parece o bastante.

É uma pressão e tanto, todavia, é o ciclo natural das coisas. O destino a cada dia torna-se impertinente e exato. Um pequeno desliz, um corte mal calculado pode mudar o percurso das coisas... É assustador, às vezes. Assim, cada coisa tem seu lado positivo e negativo: onde há a beleza de salvar vidas, há também o terror de as deixar esvair.

Apesar disso, é o trabalho mais belo que tive o prazer de conhecer e que tenho a honra de pôr em prática.

Olho o relógio de parede, observando o ponteiro marcar nove e dois da noite. Sem aviso, meu estômago ronca audivelmente, levando-me a lembrar que me alimentei pouco esta manhã. Retiro o jaleco quando chego à lanchonete do hospital, largo na cadeira ao meu lado e sento-me, solicitando ao atendente um café e duas fatias de bolo com recheio de baunilha.

— Se importa que eu sente? — Ergo meu rosto, deparando-me com a mulher de olhos claros.

— Claro, senhora Campbell.

Pego meu jaleco, que até então ocupava o espaço ao lado, e observo de soslaio a mulher de aproximadamente quarenta e cinco anos sentar-se comodamente. O quão distraída eu podia estar para não notar a chegada dela? Se bem que é uma companhia agradável.

— Por favor, me chame apenas de Margareth, sem esse “senhora” desagradável. — Entorta levemente o nariz, resultando em um riso baixo meu. — Eu estou bem jovem, não acha?

— Sim, claro! — concordo, pois ela de fato aparenta ser jovem, madura e tem uma fisionomia belíssima, que me lembra Benjamin. Na realidade, seus

olhos são fiéis aos do homem, ambos verdes. Agora me certifico de quem ele herdou tamanha beleza.

Balanço levemente minha cabeça com finalidade de espantar esses pensamentos inesperados e inoportunos.

— É bom revê-la, querida. — Ela sorri largamente e eu me permito retribuir.

— Digo o mesmo senh... digo, Margareth. Como está após o breve susto? Espero que melhor, aquilo me assustou um pouco — falo espontaneamente.

— Melhor, melhor, obrigada! Acabei de vê-lo, ele está com Joseph no quarto, preferi deixá-los um pouco a sós — responde amenamente.

— Certamente...

— Querida, ele quer vê-la — Margareth diz, pegando-me de surpresa. Por um momento, engasgo-me com o café, mas me recomponho rapidamente.

— Sim, claro...

Ela me interrompe.

— Ele quer agradecer a maravilhosa médica que o salvou.

Permito-me suspirar aliviada. Mas no que eu estava pensando? É claro que ele não me viu mais cedo, aquilo foi um leve reflexo. O homem, meu paciente, está apenas querendo me agradecer, que é natural, afinal.

— Sim, vim apenas me servir de um café e fatias de bolo, que nunca como por completo. Me pergunto por que sempre peço dois pedaços — falo risonha e sorrio quando Margareth pede permissão para provar do bolo.

— Deve ser porque interiormente você deseje uma companhia e nem mesmo saiba disso — ela retruca, fazendo com que eu pondere por alguns segundos.

Será mesmo isso? Bobagem.

Termino meu café e levanto-me, sendo acompanhada pela morena pouco mais alta que eu.

— Então, vamos?

Ela questiona e eu assinto, colocando meu jaleco.



Entro timidamente, como se fosse mais uma visitante do que uma médica, o que é estranho. Quando firmo meus olhos, Joseph empata minha visão, estando a frente do paciente, o que não me incomoda tanto. Levo meus braços para trás e seguro minhas próprias mãos, esperando que o homem fale alguma coisa para que eu volte à minha rotina.

— Filho, aqui está Lizzie, sua médica — dispara Margareth, trazendo a atenção dos homens para mim.

Coro brevemente quando os olhos vivos e esverdeados avaliam meu rosto.

— Sinceramente, não esperava alguém tão jovem. — Ele sorri para mim, uma fileira de dentes perfeitamente alinhados.

— Mm. Fico contente que tenha acordado, senhor Campbell. — Sorrio minimamente, sentindo-me tola por estar embaraçada com algo tão trivial.

Ele cruza suas mãos acima do colo.

— Por favor, me chame de Benjamin, ou Ben, como preferir. Não quero atrapalhar seu trabalho, acredito que é uma mulher ocupada, mas eu precisava agradecê-la por ter salvo minha vida... Então, obrigado, linda Lizzie, por me ter ajudado a permanecer neste mundo.

Engulo em seco, não por apenas ter me elogiado assim subitamente, mas também pelo segundo sorriso que me foi lançado. Ele, de fato, tem um belo sorriso... Algo que nunca havia me prendido com tamanha facilidade. Seus olhos verdes brilhantes têm um poder intenso de me arrastar involuntariamente.

Não se desvie, Lizzie. Céus, ponha-se em seu lugar de médica profissional.

— Acho que vou na lanchonete. Trarei café. — Saio de meu transe repentino ao ouvir a voz de Margareth e a porta ser fechada em seguida.

Será que ela notou meu comportamento? Será que estou sendo óbvia de que o paciente a minha frente me afetou abruptamente? Não... É apenas um homem bonito e eu sou uma mulher jovem que não lembra a última vez em que saiu com um rapaz de mesma aparência atraente, apenas isso.

— Imagina, Benjamin! Eu apenas fiz meu trabalho, por isso espero que sua recuperação seja rápida e meus sinceros votos de felicidade. Preciso voltar ao trabalho. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Campbell. — Viro-me para o homem mais velho antes de cruzar meus olhos com as esmeraldas cálidas. — E Benjamin.

Rodo nos calcanhares, desejando um banho frio e roupas quentes, mas estaco meus passos quando novamente a voz rouca paira em meus ouvidos.

— Foi um prazer, Lizzie. Boa noite.

— Boa noite, Ben!

Olho por cima do ombro antes de fechar a porta atrás de mim. Levo a mão ao peito onde as batidas de meu coração batem sem piedade, pulsando com toda força. Começo a caminhar pelos corredores com a imagem do homem a preencher meus pensamentos, o que é imediato.

Olho o relógio e felizmente deparo-me com meu plantão dado como encerrado. Pela primeira vez, quero pular de alegria por saber que em poucos minutos estarei em casa, banhada, em meus edredons quentes comendo Doritos com a Netflix passando uma comédia romântica qualquer.

Nada melhor para encerrar a minha noite sem pensar em pacientes bonitos.



Faz pouco mais de quarenta minutos que cheguei em casa. Neste mesmo segundo, encontro-me com a cabeça embaixo do chuveiro, deixando com que a água me lave suavemente. Interiormente, ordeno que meus pensamentos se juntem à água que desce pelo ralo. Isto não acontece e tenho uma leve impressão do que está acontecendo...

Eu estou interessada em Benjamin Campbell, meu paciente. Durante esses dias em que ele esteve em repouso, não hesitei em ir visitá-lo, mesmo que uma enfermeira pudesse ir em meu lugar. Eu preferia ir pessoalmente, só para vê-lo... Outro ponto é que seu sorriso e seus lúmenes verdes não recuaram, continuaram impregnados em minha mente, persistentes.

O que me leva a questionar:

— Há possibilidades de se apaixonar à primeira vista?

Capítulo 4

Benjamin

Faz poucos minutos que abri minhas pálpebras. Mesmo assim, insisti em ficar na cama. Fixo o olhar no teto, aéreo ao mundo à minha volta...

— Senhor, vai se atrasar para o trabalho. Pode não se aprontar a tempo.
— A intromissão de minha empregada traz de volta ao mundo real.

Levanto e espreguiço-me levemente.

— Deixei a porta aberta novamente? — indago, porque ela só entra quando a deixo entreaberta, fazendo sua entrada ser convidativa.

— Sim, senhor. Carola pediu para que o acordasse. Agora, se me der licença.

Tiro minha camisa quando a porta é fechada. Entro no banheiro disposto a tomar um banho morno. Retiro a toalha de meu corpo após sair do banheiro e me enxugo devidamente; como hábito acabo por jogá-la em qualquer lugar do quarto, ciente das broncas da minha governanta mandona.

Desço pelas escadas amplas e chegando na cozinha encontro dona Carola, minha segunda mãe e governanta, preparando um café com leite.

— Bom dia, Carolazinha. — Beijo sua bochecha e sento-me na cadeira de frente àquele café da manhã farto e prontamente organizado.

— Bom dia, menino. Vejo que está em cima da hora, mas nem pense em sair sem se alimentar direito — ralha com os olhos apertados pelas rugas perspectiveis.

Sorrio.

Dona Carola é uma das pessoas em que mais confio; não é à toa que é minha governanta e chefe da casa.

— Tem bolo de maçã com canela. Sei que você gosta, por isso preparei eu mesma.

— Muito obrigado, a senhora é um anjo na minha vida — falo, dando uma piscadela.

— O que é isso, menino! Eu gosto muito de cuidar de você.

Termino meu café da manhã com certa velocidade, recebendo a todo momento olhares repreendedores. Beijo a testa da idosa rabugenta que começa a reclamar de minha irresponsabilidade quanto à minha saúde e, risonho, saio da casa, chegando ao portão e encontrando meus seguranças.

— Bom dia, caro Osvald. Como tem passado?

Cumprimento o chefe de segurança.

— Bom dia, senhor Campbell. Tenho passado muito bem, e o senhor? — O homem, pouco mais baixo que eu, mostra-me um sorriso discreto.

— Muito bem! Dessa vez não pretendo dirigir, se não se importa. — Adentro o carro, com ele tomando o volante em seguida.

— É meu trabalho, senhor. — Olha-me pelo retrovisor. — Protegê-lo é minha prioridade.

Sorrio para o homem.

— Grato, Osvald. Embora eu o retorque, sei que ganhará a discussão de lavada.

— Sim, senhor.

Enquanto não chego no escritório, fico pensando em minha vida, em tudo que sonhei consegui conquistar, com tamanho esforço, devo ressaltar. Sou grato a Deus e aos meus pais por isso. Eles me educaram muito bem e pretendo repassar o que me passaram para os meus filhos.

Penso também em todos que trabalham para mim. Considero-os da família e não como empregados. São pessoas especiais e que desde sempre se encontram presentes em minha vida, cuidaram de mim sempre em primeiro lugar. Sinto-me honrado por ter pessoas primorosas à minha volta.

Chego no escritório e cumprimento minha secretária, que por sinal também é a do Phil.

Ele não quis contratar uma, porque Brianne consegue dar conta. Não é muito difícil para ela, a mulher é mesmo competente, o que me deixa aliviado. Acredito que não devo me preocupar com ela, sempre se mostrou capaz.

— Bom dia, Brianne, te espero em minha sala com a agenda de hoje.

— Bom dia, senhor Campbell. Já estou levando.

Entro na sala e sento em minha cadeira. Vejo se tenho alguma coisa pendente para resolver, enquanto a espero com o que pedi. Assim que ela chega, me passa duas reuniões e uma audiência para hoje.

— O senhor tem a primeira reunião para às oito horas da manhã, a segunda às onze e a audiência às três e meia.

Assinto.

— Obrigado. Prepare para mim a sala de reuniões, por favor!

— Sim, senhor, com licença.

Ela sai da sala, deixando-me sozinho.

Termino de assinar os papéis e resolvo dar outra olhada no caso da dona Christine sobre a morte de seu marido, Jeffrey Feldman, o que eu acho uma calamidade. Após alguns minutos, saio da minha sala e caminho em direção à de reuniões.

Chego lá e já estão à minha espera. Cumprimento todos, inclusive Philips, meu melhor amigo e parceiro de trabalho, um grande homem. Nós nos conhecemos desde os oito anos de idade. Aprontamos muito, o que é engraçado de lembrar. Estudamos juntos, tanto no colégio quanto na faculdade. Somos muito parecidos nos hábitos e gostos.

— Bom dia a todos. — Mostro-me sério.

Sou cumprimentado em uníssono.

Então, dou início a reunião.



Assim que acabamos, permaneço na sala junto com Phil, aguardando a próxima reunião do dia.

— Só acho que precisamos de umas férias, esses casos estão ficando cada vez mais complicados — diz Phil.

— E quem disse que casos são fáceis? — Ergo uma sobrancelha.

Ele revira os olhos.

— O que acha de sairmos? Precisamos nos divertir um pouco, só ficamos aqui no escritório ou nas audiências.

— Vou pensar no seu caso, Philips — respondo.

Sinto uma leve dor no pescoço... É, ele tem razão, talvez necessitemos de uma saída, sem papéis e reuniões.

— Então, vamos? — insiste, tirando-me de meus pensamentos.

— Tudo bem, você me convenceu. Passo na sua casa às nove da noite — falo para Phil, que até então me olhava incrédulo.

— Até que enfim. A última vez que saímos foi quando aconteceu aquele

lance com Morgan.

— Nem me lembre disso porque meu sangue ferve só de pensar em quanto fui burro. — Phil me olha e vejo raiva em seu olhar. Ele, por ser um grande amigo também não engoliu a cena que vimos na balada.

Como um filme que tem vida própria, eis que aquela noite novamente cruza meus pensamentos. O momento em que os lábios dela tocaram em outro homem, esfregando-se nele como se fosse uma prostituta barata, em público, enquanto eu observava aquilo tudo perplexo... E irado.

Morgan era minha namorada. Ficamos juntos durante quatro anos, longos quatro anos. Eu ia a pedir em casamento em breve, mas ela acabou com tudo e eu vi que realmente não era mulher para mim. Minha mãe sempre me falou que não gostava dela, achei que fosse implicância e ciúmes de mim, no entanto, vi que não.

Até então, ela não havia visto minha chegada, mas, assim que me viu, veio correndo tentar explicar algo que não havia explicação... Algo imperdoável.

— Amor, não é isso que você está pensando, por favor, me deixa explicar? — disse no momento.

Eu havia gargalhado miseravelmente com aquele discurso fajuto.

— Claro, Morgan, ele só estava tentando tirar um cisco do seu olho, não é? Ou melhor, você estava passando e acabou caindo em cima dele, né? Você acha que sou algum otário por algum acaso? Eu te vi se esfregando no cara, vi também que estavam quase se comendo, vi o papel de vadia que você estava interpretando... E digo com tamanha maestria, fiquei emocionado.

— Amor, por favor. Não pensei no que estava fazendo, talvez tenha exagerado na bebida. Você me perdoa? Vamos para casa, conversarmos melhor!

— Não seja ridícula e suma logo da minha frente.

— Ben, amor, por favor. — Ela deixou suas lágrimas caírem. A quem ela queria enganar?

— O teatro acabou, Morgan. Tudo entre nós acabou. Nunca faltou nada para você, desde carinho a boas joias... Eu quero você longe da minha família, longe de minha casa e longe de minha vida.

Ainda hoje, só não me conformo com como passei quatro anos com ela e não percebi isso... A pessoa superficial que ela era, narcisista e traidora.

— Ele me forçou, ele...

— Você não me engana mais, Morgan... Adeus.

Ela agarrou-me pelo braço... Era deprimente a cena que ela estava fazendo, ajoelhando-se no chão, na frente de todas aquelas pessoas, pedindo-me para voltar, dizendo que me amava, que me queria e que não faria mais isso. Eu a levantei e olhei fundo em seus olhos. Ela sorriu por um segundo, achando que eu me deixaria enganar, mas ela estava redondamente enganada.

— Pergunto-me como amei alguém como você... Me sinto estúpido por planejar em pedi-la em casamento. Mas, acredite, eu não agirei mais como estúpido. Eu mereço algo melhor, eu mereço ser feliz. Você também merece, no entanto, peço que busque sua felicidade longe de mim, Morgan. Esse é meu definitivo adeus.

Passo a mão em meu rosto quando Phil estala seus dedos à minha frente, tirando-me dessa memória que me incomoda até hoje.

— Bom, vamos acabar com isso aqui. Logo teremos a próxima reunião.

Capítulo 5

Benjamin

Quando acaba nossa reunião, vejo que tenho pouco tempo para almoçar. Tenho que correr para audiência e Phil me acompanhará, mesmo sendo eu o responsável.

Esse caso nada mais é sobre Eric ter matado o marido da minha cliente, dona Christine. Eric Courtney, o homem que conheci quase que minha vida estudantil inteira — aliás, Phil e eu o conhecemos bem, aquele arruaceiro de araque. Por alguma razão desconhecida, ele sempre me odiou. Segundo meu melhor amigo, aquilo sempre foi inveja que ele nutria por mim e isso acabou o cegando, fazendo-o me odiar por uma vida inteira. Sempre que nos esbarrávamos, ele insistia em vir para cima de mim, querendo me golpear. Eu não sou um homem violento, por essa razão tentava me esquivar. Fazia isto também pela minha mãe, não queria envergonhá-la, todavia, todos temos um limite e o meu chegou. Acontece que chegou o dia em que eu saí na porrada com ele e, desde então, sempre batíamos de frente.

Ele sempre arrumava um jeito de me perturbar, tinha uma grande implicância comigo. Até hoje gostaria de saber o porquê disso, porque não acredito que seja simples inveja. Às vezes eu penso por ser a minha cor... Minha infância não foi perturbadora, mas sempre havia pessoas que torciam o nariz para mim; embora eu ignorasse, aquilo machucava. Mas eu não me importo, sou um homem honesto, amo minha família e sempre agirei corretamente. Não será pessoas que praticam preconceito comigo por ser negro que vou me deixar abalar... Nunca mesmo.

Só lamento por essas pessoas.

Hoje tenho essa vida boa, com todos os meus esforços, e agradeço muito a Deus por ter me guiado por esse caminho, o caminho do bem.

Nunca comentei nada disso com meus pais, sempre aguentei tudo calado. Simplesmente não queria que eles soubessem. Principalmente minha mãe, que ficaria arrasada com aquilo. Por isso eu os poupei, e ainda bem que fiz isso.

Não falo só sobre o Eric, e sim em geral. Tem muitas pessoas no mundo, com todos os tipos de preconceito. É repugnante. Não será cor, classe social, sexo que nos fará diferentes, somos todos iguais, somos pessoas de carne e osso, com sentimentos! Somos filhos de Deus, o Criador que nos fez sob medida, sem diferenças... Nós, humanos que estragamos isso com nossa ignorância, mas tenho fé que esse mundo melhorará. Basta cada um fazer sua parte, dar amor,

espalhar amor e não ódio para um mundo melhor.

Saio de meus devaneios com Phil me chamando para almoçarmos no restaurante aqui perto do escritório.

— Vamos, Ben, iremos nos atrasar se você continuar no mundo da lua.

— Estou indo. — Acompanho-o com uma pequena correria quando Phil inicia suas passadas largas.

— Espero que tenha frango — comenta ele, entrando no elevador.

— Você é mesmo um franguinho — alfineto e faço um barulho similar a galo. Ele ri, rolando os olhos.

— Que infantil, cara — fala. — Não é assim que se faz, é assim.

Gargalho quando ele tenta imitar o que fiz há pouco. Aquilo que ele emitiu mais se assemelha a uma foca.

Depois de almoçarmos, precisamos ir rapidamente ao encontro da senhora Christine no tribunal. Espero que tudo ocorra bem. Confesso que estou um pouco nervoso.



Olho meu relógio de punho e noto que estou atrasado. Que irresponsável, isso nunca me aconteceu.

— Phil, temos que ir, não posso chegar tarde lá, dona Christine deve estar me esperando já.

— Sim, não podemos nos atrasar mesmo — Phil me responde e faz um sinal com a mão para o garçom para pedir nossa conta.

Assim que pagamos, saímos em disparada para a garagem do estacionamento do escritório pegar nossos carros.

Chegamos no tribunal e vou de encontro com a Dona Christine, cumprimentando-a.

— Olá, dona Christine, desculpe-me por não ter vindo mais cedo, tive reuniões antes de estar aqui — explico-me.

— Oi, doutor Benjamin. Imagina, só espero que tudo corra bem e esse

ser desprezível pague pela morte do meu marido. Não está sendo fácil aguentar isso, ainda mais com nosso filho perguntando por ele — ela me fala e vejo tristeza e raiva em seu olhar. Eu a compreendo, deve ser difícil perder alguém querido.

Eric assassinou o marido da dona Christine, o senhor Feldman. Nós conseguimos uma filmagem mostrando Eric atirando nele, além de uma testemunha, o senhor Smoking.

Agora é só esperar. Ele não vai escapar.

Eric não era assim. Por mais que brigássemos, ele não aparentava ser um homem violento. Pelo menos com outras pessoas, ele sempre foi pacífico e reservado... afetivamente. Logo após tudo isso acontecer, chegou aos meus ouvidos que ela é usuário de drogas; aquilo foi uma surpresa para mim.

E mais... Ele conheceu pessoas barra pesada, o que não é nada recomendável.

Eric tem que ser preso, ele é perigoso.

Espero que agora, com tudo isso, ele pague o que fez. Não pode destruir mais uma família, matar um bom homem que deixou desamparados a esposa e filho, isso é inadmissível.

Pela primeira vez em todo esse tempo como advogado, eu estou ansioso, e muito.

Deve ser por eu saber que vou enfrentar o meu inimigo.

— Também espero que isso aconteça, dona Christine. Vamos para a sala, está na hora — respondo e saio andando. Dona Christine e Phil me seguem.

Entramos na sala e Phil permanece lá fora no banco, aguardando.

Eric está ao lado do seu advogado, o Stewart. O juiz está sentado no seu lugar e dona Christine e eu estamos sentados de frente para os dois. Stewart é um bom advogado, mas, infelizmente, resolveu defender Eric.

O juiz começa a falar e eu observo, atento.

— Senhores, estamos aqui para julgar Eric Courtney pelo delito cometido contra o senhor Feldman. Temos a defesa e a acusação. Eric Courtney está sendo supostamente acusado de matar o senhor Feldman.

Observo, cauteloso. Como assim *suposto*? Temos provas contra ele, temos uma testemunha também. É sério mesmo que eu tive que ouvir isso?

— Podemos começar com o interrogatório — fala e Stewart, advogado do Eric, começa as perguntas.

— Senhor Eric Courtney, onde estava quando ocorreu esse delito?

Eric me olha a todo momento e vejo seu sorriso debochado.

Desgraçado.

— Estava em minha casa, nunca estive nesse lugar — mente.

— Tudo bem, sem mais perguntas, senhor juiz — Stewart termina e eu me preparo para perguntar. Tento me controlar o máximo possível.

— Eric Courtney, temos uma testemunha e uma filmagem na qual você atira contra o senhor Feldman, o que tem a dizer sobre isso? — pergunto diretamente.

— Não sei do que está falando. Como eu disse, estava em minha casa. Com certeza me confundiram com outro homem.

Eric não me engana. Como sempre, permanece com o sorriso cínico em seu rosto. Vejo a mentira estampada em sua face, não sei como o juiz não percebeu, só pode ser cego. Sua cara ao mentir é totalmente debochada.

Eu não faço mais perguntas e então o juiz pede para que entre a testemunha. Só que não entra ninguém. Ele pede novamente, mas o senhor Smoking não compareceu. O juiz, então, pede para esperarmos pela sentença.

Estranho o não comparecimento do senhor Smoking, ele garantiu que viria. E iria trazer com ele a gravação. Ele deveria ter me avisado, só espero que isso não afete em nada.

Era uma grande ajuda e ele está atrasado.

Capítulo 6

Benjamin

Eu não sei expressar o tamanho da minha indignação neste momento ao saber que Eric continuará solto, como se fosse inocente. INOCENTE. Minha ira é palpável, tive que manter meu autocontrole para não sair do meu papel de profissional.

Chamo a atenção da senhora Christine para sairmos da sala. Ela, por sinal, está totalmente arrasada. Impossível não ficar, ainda mais sabendo que o assassino do seu marido vai ficar por aí como se nunca tivesse feito nada, filho da...

— Dona Christine, quero me desculpar por não ter conseguido. — Encaro-a com certa vergonha, decepcionado comigo mesmo.

— Não tem problema, doutor Benjamin, sei que você deu o seu melhor, sei o quanto trabalhou duro. Espero que um dia ele pague pelo que fez. É difícil chegar em casa e não encontrar o Jeffrey em sua poltrona... Que esse dia chegue logo e que a justiça seja feita — fala com a voz embargada.

— Eu vou fazer de tudo para que isso aconteça. Vou atrás do senhor Smoking, preciso saber por que ele não apareceu. A senhora pode ter certeza que não vou desistir até que eu consiga fazer com que Eric apodreça na cadeia, não se preocupe — falo, determinado.

— Tudo bem. Bom, preciso ir, vou tentar descansar. Qualquer coisa é só me ligar.

— Mantenho contato. Boa noite, tenta descansar mesmo, a senhora precisa. Teve um dia muito cheio. Tchau, senhora Christine.

Aceno.

— Tchau, doutor Benjamin, até mais. — Sorri fraco, entrando no carro.

Assim que terminarmos a conversa, vejo Phil conversando com uma loira de belíssimos olhos azuis. Ele não perde tempo mesmo... Rio fraco e meneio com a cabeça.

Assim que ele me vê, se despede da tal mulher e segue até mim.

— Você não está com uma cara boa, o que aconteceu?

— O filho da puta está solto. O senhor Smoking não apareceu, não tenho as filmagens e simplesmente o juiz caiu na onda do Eric. Com toda a certeza tem dedo dele nisso aí e eu preciso saber o porquê de o senhor Smoking não ter vindo. Vou atrás dele.

— Dona Christine saiu desolada daqui — comenta ele.

— E eu também quero sair logo daqui, não quero ver a cara dele. Sou capaz de esquecer que sou um advogado respeitável e quebrar a cara dele — rosno, irritado.

É difícil para mim, que sou um bom advogado. Modéstia à parte, mas eu realmente sou bom no que faço e vou fazer de tudo e mais um pouco para acabar com o Eric.

— Não acredito que ele conseguiu, esse juiz é um burro ou o quê? Filho da puta miserável, se antes eu odiava o Eric, agora odeio mais ainda — Phil fala, visivelmente irritado. Não sou só eu que não suporto Eric, Phil nunca foi com a cara dele também.

— Nós conhecemos Eric muito bem, não tenho dúvidas que tem dedo dele nisso tudo — Phil continua.

— Você não sabe o quanto eu me controlei naquela sala. Ele me olhava com aquela cara de deboche, meu sangue ferveu.

— Sorte dele é que eu não estava lá. Diferente de você, não tenho controle — retrucou meu melhor amigo.

Ele não tem mesmo, impulsivo como é.

— Vamos sair, ele deve aparecer a qualquer momento, não quero isso — falo, andando em direção à porta. — Ele me acompanha. — A propósito, quem é a loira? — pergunto quando estamos perto dos nossos carros.

— Chama-se Melanie Pain, trabalha por aqui. Ficamos conversando enquanto você não chegava — responde, rindo.

— É, percebi. Você não perde tempo mesmo hein. — Acabo rindo.

— Ué, Osvald não veio? — questiona-me.

— Não, esqueceu que vim do escritório? Ele só me deixou lá e, como você sabe, meu carro ficou na garagem do escritório. Não avisei para ele vir.

— E o Adam? Não era para estar aqui, então? — volta a perguntar, preocupado, até porque nós nunca andamos sem segurança.

— Vou direto para casa, Phil, não precisa ligar para eles agora. — Rolo os olhos. Bobagem, não faz mal andar sem guarda de vez em quando.

— Você brinca com a sorte, isso sim. Sabe que é arriscado andarmos sem segurança. Eu vou te acompanhar. O William está me esperando, então não terá problema, nós te seguimos.

— Não precisa, Phil, vou direto para casa, não tem problema. Estou indo, estou exausto, preciso esfriar minha cabeça.

— Ok, você venceu Benjamin. Estou cansado também, preciso de um bom banho. E ainda acho que você deveria ligar para algum deles. Tchau, até amanhã no escritório.

— Tchau, até — despeço-me brevemente dele.

Antes de dar a partida no carro, penso melhor. Eu não devo, Phil tem razão, não posso ser descuidado agora. Pego o celular no meu bolso, disco o número do Osvald e não demora muito para ele atender.

— Osvald, saí da audiência. Eu estou aqui em meu carro, preciso que me encontre.

— Senhor Campbell, me desculpe, precisei sair para comprar algumas coisas para a Carola, mas Adam e os outros estão livres, às suas ordens.

— Tudo bem, continue o que estava fazendo, ligarei para Adam. Até mais.

— Tchau, senhor.

Ligo para Adam e aguardo enquanto ele vem.

Eu deveria ter ligado antes. Se o tivesse feito, não ficaria esperando.

Enquanto isso, tento ligar para o senhor Smoking, mas só chama e cai na caixa postal. Bufo e me irrita mais ainda. Preciso ir pessoalmente na casa dele, quero saber o motivo pelo qual não apareceu aqui hoje e espero que seja justificável.

Adam chega e acena com a cabeça, cumprimentando-me dentro do carro. Faço o mesmo, dou partida em meu carro e ele me segue. Dirijo pelas ruas, que por sinal estão com pouco movimento, olho para o retrovisor e Adam permanece atrás de mim.

Quando entro em uma estrada que vai para a minha casa, ouço um barulho de tiro e, em seguida, sinto um impacto no meu lado direito do carro. Olho para ver do que se trata e então os olhos frios de Eric se encontram com os meus.

Meus olhos vão para o retrovisor e vejo que o carro de Adam está batido de encontro a uma parede ampla.

Droga, que merda está havendo?

Olho novamente pelo retrovisor e, para minha surpresa, Eric está próximo demais com o seu carro. Surpreendo-me quando o bate na traseira do meu, levando-me para frente. Tento tomar o controle do meu automóvel, mas ele volta a bater com mais força, levando-me a perder o total controle. Quando dou por mim, estou girando, ficando agoniado com os vidros quebrando-se à minha

volta e o carro movimentando de modo a me sacudir para todos os lados. Bato com meu rosto fortemente no volante, logo sinto o líquido quente descer por minhas narinas.

Eu estou capotando violentamente, assustado e zozzo.

Então...

Tudo escurece.

Capítulo 7

Benjamin

Acordo sentindo-me perdido e dolorido. Quando meus olhos pairam sobre a luz, volto a fechá-los fortemente com aquele terrível incômodo.

Onde estou?, é a primeira pergunta que circulou a minha mente.

Tento abrir meus olhos aos poucos para se acostumarem, minha cabeça parece que vai explodir. Que dor insuportável. Logo, quando minha visão se acostuma, a primeira coisa que vejo é minha mãe abraçada ao meu pai, chorosa.

— Mãe? — chamo. Minha voz sai esganiçada.

— Benjamin? — Meu pai interroga. — Graças a Deus, você acordou.

— Filho, oh, meu filho, que susto que eu levei — ela fala com os olhos banhados em lágrimas, deixando-me desconfortável. — Quando me ligaram e deram a notícia, eu perdi o chão por um momento.

— Filho, diga-me, o que aconteceu? Não me parece um simples acidente. No carro de Adam havia marcas de tiros e a traseira do seu estava danificava, o que me leva a perguntar: quem fez isso, Benjamin? — pergunta, exaltado.

Eu não lembro a última vez que vi meu pai assim... E quando vi, não acabou bem. Ele é um homem calmo, mas transforma-se em uma fera ao estar nervoso. Tento me recordar do que aconteceu, mas nada me veio à mente. Minha cabeça dói e tudo está confuso e, quanto mais tento lembrar, mais a dor aumenta.

— Apenas lembro de ouvir um tiro e do carro capotar, pai. Por enquanto, só disso.

— Está sentindo algo, filho? — indaga senhora Margareth.

— Estou com dor de cabeça. E a senhora, comeu alguma coisa? — Semicerro os olhos.

— Não — responde meu pai. — Ela nega-se a comer.

— Mãe, como assim? — Exalto-me e a dor volta.

— Filho, fique quieto e descanse...

— Não, mãe! Você precisa se alimentar — repreendo-a.

— Eu estou bem, filho — insiste.

— Ficarei nervoso e a dor aumentará se a senhora não comer, por isso vá para casa, coma e descanse. Por favor, senhora Margareth.

Odeio quando ela faz isso, se negar a comer. Ah, mas eu não vou deixar.

— Eu não vou para casa. Aqui tem uma lanchonete, como aqui, mas eu

não vou embora. Esperei muito a doutora Lizzie liberar as visitas.

Suspirei.

— Tudo bem... Quem é Lizzie?

— A médica que salvou sua vida, filho. Ela é um anjo e eu sou eternamente grata a ela.

Assinto. É uma raridade ouvir minha mãe falar assim, mas por se tratar da mulher que me salvou, está explicado.

— Eu quero conhece-la, mãe! Traga-a aqui, por favor.

— Tudo bem, filho. Vou indo.

Minha mãe sorri antes de fechar a porta. Rapidamente, meu pai se aproxima, sentando-se próximo a mim.

— Onde está Adam? — pergunto antes que meu pai fale qualquer coisa.

— Esse tiro que você falou atingiu o Adam. Ele não resistiu, eu sinto muito — respondeu, como quem se joga um balde de água fria em alguém.

Meu Deus. Adam morreu?

— Ele era um bom segurança. Eu sinto pela família. Renée, esposa dele, deve estar sofrendo muito com isso. Pelo que sei, só o Adam trabalhava e ela cuidava das crianças. Assim que eu sair daqui, vou dar toda assistência que a família dele precisar.

— Sim, filho, me orgulho disso. Pretendo ajudar também. Ele trabalhava para nós, afinal.

É um breve silêncio antes de meu pai perguntar de uma vez o que o me incomoda. Eu notei sua mão passar constantemente na cabeça.

— Filho, você chegou a ver o bandido? — meu pai pergunta.

Faço um esforço e engulo em seco seguidamente.

A imagem do Eric toma forma em minha mente. Adam, com o carro batido pelo tiro disparado. Seu carro se chocando contra o meu, eu capotando e perdendo a consciência.

Tudo é bem nítido agora.

— Eric, pai. Agora eu me lembro. Ele matou Adam. Esse desgraçado tentou me matar, acertando seu carro contra o meu, o que me leva a pensar que ele ficou sem balas. Esse grande filho da puta me queria morto.

— O mesmo Eric que está sendo acusado?

— Ele mesmo, pai.

Fecho a mão em punho, esmurraria a parede se pudesse.

— Agora mais do que nunca, filho, ele precisa ser preso. Eric é perigoso e por pouco não te mata, graças a Deus nada pior te aconteceu.

— É pai, eu sei, mas infelizmente esse babaca conseguiu forjar tudo e eu só preciso descobrir como. As provas contra ele e a testemunha não apareceram. Ele conseguiu se safar e aproveitou para tentar acabar com a minha vida também. A propósito, não comente nada com minha mãe, a conhece bem...

Antes que eu termine de falar, minha mãe entra no quarto, fazendo nós dois nos calarmos imediatamente.

— Filho, aqui está Lizzie, sua médica — fala minha mãe, mas não posso ver porque meu pai empata minha visão daquela direção.

Meus olhos finalmente se cruzaram com os olhos azuis e tímidos da jovem moça, o que me surpreende. Noto suas bochechas corarem levemente, fazendo com que eu a observe mais atentamente.

— Sinceramente não esperava alguém tão jovem. — Sorrio para ela.

— Mm. Fico contente que tenha acordado, senhor Campbell.

Ela retorna o sorriso, um pequeno sorriso, para ser específico. Ela parece amuada. Será ela tímida? É realmente é uma criatura interessante, muito bonita... O que me faz achá-la ainda mais surpreendente é o fato de ter salvo minha vida, pelo que serei eternamente grato.

Cruzo minhas mãos acima do colo.

— Por favor, me chame de Benjamin, ou Ben, como preferir. Não quero atrapalhar seu trabalho, acredito que é uma mulher ocupada, mas eu precisava agradecê-la por ter salvo minha vida... Então, obrigado, linda Lizzie, por me ter ajudado a permanecer neste mundo.

Sorrio para ela e o que me faz recuar o sorriso lentamente é o momento que observo-a engolir em seco. Ela parece nervosa, o que me faz me preocupar. Será que ela está bem? Ela demora a falar, mas não recua seus olhos azuis dos meus. É minha vez de engolir em seco. Seus olhos brilhantes em um azul intenso parecem sorrir para mim, deixando-me um tanto encantado.

— Acho que vou na lanchonete. Trarei café. — Ela parece voltar a si quando minha mãe fala, saindo do quarto com um sorriso suspeito.

— Imagina, Benjamin! Apenas fiz meu trabalho, por isso espero que sua recuperação seja rápida, e meus sinceros votos de felicidade. Preciso voltar ao trabalho. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Campbell. — Ela vira-se para meu pai antes de cruzar seus olhos com os meus. — E Benjamin.

Ela está saindo do quarto, mas eu queria ouvir sua voz mais uma vez. Por

isso, disse:

— Foi um prazer, Lizzie. Boa noite.

Ela olha por cima do ombro.

— Boa noite, Ben!

Confesso que depois que ela sai do quarto, deixando-me na companhia do meu pai. eu me sinto... incomodado. Quero saber mais sobre ela, quero poder ouvir mais de sua bela voz.

Capítulo 8

Benjamin

Assim que a doutora deixa a sala, minha mãe volta, alguns instantes depois.

— A senhora comeu, Dona Margareth?

Ela sorri, o típico sorrisinho de mãe dengosa.

— Sim, meu amor! Comi e acredito que seu pai deveria o mesmo.

Como posso ter pais tão negligentes? Eles devem se cuidar, não podem agir dessa maneira só por eu estar no hospital. Devem pensar que me preocupo com eles assim como se preocupam comigo.

— Ouviu, pai? Não pode ficar sem se alimentar, então, por favor.

Ele se levanta e assente para mim.

— Como o pior já passou, agora vou tomar um café...

— Café não enche barriga — retruco.

— Querido, há um bolo com recheio de baunilha que é uma delícia — fala minha mãe, com certa emoção.

— Então vou prová-lo. — Pisca divertido para minha mãe, que ruboriza, levando-me a rir.

Eles nunca mudam, parecem dois adolescentes apaixonados e eu os invejo por isso... Mas meu dia vai chegar, encontrarei uma boa mulher que aceite todos os meus defeitos e mais um pouco e, então, farei com que ela seja a mulher mais feliz deste mundo, a encherei de amor, formaremos uma família...

— Então, filho, como se sente? — indaga Margareth, interrompendo meus devaneios.

— Sinto-me melhor, obrigado, mãe. — Toco sua mão.

— Tem certeza? Quer que eu arrume seu travesseiro? Talvez um copo d'água...

— Mãe — interrompo-a, risonho. — Eu estou bem. Não há com que se preocupar.

— Certo, querido, mas se precisar é só falar.

— Tudo bem, mãe. Eu amo você, obrigado mesmo.

— Oh, filho, eu amo tanto você. Tive tanto, mas tanto medo de perdê-lo.

Sorrio triste, puxando-a para um abraço.

— Vaso ruim não quebra — falo, depositando um beijo em sua cabeça.

Ela ri com minha piada clichê.

Nosso momento é cortado por batidas insistentes na porta.

— Entre! — diz minha mãe.

— Benjamin, graças a Deus... — Phil pausa quando vê minha mãe sentada ao meu lado na cama. — Olá, senhora Margareth, como tem passado?

— Olá, garoto Phil, estou muito bem e você?

— Sim, bem! — Ele se aproxima um pouco ansioso. — Que bom que está bem, cara, eu pensei muita merda na vinda até aqui.

— Bem, vou deixar vocês a sós. — Margareth levanta-se, dando-me um cálido beijo na testa antes de deixar o quarto, alertando meu amigo Phil de que não deve me desgastar ou falar coisas que me deixem ansioso a ponto de me fazer capotar. Que exagero, como uma conversa me fará desmaiar?

Não evito rolar os olhos, mas acabo rindo no final.

— Cara, me desculpa ter vindo só agora, mas é que eu só soube há pouco tempo e corri para cá. Liguei para sua casa e dona Carola me avisou que estava aqui. Eu estranhei porque te mandei mensagens e você não respondia. Como isso aconteceu?

Suspiro e ele continua.

— Achei que o Osvald ou o Adam iam te acompanhar! — Phil fala com certa irritação na voz. Por isso que eu o considero bastante. Somos irmãos. Não de sangue, entretanto, isso não importa. O importante é que eu quero vê-lo feliz e ele deseja o mesmo a mim.

Conto a ele o que aconteceu em detalhes.

— Era Eric, aquele desgraçado estava tentando fazer meu carro capotar. E ele conseguiu, como você pode ver — explico irritado.

— Filho da puta. Eric mais do que nunca tem que apodrecer na cadeia.

Phil bate com a mão na mesa ao meu lado, nervoso. Talvez um pouco assustado também, mas quem não ficaria? E se ele não estiver satisfeito e vir à nossa procura novamente? De nossas famílias? Eric não parece estar mais com o juízo intacto, quem garante que ele esteja mesmo em sã consciência?!

— Ele com certeza sumiu, fez isso porque sabe que uma hora ou outra eu vou conseguir com que ele apodreça atrás das grades. O pior foi saber que Adam morreu. Cara, você sabe o quanto confio em meus seguranças e sabe também que os trato como da família — falo, entristecido.

— Caramba, cara, disse eu não sabia. Pior é que eu fiquei bravo com ele e com o Osvald sem saber. Mas vamos dar um jeito, Eric vai pagar pela morte do

senhor Feldman, Adam e por tentar contra sua vida.

— Espero que isso aconteça logo. Com certeza ele fugiu para algum canto e assim que possível vou investigar onde ele está. Primeiro tenho que sair desse hospital, depois preciso ir atrás do senhor Smoking, ir à polícia... Pensar em tudo isso me dar dor de cabeça.

— Estamos nessa, irmão, mas agora preciso ir e você precisa descansar, foi um longo dia.... e bota longo nisso. — Phil solta uma lufada de ar ao meu lado.

— Verdade, na hora que o carro caiu pelo barranco, eu achei que fosse morrer, foi horrível..., mas antes que eu esqueça, você poderia me fazer um favor?

— Sim, pode falar.

— Eu preciso que você procure a família do Adam, veja o que eles precisam. Adam tem mulher e filhos, eu vou pagar uma indenização e também continuarei pagando o salário do Adam, até porque ele foi morto em serviço e não posso deixar eles passarem necessidades... Fala para a mulher dele que eu sinto muito e assim que eu sair daqui, vou pessoalmente conversar com ela.

— Você não existe, Ben... Admiro muito você, irmão, pode deixar que falo com ela sim. Aproveito para conversar com a dona Christine, preciso falar sobre o que aconteceu. Talvez você demore para entrar em contato com ela falando sobre o senhor Smoking.

— Bem lembrado, eu tinha me esquecido disso.

— Amanhã cedo passo aqui para saber como você está. Vou nessa, se cuida.

Phil me dá dois tapinhas no ombro.

— Obrigado por tudo que você fez e faz por mim. Você é o irmão que eu nunca tive — declaro, sorrindo solto para ele. — E fique de olhos abertos, não sabemos onde Eric se encontra — concluo.

— Deixa primeiro eu limpar uma lágrima aqui. — Finge limpar o rosto.

— Idiota! Eu sendo mais sensível com você e recebo isso?

— Não me diga que quer um beijinho. — Faz bico para mim, levando-me a dar uma gargalhada alta.

— Você não faz meu tipo, definitivamente. — Empino o queixo, como quem se julga superior.

— Imbecil. — Ri. — Vê se melhora logo.

— Tenho a saúde de um touro —falo antes que ele feche a porta.

Capítulo 9

Lizzie

Depois de ter saído do hospital, chego em casa, apertando a secretária eletrônica para ouvir os recados da caixa postal, mas acabo não retornando um deles que é da minha mãe. Amanhã eu retorno.

Vou para o quarto, desejando tomar um belo banho. Preciso muito relaxar meu corpo. Hoje o dia foi igual a todos os outros: cheio.

Fico pensando no paciente de olhos verdes... Benjamin. Uma súbita vontade de voltar a vê-lo me preenche. Meu estômago parece dar um baile agitado de borboletas dançantes que insistem em fazer festa, meu coração pulsa com mais velocidade com essa possibilidade de ver aquele homem que me despertou uma sensação medonha.

Apaixonada? Não, cedo demais; no entanto, posso afirmar que estou atraída por ele, sim. Quando sua voz grossa surge a minha mente, todos os pelos do meu corpo se eriçam, como se ele estivesse agora ao meu lado dizendo lentamente a mesma frase que dissera no hospital... *Linda Lizzie*.

Solto um suspiro.

Mas como isso é possível? Estou realmente ficando doida. Faz pouco tempo que eu o conheci, fora que ele é meu paciente.

Encerro com esses pensamentos e saio do chuveiro.

Coloco meu pijama e deito-me na cama, mas meus pensamentos insistem em divagar. Fecho os olhos e instantaneamente os olhos verdes preenchem minha cabeça... Bufo e não demora para que o cansaço chegue, presenteando-me com uma bela noite de sono.



O dia amanheceu mais brilhante hoje, podia jurar que os pássaros começaram a cantar à minha volta. Logo que pisei no corredor, todos sorriram para mim, como se me reverenciassem, como se eu fosse a mais importante daquele lugar. Nenhuma chamada de urgência me foi contada, na verdade não há paciente algum que eu possa atender e fico feliz que não tenha pessoas enfermas... O que é impossível.

Meu sorriso se alarga ainda mais quando me ponho a andar em direção ao quarto de Benjamin. Céus, eu o darei alta, enfim.

Bato na porta e escuto um “entre” animado. Entro recebendo um sorriso rasgado.

Reparo que só há o Benjamin no quarto. Isto é algo inédito, junto à carência de pacientes hoje. Senhora Margareth sempre insistiu em estar ao lado do filho, o que é compreensível, afinal.

— Bom dia, Benjamin! Como o senhor está hoje?

— Melhor agora com sua companhia, linda Lizzie — responde, atrevido. Engulo em seco.

— O que está dizendo, senhor...

— Estou dizendo o que meu coração ordena. Desde que pus meus olhos em você, momento algum você deixou meus pensamentos. — Ele se levanta, vindo em minha direção.

Enrijeço no lugar, sem reação alguma.

— Eu... eu...

Eu apenas balbucio, incrédula demais com tudo isso. Será que ele sente a mesma coisa quando estamos juntos? Pensa em mim desde que nos conhecemos? Será mesmo que tudo o que ele diz é verossímil?

— O senhor deve estar enganado. Você mal me conhece.

— Não preciso conhecer. Mas se isso a incomoda, podemos nos conhecer agora — murmura, tocando seu polegar em meu rosto.

Fecho os olhos.

— Meu coração bate tão forte, por quê?

— Por que eu não sei, mas que o meu enlouquece quando estou perto de te, isso sim posso confirmar.

Abro os olhos e, de súbito, ele me beija.

Acordo desnorteada. Solto um suspiro, fitando o teto do meu apartamento.

— Estava bom demais para ser verdade.

Olho para meu celular e já são dez da manhã. Levanto-me, indo diretamente para o banheiro. Preciso ligar para a minha mãe, não nos falamos há dias. E sendo ela como é, deve estar histérica.

Quando me mudei para cá, foi muito complicado, ela chorou muito, mas eu não poderia perder essa oportunidade. Era o meu sonho e eu não podia deixar

escapá-lo. Quando consegui o realizar, foi uma alegria muito grande para mim.

Meus pais sempre trabalharam muito, sequer paravam em casa... Sempre fiquei sobre os cuidados de Florinha, a nossa governanta.

Com o passar de anos, eles resolveram trabalhar menos, acredito que para recuperar o tempo perdido, mas era tarde. Faltavam apenas dois anos para concluir a faculdade, eu era uma mulher formada. Necessitava da atenção e cuidado deles quando criança, mas não guardo rancor, ou seja lá como for que se nomeie isso... Só sei que quero tocar minha vida à minha maneira, quero fazer minhas próprias escolhas, quero trilhar meu próprio caminho.

Pego o telefone e disco o número da minha antiga casa. Fico aguardando por dois toques, no terceiro alguém atende.

— *Casa dos Stanford, quem fala e o que deseja?"*

Florinha quem atende, como imaginei.

—Olá, Florinha, sou eu, Liz! Como você está?

— *Oi meu amor, eu estou bem e você? Estou morrendo de saudades, minha querida.*

Florinha como sempre é um amor de pessoa. Eu a considero muito, é uma segunda mãe para mim. Ela tem mais dois filhos, que trabalham na casa dos meus pais também; quer dizer, trabalham com eles na empresa. Eu os considero como da família, crescemos juntos, passamos por muitas coisas também.

— Eu estou bem. Queria saber dos meus pais, minha mãe me ligou, imagino esteja uma fera. Não tenho tido tempo essa semana. Ontem foi minha folga, mas acabei cobrindo o lugar do Tony, meu colega de trabalho. Foi de última hora e então não consegui ligar.

—*Ela ficou brava mesmo, você não sabe o quanto. Mas agora me diz, tem se alimentado direito? Você precisa se alimentar, se não quem precisará de cuidados médicos vai ser você. Acho até que precisa de férias.*

— Estou me alimentando sim, meu amor. Quanto a férias, não posso tirar ainda, o hospital precisa de mim, Florinha. Fora que você sabe o amor que eu sinto pelo que faço.

— *Tudo bem, quem sou eu para falar algo?*

— Não fala assim, Florinha, você sabe o quanto significa para mim. Eu não quis te ofender, nem magoar, sei também que você só quer meu bem, mas prometo que quando não precisarem de mim por agora eu tiro minhas férias. Até vou aí te ver, te dar um grande abraço e comer da sua comida maravilhosa — falo rindo.

— *Estou esperando e tomara que não demore muito. Mas agora eu preciso ir, tenho que cuidar do almoço. Espere na linha, vou chamar sua mãe. Um beijão, meu amor, fica com Deus. Se cuida e come direitinho, tchau.*

— Amém, fica com Deus também. Pode deixar, beijos, tchau, meu amor. Demoram alguns minutos e a fera atende o telefone.

— *Ah! Lizzie Marie Stanford, lembrou que tem uma mãe? Quero saber por que não me liga mais, não atende minhas ligações.*

Dou risada e respondo:

— Oi mãe, estou muito bem e você como está?

— *Liz, desculpa, meu amor, mas é que estou com muitas saudades e você nem liga para a sua mãe.*

— Mãe, não tive tempo, estava até falando com a Florinha. Eu te ligaria ontem que era minha folga, mas eu acabei indo para um plantão cobrir o Tony, ele precisava muito ir em um encontro. Quando cheguei, tomei banho e dormi, mas não esqueci de você. Nunca me esqueceria, desculpa não conseguir ligar antes.

— *Tudo bem, está desculpada. Mas esse Tony é folgado, não é? Assim que eu o encontrar, o puxarei pelas orelhas.*

— Ele saberá que está encrocado, mas me diz, como estão as coisas? E o meu pai? Diz que mandei beijos, abraços e que eu o amo.

Estou morrendo de saudades do meu pai. Apesar de trabalhar muito, ele era muito carinhoso comigo. Ainda me trata como a princesinha dele.

— *Bom, meu amor, eu ia te falar ontem na minha ligação, mas você não atendeu, não é? Eu conversei com seu pai e vamos passar umas semanas com você. Precisamos de férias e estamos com tantas saudades que resolvi que preciso vê-la. Só fala dele, não diz que ama a própria mãe, que falta de consideração.*

— Dramática você, hein. Eu te amo, dona Stella. Fico muito feliz com essa notícia, mãe, vai ser muito bom ter vocês aqui comigo, pelo menos um pouco.

Bem que eles poderiam morar perto de mim, mas é complicado. Eles têm a empresa, têm a casa deles, fora as pessoas que trabalham com eles. Não tem como deixá-los sem um emprego ou até mesmo virem para outro lugar.

— *Não sou, só disse a verdade. Filha, infelizmente preciso ir, eu e seu pai temos uma reunião. Eu queria matar um pouquinho a saudade e te dar a notícia. Espero que esteja se alimentando direito, viu?!*

— Ok, não se preocupe, estou me cuidando. Também preciso ir, tenho que limpar aqui antes de sair. Por incrível que pareça, mesmo eu ficando pouco tempo em casa aparece sujeira.

— *Tudo bem. Beijos, meu amor. Eu te amo, se cuida, fica com Deus, não esqueça de mim.*

— *Amém, mãe, beijos. Eu te amo também, mande um beijo e abraço para todos. Fica com Deus também, eu não me esquecerei. Tchau.*

Desligo o telefone e vou arrumar a casa. Termino tudo e me arrumo para mais um plantão. Saio de casa e passo em uma lanchonete, compro algo para comer, depois sigo para o hospital.

Capítulo 10

Lizzie

Chegando ao hospital, passo em minha sala para deixar minhas coisas e pegar meu jaleco.

Paro no quarto dos meus pacientes e por último no quarto do Benjamin. Confesso que ainda estou desnorreada pelo sonho, não sei nem com que cara vou olhar para ele. Sinto meu rosto esquentar só de imaginar.

Minha imaginação é mesmo fértil.

Chego em seu quarto, depositando batidas suaves na porta. Parece até a mesma cena do sonho. Escuto um “entre” e é o que eu faço. No quarto está Benjamin e um loiro dos olhos claros, não o conheço.

— Senhores, bom dia.

— Bom dia, doutora — o loiro me cumprimenta.

— Bom dia, Lizzie. Me sinto melhor, obrigado. — Sorri e eu engulo em seco, encarando a prancheta em minha mão.

Limpo minha garganta, sentindo-me estúpida. Droga, eu tenho que ser profissional e não agir feito uma adolescente de ginásio.

— Fico contente de saber disso. Sua alta está sendo planejada fundada na sua recuperação, por isso peço um pouco mais de paciência. Você perdeu muito sangue e bateu a cabeça. Apesar de nos exames não constatar nada, preferimos ser cautelosos.

O homem loiro nos observa com um sorriso no rosto.

— Entendo os procedimentos. Não vejo a hora de sair daqui, tenho coisas importantes a tratar. — Observo-o olhar, cúmplice, para o homem que desconheço o nome.

— Olha, mesmo saindo daqui, precisará de repouso. Você passou por uma cirurgia delicada, não deve se esforçar muito.

— A médica tem razão, Ben. Eu te disse que passaria na casa da Dona Christine e conversaria com a mulher do Adam também. Não se preocupe, por agora você só precisa descansar e se recuperar.

— Phil, você bem sabe como eu sou. Preciso muito ir vê-las, não vou ficar sossegado enquanto não conversar com elas e ir atrás do senhor Smoking.

Já vi que ele é teimoso, mas entendo o lado dele. Pelo o que eu soube, ele é advogado e noto também que tem coisas importantes a resolver. Mas é necessário que seja cuidadoso. Não se brinca com saúde.

— Qual parte de “sua cirurgia foi delicada” você não entendeu? Eu vou resolver, Ben, encerrou o assunto. Ou prefere que eu chame a senhora sua mãe?

Observo os homens, Ben e Phil. Parecem serem próximos. Deduzo serem melhores amigos, pois é raro amigos que se preocupem tanto com você assim.

— Você é insuportável às vezes, Philips.

Benjamin revira os olhos como uma criança, levando-me a sorrir discretamente.

— Bem, eu preciso ir antes que chegue algum paciente na emergência, depois eu passo para vê-lo.

Ele assente com seus olhos sobre mim. Sorrio para ele, antes de perceber Phil sorrir estranho para Ben. Acabo ignorando.

— Tudo bem. Obrigado, Lizzie. Obrigado!

Quando estou prestes a sair, ouço Philips imitar a última fala de Benjamin, resultando em Ben mandando-o calar a boca, seguido de uma gargalhada.



Entro em minha sala e fico estudando alguns casos de pacientes em estado grave, alguns que estão em coma, até que Tony entra.

— Apareceu, Margarida?

Acabo rindo com o semblante engraçado dele ao ouvir eu o chamar carinhosamente com o apelido.

— Liz, assim você está me ofendendo. — Coloca a mão no peito como se algo tivesse o atingido, mas acaba rindo.

— E então, como foi o jantar?

— Melhor do que eu imaginei. Achei que não ia dar certo.

— Haylie aceitou seu pedido?

— Aceitou e agora estamos oficialmente namorando.

Seus olhos cintilam quando o nome de Haylie é mencionado.

— Fico feliz pelos dois e desejo que sejam muito felizes.

— Obrigado, Liz. Espero que você encontre logo alguém que te faça sentir o mesmo que eu nesse momento.

— Quem sabe um dia. Mas, mudando de assunto, minha mãe quer te bater — falo, lembrando da minha mãe no telefone, e dou risada.

— Mas eu não fiz nada, por que ela quer me bater?

Conto a ele sobre a conversa com minha mãe.

— Agora estou com medo dela.

— Não me faça rir. Vou fazer um jantar quando eles vierem e quero você e a Haylie lá, sem desculpas.

— Ok, nós iremos. Vou de colete... Agora preciso ir ver alguns pacientes, até mais, Liz.

Gargalho pelo exagero.

Despeço-me dele e termino de revisar alguns pacientes em estado grave. Logo escuto batidas em minha porta. Peço que entre e encontro a enfermeira que me auxilia. Já sei que tenho uma emergência, então não demoro. Com a ajuda dela, faço os procedimentos da higienização e troco minhas roupas para as aptas a cirurgia.

Vou para a sala e inicio a operação. A paciente levou um tiro em seu peito, é bem delicada essa situação, até porque a bala chegou perto do coração.

Algumas horas depois, consigo terminar. Felizmente a paciente está em um estado estável, mas precisa ficar em observação. Embora seja delicado, eu acredito em sua recuperação.

Mal percebo que já é hora do jantar. Muitas das vezes quando estamos em cirurgia temos que esquecer de tudo e nos concentrarmos apenas no paciente.



Chego à lanchonete. Não fico muito tempo; como e retorno a minha sala enquanto aguardo alguma outra emergência. São assim todos os meus dias, em alguns deles são umas cinco cirurgias de emergência. Mas não me canso dessa rotina, me sinto bem em poder salvar pessoas.

Pior mesmo é quando o paciente não resiste. Nessa hora tento ser forte, não é fácil ter que avisar os familiares sobre o ocorrido. Mas tudo isso acontece com a permissão de Deus e, se a pessoa não resistiu, foi porque já era a sua hora

de partir.

Os planos de Deus são infalíveis.

A vida é assim, curta demais, e é por isso que temos que ajudar quem precisa e viver intensamente... Porque ninguém sabe o dia de amanhã.

Bônus — Eric parte 1

Minha vida sempre foi uma merda, então uma coisa a mais ou menos que eu fizer não muda nada.

Nunca gostei do Benjamin, ele sempre foi o queridinho da escola e filhinho de mamãe. Esse ódio que sinto por ele não é de agora; desde que éramos crianças esse sentimento me domina. Sempre que esbarrava nele, fazia questão de provocá-lo. Pode até ser infantil, mas quem liga? Eu é que não.

Incomoda-me o simples fato de Benjamin viver.

Acho que pessoas como ele não deveriam existir. Ele me dá raiva, um ódio mortal. É por isso que vou fazer de tudo para acabar com a vida dele.

Depois que matei aquele velho, tive que dar um jeito de me livrar das provas que Benjamin conseguiu contra mim. Se ele acha que vou ficar na cadeia, está muito enganado.

Consegui subornar aquele juiz otário e, com a ajuda de alguns amigos, dei um fim no velhote que tinha as imagens do assassinato. Outro que foi para o saco. Rio muito ao lembrar do velhote implorando pela vida.

Assim que consegui me livrar de ir para cadeia, pensei que agora era a hora de me livrar do Benjamin e foi o que eu fiz; primeiro foi o seu segurança e ele logo depois.

Planejei tudo; ele morreria para a minha alegria e, *puff*, sumiria do mapa.

Depois de provocar o acidente de Benjamin, achei melhor sumir por um tempo. Não ia ficar esperando que viessem atrás de mim, tenho certeza que eu seria o primeiro suspeito. Passei em casa e peguei algumas roupas, coloquei em uma mala, peguei dinheiro e saí. A casa estava vazia, meus pais nunca estão nela mesmo.

Saí direto para o aeroporto, rumo ao Brasil. Sim, eu passaria um tempo no Brasil e depois iria para outros países, não ficaria em um só lugar esperando que me encontrassem.

Mudaria de identidade e, com isso, dificultaria um pouco o lado deles.

Se depender de mim, nunca vão me encontrar.

Liguei para um amigo, pedindo todos os documentos. Ele não demorou porque sabe que odeio atraso.



Chego no aeroporto e faço meu check-in. Tive uma grande sorte de ter um embarque para o Brasil em meia hora.

Enquanto isso, vou em direção ao banheiro do aeroporto, me desfazo do meu celular e queimo os meus documentos originais, porque não usarei nunca mais mesmo. Saio do banheiro como se nada estivesse acontecendo.



Quando enfim aquela voz estressante anuncia meu voo, sigo para a fila que havia sido formada para entrar no avião. O alívio é enorme quando ele decola. Agora sim estou livre de tudo.

Espero que Benjamin esteja no inferno uma hora dessas, tenho certeza que todos estão chorando por ele agora. Claro, é o queridinho, filho da puta. Para a minha grande felicidade, ele não será mais.

Aquele merda, até os meus pais falavam o quanto ele é uma boa pessoa, um bom profissional. Eu quero mais é que ele se foda. Meus pais viviam me dizendo que eu deveria seguir o exemplo dele, quero mais é que todos se lasquem.

Passei muito tempo me lamentando por não ter pais como o Benjamin, agora não ligo para mais nada.

Como o voo é um tanto quanto demorado, resolvo dormir. Algum tempo depois, acordo com a aeromoça me acordando e avisando que já havíamos chegado.

Saio do avião e caminho em direção ao aeroporto do Rio de Janeiro, o meu primeiro destino. Depois eu vejo o próximo. Pego minhas malas e me direciono para pegar algum táxi. Estou até pensando em alugar algum carro, odeio ter que ficar chamando táxi. Entro no mesmo e peço para o taxista me

levar em um hotel.

Assim que consigo um quarto, caminho para lá, preciso descansar. Estou exausto, ainda mais que nesse horário provavelmente eu estaria dormindo. Tenho que me acostumar com o fuso horário. Deito em minha mais nova cama e logo pego no sono.



Acordo por volta das dez da noite. Resolvo tomar um banho, pretendo sair para algum lugar para beber. Coloco uma roupa fresca, porque mesmo sendo de noite, está muito calor por aqui. Bem que eu ouvi falar que o Rio de Janeiro faz muito calor.

Termino de me arrumar e pesquiso no meu celular algum bar por perto; encontro um e logo em seguida saí do meu quarto. Sigo para a frente do hotel e vejo um táxi. Não tenho opção, resolvo pegar este mesmo.

Amanhã mesmo vou resolver sobre o aluguel do carro.

O taxista me leva no lugar indicado, pago, saio do táxi e entro no bar. Está bem cheio o local.

Esqueci de falar: eu aprendi a língua portuguesa, então ficou fácil para me comunicar com as pessoas aqui; não estou perdido.

Peço um whisky para o barman, que não demora e logo me entrega. Fico sentado no balcão olhando para a pista de dança. Tem várias pessoas dançando, a maioria é mulher. Toca um estilo de música que eu desconheço, mas as mulheres rebolam, descendo até o chão. A batida é bastante alta e as pessoas parecem muito animadas com isso.

Fico um bom tempo aqui, bebendo. Algumas mulheres ficaram se atirando para o meu lado. Por mais que eu não recuse uma mulher, essas daqui são muito vulgares. Estou interessado em uma que está próxima ao balcão, eu não paro de olhá-la e ela já percebeu. Resolvo me aproximar dela.

— Como uma linda mulher como você está aqui sentada sozinha? — pergunto. Ela me encara e então responde:

— Bom, na verdade, vim aqui só para curtir mesmo — diz, e eu até me surpreendo. Depois de ver tantas outras se atirando para o meu lado, é até

estranho escutar uma coisa dessas, mas eu vou fazer com que ela mude de ideia.

— Então somos dois. — Sorrio para ela. — Também vim para curtir, ficar em um hotel olhando para o teto não é para mim. Você se importa se eu te fizer companhia?

— Pode ficar, sem problemas. — Ela sorri logo em seguida. — Você não é do Brasil, não é mesmo? Estamos conversando e eu não sei nem seu nome.

Lá vamos nós usarmos mais uma vez nossa nova identidade.

— Bastian Crueses, prazer em conhecê-la. Não sou, sou americano. E o seu nome? — Não vou dizer onde eu morava, não a necessidade.

— Sou Luiza Oliveira, também é prazer em conhecê-lo. Percebi que você não era daqui pelo seu sotaque, é bem diferente. — Sorri. Ela é muito gata, logo estará em minha cama.

Depois de conversamos sobre algumas coisas e evito falar sobre mim; quando falo, é claro que eu minto. Um tempo depois, resolvo chamá-la para outro lugar. Ela concorda, então já sabem o lugar que eu a levo.

Essa mulher tem um fogo, não pareceu pela nossa conversa.

Passo a noite toda com ela, acabo dormindo totalmente exausto. Luiza fez o mesmo ao meu lado.

Bônus — Eric parte 2

Quando acordo, vejo que Luiza não está mais ao meu lado.

Tomo um banho e, quando eu procuro minha roupa, não acho nada. Meu sangue ferve na mesma hora. Preciso voltar para o hotel e também ver um carro, mas, sem as roupas, como eu vou?

Que ódio daquela vadia. Enrolo-me em uma toalha, ligo para a recepção e peço que alguém venha em meu quarto. Vou pedir para comprarem algo para mim, fazer o quê?!

Assim que um funcionário chega, peço que vá em alguma loja e me compre algo. Quando vou pegar o dinheiro, reparo que minha carteira está aberta em cima do criado-mudo ao lado da cama, completamente vazia. Só tem documentos e meu cartão.

Grrr, como se não bastasse as roupas, aquela vadia levou todo o dinheiro da carteira também. Infeliz. Se estivesse agora em minha frente, juro que eu a matava. Agora tenho que ir até o hotel a pé.

Pior de tudo é que a filha da puta me deixou só com a carteira vazia. Isso que dá. Tinha uma cara de santa, mas é uma tremenda filha da puta.

Quer saber? Não vou alugar carro algum, vou sair desse lugar. Eu até queria ficar e procurar aquela ordinária, mas não, vou para outra cidade. Pensando bem, comprarei uma casa. Sei que não vou ficar muito tempo aqui, mas não ligo. Eu tenho dinheiro mesmo.

Dou uma risada ao lembrar que peguei uma boa grana dos meus pais. Eles não sentirão falta mesmo, fora que sempre me bancaram, então não me importo.

Vou andando para o hotel. Assim que chego, arrumo algumas coisas que tirei da mala, porque o restante das coisas eu tinha deixado do mesmo jeito de quando cheguei. Fecho o quarto, vou na recepção, pago minha estadia e saio daqui.

Encontro um táxi logo, ele está em frente ao hotel, e peço que me leve até o aeroporto, e assim o taxista faz.

Vou para o aeroporto e compro uma passagem para o Rio Grande do Sul, talvez eu até me adapte mais para lá.



Depois de um tempo, chego no meu destino. Até que não demorou tanto. Passo em um hotel para deixar minhas coisas; como vou procurar casa, não vou ficar andando com as malas para lá e para cá. Saindo do hotel, do outro lado da rua tem uma imobiliária, para minha sorte. Caminho até a mesma e uma mulher logo me atende.

— Boa tarde, senhor, em que posso ajudá-lo?

Essa mulher é bem gostosa. Ela está vestida em uma roupa social, as curvas aparecem perfeitamente.

— Boa tarde, eu preciso de uma casa. Me mudei para o Brasil faz pouco tempo, dois dias para ser exato, e eu até ia ficar em algum hotel, mas preferi comprar uma casa.

— Entendi, senhor. Bom, antes de tudo, preciso me apresentar. Me chamo Flávia.

— Sou o Bastian. Quero uma casa confortável, não importa o preço. Preciso o mais rápido possível, de preferência se você achar alguém que mobílie ou se a casa já estiver completa, melhor ainda.

— Sim, senhor. Bom, tenho algumas casas disponíveis para venda, o senhor quer dar uma olhada?

Como isso tudo me deixa irritado. Calma, Eric, é tudo pelo conforto.

Escolho uma casa grande, mas não tanto, porque só ficarei eu lá. Essa casa não tem mobília, então ela me indicou uma designer de interiores. Nem para essa anta resolver isso ela serve. O que tem de gostosa, tem de burra também.

Por fim, faço com que ela ligue para a designer, caso contrário eu não compraria a casa. Até parece que eu vou ficar ligando assim. Se logo no começo já avisei que queria uma casa com móveis, ou que achasse alguém, já que ela conhece, é só resolver. Tão simples.

Depois que eu resolvo tudo, volto para o hotel. Terei que ficar um pouco mais, até terminarem a casa.



Os dias passam e minha vida se resume a baladas, festas e várias outras coisas. Conheci algumas pessoas e direto faço festas em casa.

Minha vida não poderia estar melhor, sem ninguém para pegar no meu pé.

Até hoje não liguei para os meus pais e nem vou.

Aqui no Brasil tem várias mulheres gostosas. Nessas festas que frequentei e em algumas baladas, saí com várias, e não durou mais que uma noite. Eu não quero ninguém fixo, nunca quis, sempre saio com várias e várias mulheres e depois dispenso todas.

Eu não poderia pedir coisa melhor, mas uma coisa que ainda preciso descobrir é se Benjamin realmente morreu. Aí sim minha alegria será maior ainda. Sabe o que me deixa melhor ainda? É saber que eu não vou ser pego nunca e também em saber que os queridinhos do Benjamin choram por ele.

Neste exato momento, estou aqui em uma boate, fazendo o que há de melhor nesse mundo: bebendo agarrado em uma mulher linda, loira dos olhos azuis, com curvas maravilhosas. Essa não parece ser igual à Luiza.

Quando estamos quase caindo de bêbados, resolvo levá-la em casa.

Eu já consegui um carro também. Assim que saí da imobiliária, fui em uma concessionária e comprei um carro. Pensei bem e achei melhor comprar do que alugar, foi o mesmo pensamento que tive em relação ao hotel.

Sáímos da boate e eu a levo em sua casa. Assim que chegamos, ela me pede para ficar. Não penso duas vezes. E então nos agarramos e temos uma noite de loucura. Que para mim, não irá se repetir.



Já faz um mês que estou aqui no Brasil e não faço de diferente.

Quer dizer, a não ser ir na casa da Bianca. Pois é, falei que não ficaria com ninguém mais de uma noite, mas sei lá, ela mexeu comigo. Fora que é muito gostosa.

Um dia desses, pensei em ligar para os meus pais, mas não o fiz. Quem sabe depois. Preciso de mais dinheiro. Não que o que eu tenho esteja acabando, mas é sempre bom ter dinheiro. Acho até que eu consigo sem ter que pedir para eles.

É isso mesmo que vou fazer. Vou ligar para o John, ele é um *hacker*, pode tirar uma boa grana da conta dos meus pais. Rio sozinho com os meus pensamentos.

Não sentirão falta; como eu disse, eles têm muito dinheiro, sempre me deram então, vão continuar da mesma forma. Não é porque estou longe deles que será diferente.

Ah! Eu sou um gênio. Levanto do sofá e pego um copo de whisky. Sento novamente e meu pensamento é no dinheiro que arrancarei mais uma vez dos meus pais.

Capítulo 11

Lizzie

Acordo por volta de dez da manhã, faço minhas higiênes e corro limpar a casa.

Está uma tremenda bagunça. Meus pais chegam hoje, finalmente resolveram que iam ter férias. Acho isso muito surpreendente. Quando eu vivia com eles, a maior parte do tempo deles era vivido no trabalho.

Minha mãe ainda quer ter razão em me atormentar com o fato de eu não querer férias por enquanto. Não sei quando vai entrar na cabeça dela que amo minha profissão e que ela exige muito de mim.

Hoje estou de folga. Como é o primeiro dia dos meus pais em minha casa, resolvi pedir uma das minhas milhares folgas acumuladas. Vou fazer um jantar; chamei o Tony, para levar a grande bronca que minha mãe disse que daria, e Haylie também vem. Por incrível que pareça, os dois conseguiram folga neste mesmo dia.

Começo limpando a cozinha, que não tem muita coisa suja, em seguida a sala, o banheiro e o lugar mais desorganizado de todos os cômodos: meu quarto.

Quando termino, já estou megaexausta e já passa de uma da tarde. Preparo algo para comer e sento no sofá em frente à televisão. Procuro por algum filme e encontro um canal que passa *A Culpa é das Estrelas*. Amo esse filme, apesar de ser uma história triste. Assisto quantas vezes eu o achar passando.

Termino de comer e volto para o sofá, esperando pelos meus pais.



Ainda estou deitada no sofá quando ouço a campainha tocar. Levanto-me e vou atender. Assim que abro a porta, vejo meus pais. Estão diferentes, não sei o que exatamente; deve ser porque não os vejo há um bom tempo. Minha mãe é a primeira a me abraçar e beijar. A me deixar sem ar também, disso não podemos nos esquecer.

— Ai, meu amor, que saudades que eu estava de você, minha filha. Você

está magra, anda comendo? Olha essas olheiras, você não dorme há quanto tempo? — Começa a encher de perguntas. Reviro meus olhos sem que ela veja.

— Estou bem, mãe, me alimentando e dormindo. Agora deixa eu abraçar meu pai. — Ela fica relutante, mas me solta.

— Oi, princesa, como está? Eu estava morrendo de saudades sua. Quando sua mãe avisou que íamos vir, não hesitei.

É um belo milagre isso acontecer. Eles realmente sentem minha falta, mas agora não tem mais jeito. Quando tiveram a oportunidade, não fizeram, agora acho que se arrependem por não passarem mais tempo comigo.

— Oi, pai. Estou bem, também estava com saudades de vocês. Mas agora acho melhor vocês entrarem. Precisam descansar da viagem e guardar as coisas de vocês. Tem um quarto de hóspedes que vocês podem ficar. — Sorrio.

Até que essa recepção não foi lá essas coisas. Pode parecer que temos uma relação boa, mas não é tanto assim não. Muito menos os meus pais, que agora vivem em pé de guerra. Quem me disse um dia desses quando liguei para conversar com algum deles foi a Florinha. Disse até que eles pensam em divórcio. Eu me espantei, claro, nunca vi os dois brigarem, mas também como eu ia ver com eles o dia inteiro fora?

— Mãe, antes que eu esqueça, como vocês chegariam hoje e eu estou de folga, teremos um jantar de boas-vindas para vocês e chamei o Tony e a Haylie. Assim você os conhece.

— Tudo bem, meu amor, eu ajudo você. — Sorri para mim e então eu os mostro qual o quarto em que vão ficar.



Passam algumas horas e eu e minha mãe já estamos terminando de fazer o jantar. Assim que vejo que tudo está pronto, resolvo tomar um banho. Precisava me arrumar antes do casal chegar.

Termino o banho e coloco um vestido que bate em meu joelho; ele é meio soltinho, na minha cor preferida: azul. Passo uma maquiagem superbásica, até porque estou em casa e não precisa de muita coisa assim. Assim que termino, vou para a sala e não demora nada para a campainha tocar pela segunda vez no dia.

Sigo até a porta e abro prontamente, Tony e Haylie estão lindos, é até difícil vê-los com roupas normais, sempre estamos com nossos uniformes brancos. Cumprimento os dois e logo inicio uma conversa.

— Como vocês estão? Meus pais estão terminando de se arrumar e logo estarão aqui conosco. Sentem-se e fiquem à vontade. — Sorrio esperando pela comunicação deles.

— Estamos bem — respondem em uníssono. — Tudo bem, sem problemas. Mas e aí, como eles ficaram quando te viram? — Tony me pergunta, Haylie apenas observa tudo; como eu havia dito, ela é um pouco tímida.

— Minha mãe é a mais exagerada, né?! Então quase não me larga de seus braços, tirando também o fato de me dizer que estou magra, que não durmo e por isso estou com olheiras. Como você mesmo sabe, a mesma coisa de sempre. Já meu pai não foi nem metade de tudo que eu acabei de falar da minha mãe.

Tony ri, mas logo fica sério quando meus pais aparecem. Parece até aqueles adolescentes, quando vão apresentar o namorado para os pais e ele morre de medo. Não é o nosso caso, mas essa reação dele é a mesma. Quase rio escandalosamente por isso. Talvez ele tema que minha mãe faça algo por ela ter ficado brava em eu tê-lo substituído no plantão.

Resolvo me pronunciar antes que Tony tem um treco. Rio internamente.

— Mãe, pai, esses são Antony e Haylie, meus amigos.

Eles ficam sérios. Na verdade, voltaram estranhos do quarto. Depois quero saber o que aconteceu.

— Rapaz. Olá, senhorita. — Meu pai é o primeiro a falar com eles, logo seguido da minha mãe.

— Olá, querida — cumprimenta Haylie e vira-se para o Tony. — Então quer dizer que você é o Antony, não é mesmo? Ou Tony, como Liz diz, e é o mesmo que fez com que ela não me ligasse e ainda ficasse mais tempo sem dormir Ah, Antony, você precisa de um belo puxão em suas orelhas. — Tony arregala os olhos, parecendo ficar desesperado, e, antes que ele caia desmaiado, resolvo cortar a minha mãe, sem ao menos dar a chance de Tony respondê-la.

Às vezes ela passa dos limites. Isso me irrita tanto, ela não tem noção.

— Gente, vamos jantar antes que tudo fique frio.

Antes que minha mãe chegue na cozinha, repreendo-a com o olhar. Depois desse jantar teremos uma conversa, ela não pode deixar Tony constrangido assim.

Sentamos na mesa de jantar e todos começam a se servir. Haylie é a mais

quieta. Conforme vai passando, meu pai e Tony entram em um diálogo. Tony fica mais solto, até solta suas piadas e faz com que todos rissem. Até a minha mãe, que tentou se fazer de durona, mas não conseguiu.

Quando todos terminam, resolvo buscar a sobremesa, mousse de chocolate. Ah, como eu amo chocolate.



Passa meia hora e Antony e Haylie resolveram ir porque já estava tarde. Despeço-me dos dois. Meus pais fazem o mesmo e logo vão para o quarto.

Assim que eles vão, como minha mãe escapou da minha conversa, resolvo ir para o quarto. Coloco meu pijama, que no caso é uma camiseta grande masculina. É até engraçado, mas eu a comprei para usar como pijama. Visto-me e vou direto para a cama, não demora muito e já estou dormindo profundamente.

Capítulo 12

Lizzie

Acordo por volta das sete, arrumo somente meu quarto, que não estava tão bagunçado porque no dia anterior já tinha feito uma bela limpeza. Faço minhas higienes matinais e vou para a cozinha, onde minha mãe se encontra. Ainda bem, porque preciso ter a conversa da qual ela fugiu ontem à noite.

— Bom dia, mãe. Ainda bem mesmo que encontrei você aqui. O que foi aquilo ontem, hein? Você deixou o Tony totalmente constrangido, não precisava daquilo tudo. Eu fiquei megairritada com a situação. — Olho em sua expressão e ela parece nem ligar.

— Bom dia, filha. Sobre o Tony, você estava ciente de que ele teria essa puxada de orelha.

Como eu disse: ela não dá a mínima.

— Quer saber, vou me trocar e ir para o hospital. Não se preocupe, compro alguma coisa na lanchonete de lá. Sinceramente, mãe, você me irrita às vezes com essa sua superproteção. — Bufo irritada e saio, deixando-a falar algo que eu não presto muita a atenção.

Já em meu quarto, visto meu uniforme, pego a minha bolsa e a chave do carro e caminho para a porta de entrada, ouvindo os protestos de minha mãe. Paro em frente ao elevador, assim que ele abre, entro e não demora e já estou na garagem, adentrando em meu carro e saindo rumo ao hospital.

Eu não entraria esse horário hoje, seria um pouco mais à tarde, mas com esse estresse que minha mãe causou é impossível eu ficar esperando até o horário certo. Hoje o meu plantão é de doze horas, então não chegarei em casa de madrugada como de costume.

Chego no hospital e já encontro com o Tony e a Haylie na lanchonete do hospital.

— Bom dia, casal. Aproveitando que os dois estão aqui, quero pedir desculpas por ontem, minha mãe tem horas que passa dos limites. — Sento ao lado dos dois.

— Tudo bem, não tem problema — Haylie me responde com seu jeito tímido.

— Faço as palavras da minha loirinha, as minhas. — Tony acaba fazendo Haylie corar. — A propósito, seu plantão não era mais tarde?

Pois é né, graças à discussão com minha mãe, eu não podia ficar em casa.

Explico para ele o que acabou de acontecer.

— Bom, eu estou indo comprar algo para comer, nem isso eu fiz. — Levanto-me sem esperar a sua fala e caminho para comprar o de sempre, uma fatia de bolo com recheio de baunilha e um café com leite.

Não volto para a mesa deles, sento por aqui mesmo. Não vou ficar de vela e muito menos atrapalhá-los, até porque daqui a pouco cada um segue seu posto e os dois não terão tempo para ficarem juntos; só quando saírem e aposto que estarão exaustos.

Termino meu café e vejo que Tony e Haylie já não estão no lugar de antes, sinal de que o plantão já começou. Pago pelo que consumi e saio em disparada para a minha sala.



Hoje meu dia foi supercorrido. Foram três cirurgias de emergência e uma delas foi bem complicada. A paciente foi atropelada por um caminhão, infelizmente não aguentou e veio a óbito.

Na hora de avisar a família, foi uma grande tristeza. Quase chorei junto com todos que estavam presentes; me segurei ao máximo para não demonstrar minha fraqueza para eles.

Uma coisa que aprendemos quando nos tornamos médicos é a sempre agir profissionalmente, não demonstrar seus sentimentos. Por incrível que pareça, sou uma pessoa muito emotiva. Quando acontece de o paciente vir a óbito, acabo caindo aos prantos na minha sala. Sinto que não fiz o bastante, me sinto tão culpada.

Eu sei que não posso pensar assim, que o óbvio significa que o paciente já completou sua missão na terra e Deus o levou, mas sou um ser humano e tenho sentimentos.

Entro em um pequeno banheiro dentro da minha sala, lavo meu rosto na pequena pia. Seco em uma toalha e aproveito para fazer o mesmo com as mãos. Saio do banheiro já tirando meu jaleco, afinal já são nove e meia e meu plantão acabou.

Pego minhas coisas e caminho pelo corredor do hospital, indo para o estacionamento. Já dentro do carro, dirijo até minha casa. Meus pensamentos ainda estão naquela família, eles ficaram totalmente desolados. Ainda por cima,

pelo o que ouvi, o motorista fugiu sem prestar socorro.

Agora você imagina como não estão. Além de perderem uma filha, esposa, mãe, ainda o infeliz vai sair impune. Sou até calma, mas quando acontece esse tipo de coisa, me transformo em uma Lizzie superirritada. Como um ser humano pode ser assim? Isso me deixa indignada. Não tem coração, porque, pelo o que as testemunhas disseram, ele estava em alta velocidade. É muita imprudência.

Chego na garagem do meu prédio, deixando meu carro em minha vaga. Caminho para o elevador, apertando o meu andar. Assim que chego perto da porta, ouço vozes alteradas. Já imagino que os meus pais estão discutindo.

Era só o que me faltava. Além de ter um dia difícil, ainda chego em minha casa e a essa hora da noite os dois estão brigando. O que os vizinhos vão achar? Além do mais, já estamos na hora do silêncio. Aqui no prédio, mesmo sendo calmo, tem as mesmas leis dos apartamentos de outros lugares. Abro a porta e os dois param para me olhar.

— Olha, eu não quero saber o que aconteceu, só quero que parem com essa briga. Meu dia foi péssimo e só piora. — Eles me olham e eu não espero falarem nada. Caminho até o meu quarto e largo minha bolsa em cima da cama. Procuro uma roupa e visto; preciso espairecer, hoje não está sendo fácil. Volto para a sala e os dois estão do mesmo jeito.

— Onde você vai filha? Está tarde para andar sozinha. — Dou uma risada sarcástica. Como se eu não tivesse andado nunca por essas ruas.

— Preciso espairecer, pensar. Ultimamente, até ficar em minha casa não está sendo uma boa ideia.

Posso até estar sendo dura, mas não tem quem aguente. Hoje cedo nós duas brigamos; no hospital, uma paciente morreu em minhas mãos; chego em casa e só preciso descansar, mas não, meus pais estão brigando e, como eu já soube, é com grande frequência.

Não ouço, mais uma vez, o que ela diz. Saio fechando a porta e indo para o elevador.



Caminho pela rua, sem ao menos enxergar por onde passo; as lágrimas cobrem minha visão. Passo esbarrando em algumas pessoas e pedindo desculpas

a todos. Mas um esbarra em mim e quase vou ao chão. Se não fosse pelas mãos agarrarem minha cintura com força, a essa hora estaria caída.

— Me desculpe. — Mais uma vez, peço desculpa para a quarta pessoa com quem esbarro pelo caminho.

— Não tem problema — a voz grossa me responde. Reconheço a voz. Quando levanto meu rosto, vejo que o dono é quem pensei que fosse, quem eu achei que não veria mais. — Liz? É você? Fizeram alguma coisa contigo? Quer conversar? — Ben faz várias perguntas ao mesmo tempo.

— Não me fizeram nada, foi só um dia ruim — respondo com a voz embargada por conta do choro.

— Vem, vamos naquele café ali na frente, aí podemos conversar e você me conta o que aconteceu.

Capítulo 13

Lizzie

Entramos na cafeteria e nos sentamos em uma mesa que há no fundo. Benjamin é um grande cavalheiro ao puxar a cadeira para que eu sente. Enquanto a garçonete não nos atende, ele volta a falar.

— Então, diga-me o que te deixou nesse estado — pergunta, olhando em meus olhos. Não consigo desviar dessa vez, ele consegue prender o meu olhar no seu.

— Meu dia não foi um dos melhores.

Conto tudo o que aconteceu para ele, desde o momento em que cheguei no Canadá, até sobre os acontecimentos com minha mãe, sobre a paciente do plantão de hoje. É difícil porque, quanto mais eu falo, mais lágrimas caem sobre meu rosto. Nunca falei tanto sobre minha vida como agora e Ben me ouve com grande atenção.

— Mães são assim mesmo, com essa superproteção, mas você precisa se acalmar. Tenta entender o lado dela. Pode ser mesmo que esteja arrependida de passar pouco tempo ao seu lado e agora ela só quer matar um pouco a saudade.

Enquanto falava tanto, uma garçonete apareceu para nos atender e vocês já podem imaginar o que aconteceu, né?! Ela só faltou se jogar no colo do Ben. Pedimos o café e a assanhada saiu rebolando. Ben não deu a mínima e eu ri internamente.

— Sabe, não precisava ela ter deixado Tony sem graça. Ainda por cima não deu a mínima para o que eu falei para ela. Mas se eu achava que o dia não podia piorar, ele realmente piorou.— Lágrimas voltam a cair pelo meu rosto e Ben pega em uma das minhas mãos, acariciando-a, e enxuga minhas lágrimas com a outra.

— Liz, você precisa se acalmar. Não foi sua culpa, tenho certeza que, se ela se foi, é porque Deus permitiu que acontecesse e já era sua hora.

Quando sinto o toque macio de sua mão, parece que recebo uma descarga elétrica. Sinto meu estômago revirar; talvez eu realmente esteja nutrindo um sentimento por Benjamin. Tento me recompor e respondê-lo.

— Eu me senti tão mal, como se eu não tivesse feito o bastante, como se não tivesse dado o meu melhor. — As lágrimas continuam caindo por meu rosto e parece ser mais difícil controlá-las a cada minuto.

— Não pensa assim. Você é uma excelente médica, não se martiriza. Não

teve culpa nenhuma do que aconteceu. — Ele se levanta, deixando-me sem entender o porquê, e me surpreende com um abraço apertado. Quando volto a mim, retribuo o abraço.

É até engraçado. Eu o conheço há tão pouco tempo, ele foi meu paciente e estou apaixonada por ele. Mas o mais engraçado ainda é eu me abrir assim. Nem com o Tony falei tanto dos meus sentimentos. Somos amigos há tanto tempo, mas mesmo assim nunca mencionei como me sinto sobre os pacientes com ele.

Desfaço o abraço e me sinto envergonhada, tenho certeza que eu estou vermelha feito um pimentão. A garçonete assanhada aproxima-se com nossos cafés, deixando-os sobre a mesa, e sai novamente rebolando. Sinto-me incomodada, ainda mais com o olhar e o sorriso que ela deu para Ben.

— O pior é que eu só queria chegar em casa, tomar um belo banho e dormir, mas isso não foi possível. Meus pais estavam aos berros a essa hora da noite. Eu já sabia que eles estavam brigando com frequência, mas não tinha presenciado isso até hoje.

Tive que sair da minha própria casa para tomar um ar. Parece que estou até mais leve agora; essa conversa me fez bem, é sempre bom desabafar com alguém.

— Tenta conversar com eles quando tudo estiver calmo, nada é resolvido com a cabeça quente. Não faça isso quando chegar, você teve um dia cheio, precisa descansar.

Quanto mais ele fala coisas para me ajudar, mais tenho a certeza de que nesse pouco tempo nutri um sentimento novo por ele. Estou apaixonada, isso é um fato.

— Vou fazer isso. — Sorrio para ele, que devolve um sorriso lindo. — Obrigada por me ouvir, foi bom desabafar com você. Não tenho muitas amizades com quem eu possa falar dos meus problemas.

— Não precisa agradecer, afinal você salvou minha vida. Nada mais justo do que eu te ajudar de alguma forma.

Não estou me reconhecendo. Nunca fui tímida, mas, perto do Ben, toda hora fico vermelha.

— O que você acha de darmos uma volta? — pergunta e eu concordo. Mesmo que esteja tarde, não me importo, sua companhia é boa.

— Acho uma boa ideia, até porque ainda não estou afim de voltar para casa. — Ele sorri e chama a garçonete para pagar o café.

É até bom sairmos, assim a garçonete assanhada para de se jogar para

Ben.

Ele paga os cafés, mesmo com meus protestos sobre não precisar pagar o meu. Saímos do café e caminhamos pela calçada sem rumo.

Capítulo 14

Lizzie

Depois de caminharmos, sentamos em um banquinho na praça. Ben me disse que, antes de nos esbarramos, tinha saído do seu escritório para tomar um ar também.

— Eu tinha esperanças de conseguir encontrá-lo e colocá-lo na cadeia. Eric é um completo infeliz.

Ben me contou sobre o acidente que Eric, um homem que nunca gostou dele, causou. Contou que ele matou um pai de família, sumiu com a testemunha e provas, matou seu motorista e ainda tentou matá-lo. Aparentemente, o homem está solto e sumiu, ninguém sabe por onde anda.

— Calma, tudo vai se resolver, você vai ver. Logo a justiça será feita. — Sorrio para ele.

— Espero muito que seja logo, Liz. Ele não merece a liberdade. Esse tempo que eu saí do hospital, visitei Renée, mulher do Adam. Ela está desolada, me disse que o filho mais velho, de cinco anos, pergunta sobre ele e está dando trabalho na escola porque acha que o pai foi embora e não o quis mais. Foi muito difícil para mim escutar tudo aquilo, é muito revoltante. São pais de família, Eric não tinha o direito de tirar a vida deles.

Por um momento, vejo a tristeza em seu olhar. Não tem a raiva que havia ali há poucos minutos.

— Calma, para tudo tem seu tempo, o tempo de Deus. Não se preocupe, fique calmo, vão achar esse Eric e ele será preso. Você vai olhar para trás e ver que foi só uma grande prova que foi passada com sucesso. Às vezes achamos que as coisas que queremos demoram tanto, mas na verdade nós é que somos impacientes. Se não foi agora, logo será, e a justiça vai ser bem feita. — Sorrio, encorajando-o, e ele fez o mesmo.

— Você tem toda razão. Somos grandes ansiosos, mas vou seguir seu conselho e tentar ocupar minha cabeça com outros casos e outras coisas. Vai ser difícil, porque só de imaginar que ele possa estar rindo de tudo que fez e está por aí se divertindo, fico muito irritado. Mas agora chega de falarmos de coisas ruins, falaremos sobre você.

Não preciso dizer que corei, assim que Benjamin retribuiu meu sorriso né?! Vocês com toda certeza podem imaginar, até porque estávamos falando somente de coisas banais e sentimentos, agora, falar sobre mim me deixa envergonhada.

— O que falaremos sobre mim?

Não faço ideia do que, rio internamente.

— Você tem algum lugar preferido a não ser o hospital? — Ben pergunta com um tom risonho.

— O Banff National Park É um lugar lindo e, quando quero caminhar, é para lá que eu vou. Aqui tem tantos lugares bonitos, é até difícil escolher um preferido. Mas o Banff National Park me encantou tanto, é cheio de flores coloridas, o que deixa o encanto maior.

— Que engraçado, eu costumo correr por lá, é realmente um lugar lindo — Benjamin diz.

— Verdade, quem sabe até estávamos no mesmo lugar e não nos vimos.

É muita coincidência, penso.

— Quem sabe. Hum, antes que eu esqueça, me passa seu número? E quando precisar de mim, é só chamar.

É uma boa ideia, o problema é eu ter coragem. Mas não posso ser um bicho do mato, preciso me comunicar com pessoas fora do ambiente de trabalho.

— Claro — respondo prontamente. — Mas você precisa me passar o seu também. — Passo meu número, assim que Ben termina de anotar, me passar o seu também. — Está ficando tarde, preciso ir.

— Você tem razão. Vamos, eu te acompanho até o seu prédio, assim não tem problema você andar sozinha.

Não protesto, até porque gosto de ter Ben por perto. Nossa, realmente não estou me reconhecendo. Antes, eu não tinha esse pensamento com outros homens, muito menos os que eu me relacionei. Ben mudou totalmente minha mente, é tão estranha essa sensação. Já ouvi falarem sobre, mas quando você sente, passa a entender mais sobre isso.

Confesso que se sentir bem com a presença da pessoa que você gosta é a melhor coisa.

Caminhamos em direção ao meu apartamento. Está um silêncio constrangedor, só se ouvem nossos passos e alguns carros que passam por nós. Resolvo quebrar o silêncio que está me matando e decido saber mais sobre Ben.

— Há quanto tempo você atua como advogado, Ben?

Ele me olha e, sem pararmos de caminhar, me responde.

— Com dezoito anos entrei para a faculdade e, quando eu tinha três anos estudando, consegui um estágio. Assim que terminei os estudos, já estava há um bom tempo fazendo estágio e consegui logo depois um lugar próprio. Como o

Phil também estava estudando comigo, nos juntamos em uma sociedade. Concluindo sua pergunta, faz oito anos que trabalho como advogado.

— É bastante tempo e, pelo o que eu pude perceber lá no hospital, é que você também sente amor por sua profissão.

Posso dizer que, nesse exato momento, meus olhos estão brilhando.

— É verdade, eu realmente amo, e sei que você também ama o que faz, qualquer um consegue ver esse amor em seus olhos.

Pode até ser, mas agora eles brilharam por te ouvir. Sorrio antes de responder.

— Nada como amar o que faz. Não me vejo sendo outra coisa a não ser médica-cirurgiã. Tem pessoas que você vê a insatisfação com a profissão e isso não é legal, até porque as coisas não parecem fluir direito.

Nossa, que grande discurso, ri internamente.

— Faço de suas, minhas palavras.

Depois de andarmos alguns minutos, chegamos em frente ao meu apartamento.

— Está entregue — Ben fala com o seu sorriso que parece não sair nunca do rosto.

— Obrigada. Agradeço por me ouvir e pela caminhada.

— Não precisa agradecer, afinal, foi ótimo ter te encontrado.

Sorri, totalmente corada por suas palavras.

— E não se esqueça, quando precisar, é só me chamar que estarei aqui para te ouvir.

Onde esse homem estava antes, meu Deus?, penso.

— Obrigada mais uma vez. Não me esquecerei, pode deixar.

Ben dá um beijo em meu rosto, o que me faz derreter por dentro, acena um tchau e segue para seu destino. E quanto a mim? Pareço uma estátua, resultado da minha reação pelo ato de Ben.

Sigo para o elevador e aperto o número do meu apartamento.

Entro e vejo minha mãe sentada no sofá. Sei que pode ser ignorância da minha parte, mas tentem me entender. Passo direto para meu quarto, entro no banheiro, me dispo e tomo um banho para relaxar. Assim que termino, visto meu pijama e, assim que saio do banheiro, avisto minha mãe sentada em minha cama e disparo logo:

— Mãe, não quero mais brigas. Preciso descansar, se me der licença, eu

quero dormir. — Odeio ser rígida assim, mas eu realmente quero dormir.

— Tudo bem, meu amor — ela me responde cabisbaixa. — Boa noite.

— Boa noite, mãe. — Assim que ela sai, fecho a porta do meu quarto e deito em minha cama.

Acabo por adormecer com os pensamentos em meus pais e, principalmente, em Ben.

Capítulo 15

Benjamin

Depois que eu saí do hospital, não houve repouso algum. Sei que deveria ter escutado as recomendações da Liz (que grande intimidade), mas eu precisava resolver minhas pendências. E aqui estou, a caminho da casa de Renée. Por mais que Phil tenha me garantido e fez o que disse, eu precisava vir pessoalmente.

Chegando em frente a uma pequena casa, que não tem luxo algum, aperto a campainha e, depois de alguns minutos, aparece uma moça cheia de olheiras e com um bebê em seu colo.

Parte meu coração ver essa imagem. Tenho certeza que Adam faz muita falta a Renée, impossível não perceber isso em seu olhar.

— Oi, Renée, vim ver como está. Lamento muito pela morte de Adam, desculpe por não poder vir antes, mas como você deve saber, fiquei internado e saí ontem. Pedi que Phil viesse aqui, mas eu precisava vir pessoalmente dizer que não se preocupe com dinheiro, todas as suas despesas serão pagas. Você receberá o pagamento todo de Adam e uma indenização.

É difícil perder quem amamos, ainda mais quando é na forma mais covarde, como aconteceu.

— Obrigada, senhor. Está tão difícil sem meu marido. O pior seria se o senhor não me ajudasse. Como eu fico com as crianças, só Adam quem trabalhava e, quando eu soube da notícia, instantaneamente meu chão abriu. Adam era um bom marido e um bom pai para nossos filhos, só de pensar que não está mais entre nós me deixa com o coração dilacerado.

Não consigo imaginar tamanha dor sentida, mas, se depender de mim, eles só terão que lidar com a perda, pois dos alimentos e estudos das crianças eu mesmo cuidarei. Sinto que esse é o meu dever e, como todos os outros, farei sem pestanejar.

— Não precisa me agradecer, farei o que for necessário para que vocês vivam bem, pode contar comigo. — Tiro um cartão com meu número no bolso da calça e lhe entrego. — Esse é o meu número, qualquer coisa que precisar, me ligue. Vou pedir para que um dos meus motoristas se encarregue de lhe trazer todos os meses o dinheiro, não se preocupe com isso. Agora você precisa tentar seguir em frente, porque seus pequenos precisam muito de você. Entendo o quanto vai ser difícil superar a perda, mas se precisar de um amigo, pode contar comigo. — Sorrio para ela.

— Obrigada de verdade, o senhor não sabe o quanto é bom. Não tenho

palavras para descrever o que o fez e está fazendo por nós. — Renée dá um pequeno sorriso.

Aproximo-me mais, até que fico de frente para ela.

— Posso pegá-lo? — pergunto, referindo-me à criança. De repente, senti uma vontade de segurá-lo.

— Claro. — Ela me entrega o pequeno serzinho.

Olho para o menino de cabelos escuros e bem branquinho, parece até um boneco. Percebo que se parece com Adam. Pobre Adam, sempre tinha um brilho em seus olhos ao falar sobre seus filhos e mulher, é claro.

Pego o pequeno em meus braços e olho ao redor da sala. Não tinha percebido, mas tem bastante coisas espalhadas pelos cantos. Imagino que não está fácil para Renée, sua vida com certeza está virada ao avesso. Vou resolver isso, agora mesmo. Sorrio e logo em seguida falo o que está em minha mente.

Com uma mão eu seguro o bebê e com a outra pego meu celular. Fico impressionado por minha habilidade. Nunca peguei uma criança em meu colo e até que estou me saindo bem, só preciso parar de ser sem noção para não derrubar a criança.

— O senhor quer me entregá-lo? — Renée me pergunta sorrindo.

— Acho melhor, antes que o derrube. Só preciso fazer uma ligação e volto a pegá-lo — respondo, entregando o pequeno que me parece bem calmo, mas talvez seja só porque eu acabo de conhecê-lo. Pelo que pude reparar, ele é um grude com a mãe. O bom é que ele não se assusta com estranhos e ficou quieto em meu colo. — Só um minuto, por favor — peço e começo a discar o número de Osvald, espero que ele consiga me ajudar. O celular toca uma, duas vezes; na terceira ele atende.

— *Senhor? O que deseja, aconteceu algo?* — pergunta com certo receio.

— Oi, Osvald. Não, na verdade só preciso de um favor seu. Você pode encontrar uma moça que ajude Renée? — pergunto sem rodeios, até porque quanto antes melhor.

— *Oh! Claro. Eu até conheço uma, é a minha sobrinha, a coitada está desempregada há muito tempo. Se o senhor não se importar, posso conversar com ela.*

Ótimo, será mais rápido do que pensei.

— Isso é ótimo. Peça para que passe em casa amanhã, conversarei com ela e acertamos todos os pontos.

Espero que tudo dê certo, pelo menos Renée cuidará apenas das crianças

e o trabalho será menos pesado que antes.

— Bom, era só isso, Osvald. Mais tarde estou em casa, tchau. — Dito isso, Osvald me responde e eu desligo o celular, voltando à minha conversa com Renée, que está dando atenção ao seu filho. — Desculpa a demora. Não sei se ouviu, mas vou contratar uma pessoa para que te ajude aqui em sua casa — falo assim que caminho novamente para perto de Renée.

— Obrigada. O senhor é tão bom, que Deus Lhe pague por tudo que tem feito. Com certeza me ajudará bastante, Bryan e Dayv tomam tanto meu tempo, quase não consigo fazer as tarefas domésticas. Aliás só agora me lembrei o quanto aqui está bagunçado, e o senhor vendo isso — Renée diz com uma certa vergonha.

— Imagina. Posso ter o dinheiro que tenho, mas, como deve perceber, não sou nenhum mesquinho. Agora, se você quiser eu posso olhar Dayv para que faça suas coisas enquanto a sobrinha de Osvald não está aqui.

Tenho todo tempo do mundo para ajudar, até parece que eu ficaria em casa sendo que precisam de mim.

— Ah! Imagina, o senhor com certeza tem coisas a fazer por ser muito ocupado, pode deixar que eu me viro.

Já vi que não sou só eu que sou teimoso.

— Claro que tenho. Minha ocupação é olhar Dayv para você. Não se preocupe comigo, vou te ajudar, pode fazer suas coisas — falo, já pegando o pequeno em meus braços.



Passei a tarde inteira ajudando Renée com as crianças, até fui buscar Bryan na escola.

Neste momento, estou dirigindo para casa. Estou quase chegando e confesso que estou exausto; agora vejo o trabalho que as mulheres têm. Não é fácil cuidar de filhos e casa, ainda mais quando se perde a pessoa que era a base da casa.

Chego em casa, tomo um banho e desço para jantar. São exatamente nove horas da noite. Estou faminto, apesar de ter tomado café da tarde e ter almoçado, coisa que Renée fez questão que eu comesse.

Adam tinha sorte pela mulher e filhos, são pessoas maravilhosas.

— Oi, filho. Até que enfim chegou, achei que não dormiria em casa — Carola diz com seu tom reprovação.

— Carola, meu amor, estava apenas ajudando Renée. Você não sabe como ela está — falo, olhando-a, e dou um beijo em sua testa antes de me sentar à mesa.

— Oh! Me desculpe, filho. É que não vi a hora que saiu, porque deveria estar repousando, não é mesmo?! Mas foi por uma boa causa, então não vou puxar suas orelhas. Vou pedir para que tragam sua janta.

Por isso é que eu amo a Carola, ela me entende. Que minha mãe não me ouça, se não ficará com ciúmes. Rio internamente com meus pensamentos.

Termino de jantar e vou para cama, o dia de hoje me deixou exausto.

Capítulo 16

Lizzie

Dias depois...

Minha vida está se tornando um caos total. Pensei que a chegada dos meus pais em minha casa seria minha alegria, pois mataria a saudade que eu estava dos dois, mas não. Agora, só o que quero é um pouco de paz. Não vejo a hora de ficar só outra vez.

Não tem coisa pior do que você chegar exausta em casa e ainda ouvir discussão dos dois. É sempre o mesmo motivo: minha mãe fez alguma escolha na empresa, meu pai não gostou nada disso. O mais engraçado é que, mesmo os dois estando de férias, ela ainda está trabalhando por aqui.

Agora os dois vivem em pé de guerra e minha relação com a minha mãe, está cada dia pior. Hoje mesmo, antes de ir para o hospital, nós discutimos. Não entendo o que se passa na cabeça dela, ela não entende que não sou mais uma criança. Toda preocupação que não teve comigo quando criança, agora acha que pode ter. Não preciso saber que tenho que me alimentar, eu sei disso.

Posso parecer insensível com minhas palavras quando digo que os quero na casa deles novamente. Eu não acho. Tentem entender minha situação, o que fariam em meu lugar?

Tentei ao máximo focar na cirurgia hoje mais cedo. Quando penso que esqueci, as discussões surgiram em minha mente. É bem difícil esquecer algo quando se trata da minha mente conturbada.

Chego do hospital, megacansada, e o que está acontecendo? Vocês já podem imaginar, meus pais discutindo. Isso já está passando dos limites, não aguento mais.

Passo pelos dois, que param no mesmo instante, vou ao meu quarto, deixo minhas coisas em cima da cama, pego minha toalha e me enfio dentro do banheiro. Um banho é sempre bom, para relaxar um corpo exausto como o meu.

Depois de alguns minutos debaixo do chuveiro, coloco uma roupa confortável e procuro algo para comer.

Meus pais já haviam parado de discutir e resolveram sentar-se à mesa comigo. Não dou tempo dos dois sequer proferirem uma palavra, já estou com meu limite excedido.

— Sabem de uma coisa? Eu cansei dessas brigas de vocês dois. Achei que depois de um tempo longe eu poderia matar a saudade de vocês, que

chegaria em casa exausta por ter atendido pacientes à beira da morte e receberia um abraço como consolo, mas não. Só quero que os dois voltem para casa de vocês.

Os dois me olham espantados, mas nada falam.

— Eu só queria chegar em casa e ter paz, ficar com vocês, mas vocês preferem brigar e brigar e isso está me matando cada vez mais por dentro. — Minha voz já não se encontra alterada; está totalmente embargada. — Eu só quero que vocês parem e pensem no que estão fazendo. Pensem em mim pelo menos uma vez na vida. — Não espero que um dos dois falem e levanto-me, indo para o meu quarto, que não duvido nada que inunde por tantas lágrimas que estou derrubando.

Deitada em minha cama, lembro-me de uma pessoa da qual preciso muito neste momento. É para ela que eu digito uma mensagem, ou melhor, para ele. Ben me pediu para que o fizesse caso precisasse e isso me ajudou, porque ele foi o primeiro em mente.

Tony, sendo meu único amigo, sempre me ajudava nessas horas, mas ultimamente tem a Haylie, os plantões, não quero atrapalhá-lo. Na verdade, Ben também está sendo um grande amigo, apesar de meu coração bater descontroladamente por ele, coisa que não acontece nem de longe por Tony.

Oi, Ben, me desculpa por enviar mensagem a essa hora, mas é que eu preciso muito conversar com alguém. ‘

Mando a mensagem e em alguns minutos recebo a resposta.

Oi, Liz, não se preocupe. Se eu me lembro bem, pedi que me mandasse mensagem quando precisasse. Podemos nos encontrar se você quiser. Onde você está?

Meu coração parece sair pela boca lendo a mensagem, não demoro a enviar a resposta.

Obrigada, Ben. Estou em casa, mas se não se importa, te espero na frente do meu apartamento.

Levanto-me da cama e visto uma cardigã. Não está tão frio, mas é melhor evitar um resfriado. Calço um tênis e pego o celular, recebendo a mensagem do Ben.

Tudo bem, estou a caminho. Beijos até daqui a pouco.

Não respondo sua mensagem novamente, apenas enfio o celular em meu bolso e caminho para a porta da sala. Meus pais estão um na sala e outro na cozinha. Ignoro os dois e saio, fechando a porta atrás de mim. Caminho até o elevador, espero alguns segundos até que chegue, entro no mesmo e aperto o

botão para a portaria. Saio do prédio e encontro Ben parado na entrada, esperando-me. Parece até que veio de jato, ou eu é que demorei, não sei.

O que vem depois sou eu me atirando em seus braços. Não sei o que me deu, mas eu preciso de seu abraço. Ben me abraça forte, enquanto minhas lágrimas molham seu casaco. Quando enfim me sento um pouco mais calma, me solto.

— Obrigada por ter vindo, eu precisava mesmo conversar com alguém, ou não aguentaria — falo com a voz embargada pelas lágrimas.

— Não precisa me agradecer. Agora vem, vamos sair daqui. — Ben abre a porta do carro e eu entro. Ele caminha para o lado do motorista e logo está dentro do carro também, começando a dirigir para o parque.

Só não está em um tremendo silêncio porque o som baixo do carro ecoa pelo ambiente. Nenhum dos dois fala nada. Ben se concentra no caminho e eu me permito deitar a cabeça na janela, deixando as lágrimas rolares por meu rosto.

Quando chegamos, Ben abre a porta e sai em direção à porta do passageiro, abrindo-a para que eu saia. Caminhando em direção a um banco, Ben fala novamente.

— E então, Liz, diga-me o que aconteceu. — Sua voz calma é como uma melodia para os meus ouvidos. *Calma*, essa palavra ultimamente está sendo difícil ser usada.

Sento-me em um banco e começo a contar detalhes dos últimos acontecimentos.

— Eu só queria um pouco de paz, sabe? Não é pedir muito. Minha profissão exige tantos cuidados, tanta concertação, mas ultimamente o que está ocupando minha mente são eles e isso está acabando comigo. Não estou aguentando Ben. — As lágrimas parecem nunca ter fim, rolam pelo meu rosto e provocam desistência em limpá-las.

— Tenha calma, tudo se resolverá. Sei o quanto deve ser horrível essa situação, apesar de nunca ter vivenciado algo do tipo. Mas te entendo e você não está sendo egoísta, só quer sua paz de volta. Talvez depois do que você me disse agora, sobre ter falado para pensarem em você, eles façam. — Ben segura minha mão e mais uma vez, sinto vontade de abraçá-lo.

Dando-lhe um abraço apertado, não deixo de repetir meu agradecimento pelo que está fazendo por mim.

De repente, já não estou, mas lhe apertando os braços. Nossos olhos se encontraram hipnotizados um pelo outro e, então, nossos lábios se grudam. Seus

lábios carnudos amassam os meus, logo sua língua dança sincronizada com a minha.

Parece até um sonho, meu estômago revirando pela sensação que esse beijo está me causando, e a vontade que eu tenho é de nunca mais soltá-lo. Mas então a realidade vem e eu o largo, um pouco envergonhada.

— Desculpe-me. — A única palavra que sai da minha boca. Minhas bochechas provavelmente estão coradas, mas, quer saber? Não me arrependo.

Ben nada diz, parece estar em choque. Ai meu Deus, será que ele não gostou? Minha cabeça começa a fervilhar por tantas coisas em minha mente e por Ben estático.

Só espero não ter feito nenhuma burrada.

Capítulo 17

Benjamin

MEU DEUS. Estou aqui em frente a Liz, estático, sem palavras. Pelo pouco que ouvi, ela disse algo como “desculpe-me”, não sei bem. Estou sem nenhuma reação com o que aconteceu agora.

O que sei é que esse beijo me deixou extasiado e posso dizer que foi o melhor beijo da minha vida, mesmo sendo assim, desprevenido.

Não sei se sua atitude foi por estar frágil, só sei que estou ainda mais apaixonado por ela. Percebo que fiquei tempo demais estático, volto a mim e a respondo.

— Não se desculpe. Gostei do beijo, foi maravilhoso, eu só não esperava por isso. — Dito isso, posso ver, mesmo com a pouca luz que nos ilumina, o seu rosto corado. Liz com certeza está morrendo de vergonha. E fica ainda mais linda.

— Ai meu Deus, não sei onde enfiar minha cara agora. — Seu humor acaba mudando, o que é até bom, e Liz ri, com a mão tampando seu rosto avermelhado, tanto pelas lágrimas, quanto pela vergonha.

Pego sua mão e tiro de seu rosto, alisando-o.

— Ei, não precisa disso tudo. Está tudo bem, é sério — falo, tranquilizando-a.

— Tenho medo do que acontecerá depois. Não quero ficar sem graça perto de você todas as vezes que me lembrar do que aconteceu. — Liz muda totalmente seu semblante para sério, de um modo que nem parece que estava rindo a alguns segundos atrás.

— E nem precisa. Como disse, eu gostei. Não tem por que entrar nesse desespero todo. Não precisamos ficar diferente um com o outro, vamos deixar fluir.

Espero que Liz não esteja arrependida, porque eu realmente disse a verdade. Foi o melhor beijo da minha vida, melhor que quando eu beijava Morgan, que é a pessoa que achei que fosse o amor da minha vida, mas me enganei.

Com Liz foi totalmente diferente, senti que meu coração bateu mais forte. Deve ser pela paixão que estou sentindo.

É até engraçado como o amor funciona. Você não precisa conhecer a pessoa há anos, basta ela aparecer em sua frente uma só vez para te deixar com

aquela sensação de querer estar sempre ao lado dela, cuidando.

— Obrigada, Ben. Sabe, você tem sido um amor, ouvindo meus desabafos. Até hoje, mesmo tarde da noite, veio me encontrar. Não tenho palavras para agradecer o quão maravilhoso você é. — Liz sorri e logo me abraça, um abraço carinhoso, que faço questão de retribuir.

— Agora chega de tristeza. — Afago seus cabelos. — O que você acha de sairmos amanhã? — pergunto assim que tenho uma ideia em mente.

— Acho uma ótima ideia, até porque amanhã tenho uma folga obrigatória e ficar em casa o dia inteiro na minha situação não vai ser nada bom. — Liz sorri, triste.

— Como assim folga obrigatória? — pergunto rindo e ela revira os olhos, sorrindo de lado.

— Vivo no hospital, nem minhas férias eu tirei. Então meu chefe simplesmente me obrigou a tirar uma folga pelo menos. Eles não entendem que estou bem assim, que o hospital é a minha vida. Mas enfim, ficarei feliz por passar essa folga com você.

Até entendo Liz. Prefere ficar vinte e quatro horas dentro de um hospital a ter que ficar em casa com seus pais brigando. O mais interessante é os dois não pensarem no quanto estão afetando-a. Pelo que eu entendi, eles vieram passar um tempo com ela, mas de que adianta, se passam o tempo inteiro brigando?!

Tenho sorte dos meus pais serem completamente apaixonados um pelo outro. Não que eles não briguem, até têm uma discussão ou outra, mas sempre se entendem no final. Não me lembro de ter presenciado alguma briga dessas envolvendo ambos.

— Eu te entendo, mas não se preocupe. Amanhã você terá a sua melhor folga de todos os tempos — falo com um sorriso de lado.

— Uau, agora fiquei curiosa. O que faremos? — Liz me pergunta, sorrindo.

— Surpresa, só saberá amanhã. A propósito, será meu dia de folga também. — Acabo por me dar essa folga agora mesmo. — Então te busco uma da tarde, o que acha? — pergunto, olhando-a.

— Acho o máximo, mas estou tão curiosa para saber onde vamos. — Liz faz a carinha do gato de botas, o que me faz soltar gargalhadas.

— Não adianta fazer essa cara, você não vai conseguir tirar nada — falo, ainda rindo.

— Como você é insensível, Ben. — Ela faz um bico como uma criança

emburrada. O que me faz querer beijá-la novamente.

— Acalme-se, amanhã você saberá.

— Fazer o quê? Não conseguirei nada, não é mesmo?!

Liz está me deixando completamente louco por ela a cada momento.

— É isso aí, nadinha — respondo.

— Ok. O que acha de caminharmos um pouco? Estou ficando quadrada por tanto tempo sentada — pergunta.

— Vamos. — Levanto-me e, assim que Liz faz o mesmo, coloco meus braços por seus ombros pequenos, fazendo com que ela deposite sua cabeça em minha costela, por ser mais baixa que eu.

Quem nos ver, com certeza achará que somos um casal, o que para mim não é uma ideia ruim. Gosto de nos imaginar como um casal, Liz despertou em mim algo que estava guardado há muito tempo.

— Minha nossa, as horas passaram voando. Já são meia noite e meia. — Liz pega seu celular, checando algo, e dispara.

— Vamos embora então. Está muito tarde e você precisa descansar sua cabeça, porque amanhã você vai se divertir, isso eu garanto.

— Vamos, senhor misterioso — Gargalha e eu a acompanho.

Caminhamos de volta para o carro e abro sua porta, logo em seguida, me direciono para o lado do motorista. O caminho para o apartamento dela é silencioso, talvez por ela provavelmente estar pensando em como seus pais vão está em sua casa. Quando chegamos em frente ao seu prédio, desço do carro e abro novamente sua porta. Assim que Liz sai, para em minha frente.

— Obrigada, Ben, você tem sido um amigo e tanto. Te espero amanhã para sairmos.

Amigo, essa palavra vem como um soco. Liz só me vê como amigo. O pior é que provavelmente tenho razão quanto ao beijo, ela só estava frágil. Volto do meu transe e respondo.

— Sempre que precisar, estarei aqui. — Sorrio e lhe dou um beijo na testa, como um ato carinhoso; Liz retribui com um abraço.

— Preciso ir. Até amanhã, Ben — diz, soltando-se do abraço.

— Até amanhã, linda Lizzie. — Sorrio de lado, lembrando-me imediatamente de quando a chamei assim no hospital.

Ela sorri de volta e posso vê-la corando, mas logo entra, cumprimentando o porteiro, e a perco de vista. Decido, então, ir para casa.



Chego em casa e me deparo com Phil deitado em meu sofá.

— A que devo a honra, querido? — falo, debochando de sua cara.

— Te liguei, mas não me atendeu, então resolvi vir até aqui. Queria saber se tinha acontecido algo e você demorou séculos para chegar — Phil fala em tom de preocupação.

— Eu estava com a Liz — falo, sem rodeios.

— A sua médica? — pergunta, com seu sorriso malicioso de sempre.

— Ela mesmo, cara. Está passando por uma barra, você não tem noção. Os pais dela vieram passar um tempo com ela, mas só vivem brigando, ela e a mãe também. A mãe é daquelas superprotetoras sabe? Mas se tornou assim somente depois de Liz ir morar sozinha. — Phil observa minhas palavras atentamente, mas logo responde.

— Uou, que pesado. — É a única coisa dita por ele.

— Você não sabe o que aconteceu — falo na intenção de desabafar sobre o beijo.

— Se você não falar, aí é que não vou saber mesmo — fala, debochando.

— Idiota. — Rio. — Eu e Liz nos beijamos. Quer dizer, ela me beijou.

— Por essa eu não esperava — dispara Phil.

— Ainda não acabou. Descobri que estou apaixonado por ela desde que a vi, na verdade, não é só paixão. Pode ter sido rápido demais, mas para mim é amor e o que eu sentia por Morgan não chega nem perto disso. — Jogo todo meu sentimento para fora, deixando Phil estático.

— Uau — diz, aparentemente chocado.

— E sabe o que é pior? Ela me vê como amigo só acho que esse beijo foi e por estar frágil — falo, um tom de tristeza se apossando de mim.

— Você não pode se precipitar. Como sabe que é isso? Deveria perguntar para ela ou dizer o que está sentindo.

Phil dando conselhos sábios?! Não estou o reconhecendo. Rio internamente.

— Tudo bem. Agora preciso descansar, foi um dia cheio hoje. A propósito, amanhã estou de folga, vou sair com a Liz — falo com um sorriso

largo em meus lábios.

— Falou, garanhão. — Phil ri. — Tudo bem, então vou nessa, depois nos falamos.

— Ok, boa noite, Phil — falo, dando-lhe um aperto de mão.

— Boa noite, Ben, até mais. — Phil devolve o aperto e caminha para a porta, saindo e fechando-a.

Caminho até lá e tranco-a. Logo me direciono para as escadas a fim de ir para o meu quarto. Tomo um banho rápido e logo me visto, jogando-me na cama. E assim adormeço, pensando no dia de hoje.

Capítulo 18

Lizzie

Chego em casa e meus pais estão na sala, provavelmente me esperando.

— Onde você estava? Ficamos preocupados com você, filha — minha mãe pergunta. Minha vontade é de revirar os olhos e ser grossa, mas me contenho e apenas respondo:

— Fui caminhar, espairecer a mente. — Não falarei sobre Ben. — Agora, se me derem licença, preciso ir dormir.

Minha mãe me olha triste, meu pai nada fala, somente observa. Caminho para o meu quarto e vou para o banheiro, preciso tomar um banho para relaxar. Enquanto estou debaixo do chuveiro, lembro-me do beijo em que dei em Benjamin. Ainda estou tentando me entender, não deveria ter feito. Ele pode ter falado que gostou só para não me deixar sem graça, afinal, ele quer ser meu amigo apenas.

Paro de divagar e saio do chuveiro, enrolando-me na toalha. Caminho para o meu closet e pego um pijama flanelado com estampa de panda por toda parte. Pode até parecer infantil, mas amo pijamas estampados com bichinhos. Termino de me trocar e deito em minha cama, lembrando-me dos lábios carnudos e macios de Ben junto aos meus e, assim, acabo por adormecer.



Acordo por volta das dez da manhã, o que é um milagre. Isso quer dizer que eu realmente estava cansada. Levanto-me da cama e caminho para o banheiro, lavando em seguida meu rosto e escovando meus dentes. Assim que termino, vou para a cozinha, porque estou morrendo de fome. Vejo meu pai na pequena mesa de jantar e minha mãe na cozinha, lavando algumas louças.

— Bom dia — falo sem entusiasmo algum.

— Bom dia, princesa — meu pai profere.

— Bom dia, filha — minha mãe diz logo em seguida. Sua voz soa triste, até parece que a culpa dessa história toda é minha.

Se eles se entendessem logo, isso não aconteceria, evitaria muita coisa, inclusive essa minha tristeza. Eu sim tenho todo direito de ficar triste, porque,

como eu disse, os dois vivem para o trabalho. Sempre foi assim, não tinham tempo para mim, agora tenho que lidar com mais essa. Os dois em pé de guerra, ao invés de virem aqui passar um tempo comigo, matar a saudade, não, vieram somente brigar.

Dispenso meus pensamentos e vou na geladeira, pego bacon, ovos, uma garrafa de leite e coloco sobre a mesa. Pego os ovos e o bacon, coloco em uma frigideira e preparo ovos mexidos. Quando termino de fazer e já estou me preparando para comer, minha mãe diz:

— Você vai comer só isso?

Começou, estava bom para ser verdade.

— Sim, mãe, vou comer somente isso e me satisfazer só com isso.

Sinceramente, haja paciência.

Minha mãe me olha, para, pensa e depois responde.

— Tudo bem — diz, virando novamente para a louça.

É até engraçado vê-la lavando, limpando e até cozinhando. Minha mãe sempre teve Florinha e as outras empregadas. Desde que me entendo por gente, ela não faz nada em casa. Já aqui, não tenho empregada, então ela resolveu fazer. Não acho que preciso pagar alguém se eu mesma posso fazer. Outra coisa, a casa nunca fica tão bagunçada assim, exceto meu quarto.

Termino de comer, guardo as coisas e tiro o prato da mesa. Volto para a cozinha e minha mãe está cortando alguns legumes. Lavo as coisas que sujei e saio para a sala. Como ainda é cedo, vou para o meu quarto arrumar a pequena bagunça e depois para a sala, assistir algo enquanto não dá a hora de me arrumar.

Passo por alguns canais e não acho nada interessante. Resolvo procurar algum filme na Netflix e acabo colocando *Marley e Eu*. Esse filme é tão triste, mas também é tão lindo. Quando estou na metade, me dou conta da hora. Quando olho para o relógio, é meio-dia. Corro para o quarto, preciso me arrumar.

Entro no banheiro, tiro o pijama, caminho para o chuveiro, ligo-o e começo tomar banho. Demoro uns quinze minutos, por aí, me enrolo na toalha e vou para o closet procurar algo. Encontro um vestido preto meio rodado e acabo escolhendo esse mesmo. Pego uma meia calça e visto os dois; hoje amanheceu um pouco frio, então pego meu sobretudo e minha bota de cano baixo. Termino de me vestir e corro para me maquiar. Não faço nada extravagante, passo máscara de cílios, base, pó compacto e um brilho labial.

Pego uma pequena bolsinha, coloco dinheiro, documentos e meu celular. Acabo vendo uma mensagem. É o Ben.

'Liz, estou te esperando na frente do prédio. Ben.'

Olho a hora no celular. Meu Deus, já é uma da tarde, como assim? As horas passam voando. Não respondo, coloco meu celular na bolsinha e saio. Passo por meus pais, deixando um tchau, sem olhar para trás. Por sorte o elevador já está em meu andar e aberto, então não preciso esperar. Aperto o botão do térreo e o elevador começa a funcionar; não demora e chego, cumprimentando o porteiro e saindo em seguida.

Ben está em frente seu carro, lindo como sempre. Sorrio para ele e o cumprimento com um beijo em seu rosto.

— Oi, me desculpe pela demora. Acabei me distraíndo com um filme e perdi a hora — disparo depois de cumprimentá-lo.

Ben me olha e devo estar louca, por que tenho certeza que vejo um brilho em seu olhar.

— Oi, Liz. Tudo bem, não tem problema, nem esperei muito. Espero que esteja melhor. A propósito, você está linda — diz, fazendo-me corar imediatamente.

— Estou um pouco melhor, e obrigada — falo sorrindo.

— Então, vamos? Porque hoje o dia vai ser cheio — Ben diz, abrindo a porta de seu carro.

— Estou tão ansiosa para saber onde vamos que é nessa hora que penso: queria ser o flash, porque só assim chegaríamos em um piscar de olhos e minha agonia acabaria — falo, entrando no carro e arrancando uma risada grossa e gostosa de se ouvir de Ben.

Ainda rindo, mas já dentro do carro, enquanto dá a partida, diz:

— Calma, não vamos em um só lugar. Como eu sou bonzinho, te direi nossa primeira parada.

— Então me diz e acaba com a minha agonia — falo eufórica.

Ben deve achar que sou uma palhaça, não paro de fazê-lo rir.

— Vamos comer, afinal você não almoçou, certo? — pergunta.

— Não — respondo.

— Foi o que eu pensei. O restante, você verá — diz.

— Isso não vale. Queria saber mais detalhes, senhor misterioso — falo derrotada.

— Nunca imaginei que a doutora Lizzie fosse uma tremenda curiosa — Ben diz.

— Sou mais do que você pensa.

— Posso? — pergunto, apontando para o som do carro.

— Claro, não precisa nem perguntar.

Ligo o som e coloco em uma música animada. Ben parece gostar da música, seus dedos batucam o volante no ritmo. Ela realmente nos faz querer dançar. E assim espero chegar em nosso destino, o que parece levar uma eternidade.

Capítulo 19

Benjamin

Se nesse momento eu não estivesse dirigindo, com certeza estaria olhando sem parar para Liz. Ela é tão linda. Só vê-la sorrindo como agora me deixa satisfeito. Se depender de mim, hoje ela só vai chorar de tanto rir, porque o plano que tenho para nós dois não me deixa aceitar outra reação a não ser essa.

O primeiro lugar que pensei em levar Liz é um restaurante, afinal não almoçamos, e confesso que estou morrendo de fome. O caminho é longo, mas quando finalmente chegamos no melhor restaurante da cidade, com comidas típicas da Itália, estaciono o carro.

— Chegamos — falo, olhando para Liz.

— Uau! Que lugar lindo — diz, olhando para o restaurante. Com algumas mesas na calçada, a entrada meio rústica, portas de vidro e algumas plantas, o ambiente é bem agradável e torna tudo mais bonito.

Sorrio como resposta, saio do carro e caminho para abrir sua porta. Entramos, e por dentro é ainda mais bonito e um tanto quanto aconchegante. O lugar não é tão grande, as mesas são colocadas uma ao lado da outra; a toalha lembra muito as que usamos para fazer piquenique, por serem vermelhas e quadriculadas. Os vasos de flores, é o que dá um toque final. Já as paredes, são decoradas com vários quadros de diversas paisagens e desenhos abstratos. No teto, tem algumas luminárias e algumas plantas penduradas, que lembram muito a samambaia.

Escolhemos uma mesa perto da entrada, puxo uma cadeira para que Liz se sente e recebo um agradecimento.

— Aqui dentro é ainda mais encantador, amei esse restaurante — Liz dispara, com um brilho radiante em seu olhar. O que me alegra muito é saber que eu que estou proporcionando essa alegria a ela, e espero que ela fique ainda mais feliz com o restante do nosso passeio.

— Isso é verdade, tenho que concordar com você. Eu nunca tinha vindo aqui, na verdade só conhecia pela internet. — Sorrio de lado.

Liz sorri e eu não me canso de admirá-la. Como eu amo vê-la sorrindo. O garçom nos traz o cardápio e espera para anotar o pedido.

— E então, o que você vai pedir, doutora Lizzie?

Liz faz uma careta engraçada, o que me faz rir, mas logo responde.

— Lasanha à bolonhesa seria ótimo.

E não é que temos os mesmos gostos?

— Parece que temos algo em comum, doutora. Gosto de lasanha à bolonhesa também — falo, debochando ao chamá-la de doutora, e sorrio. Liz me encara com o seu lindo olhar brilhante. — Quero o mesmo. E de bebida, me traga seu melhor vinho suave, por favor — peço ao garçom, que termina de anotar nossos pedidos e sai.

Quando enfim estamos a sós, Liz volta a falar.

— Gosto de saber que temos algo em comum — diz.

— E eu mais ainda. — Vejo Liz corar rapidamente. Ela não diz nada, somente sorri envergonhada.

— Senhor, esse vinho é um dos melhores que temos. É o Brunnello Di Montalcino, safra 2011. — O garçom volta à meda e nos serve.

Agradecemos e ele avisa que nossos pratos já estão a caminho.

— Vamos fazer um brinde — proponho.

— Ao que vamos brindar? — pergunta, ainda com seu sorriso estampado no rosto.

— Brindamos a você — respondo e levanto minha taça.

— Tudo bem — diz, repetindo o gesto.

Tocamos uma taça na outra, fazendo-as tilintar.

— A você — digo, sorrindo e olhando-a.

— A mim — responde, sorrindo, mostrando seus dentes perfeitamente alinhados.

Absorvo o aroma do vinho, ao aproximar meu nariz para senti-lo. Logo em seguida, tomo o líquido. Posso sentir o gosto perfeitamente e constato que realmente o vinho é bom. Liz me olha, também degustando de seu vinho, e parece gostar. Não pergunto sobre o que achou. O garçom chega com nossos pratos e agradecemos.

Começamos a comer e não posso evitar o gemido que dou. A lasanha é maravilhosa, com certeza vou voltar mais vezes para comê-la. Liz solta um suspiro e diz:

— Meu Deus, essa lasanha é a melhor que já comi. Está maravilhosa.

— Devo concordar com você, e que Carola não me ouça, se não é capaz de puxar minhas orelhas por estar desprezando sua comida — falo rindo.

— Quem é Carola? — Liz pergunta e percebo o receio em sua voz.

— Ela é minha governanta, uma segunda mãe para mim. — Sorrio.

— Ah! Entendi. — Liz sorri e relaxa seus ombros; percebi que estavam tensos. Terminamos de comer e faço sinal para o garçom.

— O que você acha de uma sobremesa? — pergunto antes de ele chegar até nossa mesa.

— Estou satisfeita, não aguento mais nada, mas mesmo assim, obrigada. — diz rindo.

Peço a conta e, assim que ele a traz, pago, deixando uma quantia a mais de gorjeta.

Caminhamos para a saída de encontro ao estacionamento. Meu carro não está tão distante, então logo estou abrindo a porta para Liz e caminhando para o lado do motorista. Alguns minutos depois, já estamos em direção à nossa próxima parada.

Liz e eu conversamos sobre várias coisas. Ela me fala mais sobre sua infância e seus pais, me diz que na casa dos seus pais também tem uma governanta e que ela a tem como mãe, pois foi quem a criou. Saber o quanto ela sofreu pela ausência dos pais é frustrante.

Mas agora, parando para pensar, a mãe de Liz, com toda essa proteção e essas brigas constantes, pode ser remorso. Deve se sentir mal por não ter feito nada antes, agora quer correr atrás do tempo perdido. É meio tarde, não é mesmo?! Liz já é uma mulher adulta, não precisa de ninguém pegando em seu pé. Mas enfim, espero que tudo se resolva.

— Chegamos — aviso, olhando-a.

— Onde estamos? — pergunta assim que saímos do carro.

— O que você acha de patinar no gelo? — respondo com uma outra pergunta, sorrindo de lado.

Liz se empolga, animada, dando pulinhos, parecendo aquelas crianças que descobrem que vão para a Disneylândia. Dou risada. Ela fica ainda mais linda, quando está feliz.

— Sério que vamos patinar? Faz anos que não patino. Umas das poucas vezes que eu e meus pais saíamos, era para patinar — diz.

— Que bom que gostou da ideia, porque vamos passar a tarde inteira aqui — falo sorrindo.

Caminhamos e, assim que adentramos o local, já se veem pessoas patinando na pista. Vamos até o balcão, onde um jovem entregava os patins para as pessoas.

— Qual seu número? — pergunto.

— Trinta e cinco — responde, sorrindo envergonhada, provavelmente por se achar tão pequena. O que não é mentira, mas Liz é linda, não importa se alta ou baixa. Nada importa, o que importa mesmo é o seu caráter.

Depois de pegar nossos patins e coloca-los, vamos para a pista. Em nossos primeiros passos, Liz leva um tombo e a ajudo a se levantar. Depois de um segundo, começamos a rir.

— Estou tão enferrujada!

— Voltaremos para cá mais vezes, logo você vai estar craque — falo sorrindo.



Depois de várias horas e tombos de Liz, levo-a para o nosso último passeio.

— Vem.

Pego em sua mão, recebendo um choque. Olho para ela e sorrio; Liz retribui com um sorriso tímido. Entro no shopping, ainda segurando em sua mão.

— Para onde estamos indo? — pergunta, com curiosidade.

— Assistir um filme — respondo, sorrindo de lado.

— Adoro filmes — diz empolgada.

Subimos a escada rolante e seguimos até o cinema. Ficamos em uma pequena fila para comprar os ingressos e pipoca. Compro um pote imenso, dois refrigerantes e alguns chocolates. Seguimos para a sala em que vamos ficar, deixamos os ingressos com o segurança e entramos. Decidimos ficar em um dos bancos do meio. Em alguns minutos, o filme começa.



Depois de quase duas horas de filme, já estamos sentados no banco do carro e eu dirigindo até o apartamento de Liz.

— Amei o filme — diz.

— Eu também — falo, prestando atenção na direção.

Conversamos um pouco mais sobre o filme; não demora e já estamos em frente ao seu apartamento.

— Obrigada por hoje, Ben. Me diverti como nunca antes — diz, assim que paramos em frente ao portão.

— Fico feliz que tenha gostado, é bom vê-la sorrindo e espero que aconteça isso sempre. Não gosto de vê-la triste — falo, olhando-a.

— Também espero — diz com um meio sorriso.

— Espero que fique bem. Descanse, e se precisar, é só me chamar — falo.

— Tudo bem — responde sorrindo.

— Preciso ir. Até mais, Liz — falo, indo abraçá-la.

— Até mais, Ben — responde e me abraça.

Vou beijar seu rosto, mas acaba sendo em sua boca. O que era um selinho vira um beijo cheio de sentimentos. Paramos quando nos falta o ar e sorrimos um para o outro.

— Tchau, Ben — diz ainda sorrindo, e eu mais ainda.

Dou um selinho rápido nela, que entra em seu prédio, acenando, e depois desaparece de minhas vistas. Entro no carro com um sorriso imenso. Se comparar com o Coringa, eu ganho fácil. Dou a partida até minha casa.

Capítulo 20

*"Diga pra minha mãe, Diga pra meu pai
Que eu tenho feito o melhor que posso
Pra fazer eles perceberem
Que essa é minha vida
Eu espero que eles entendam
Que eu não estou bravo Só estou dizendo...
Que algumas vezes o Adeus é uma segunda chance..." Shinedown —
Second Chance.*

Lizzie

Depois de me despedir de Ben, subo o elevador nas nuvens. Ainda estou tentando assimilar que nos beijamos outra vez.

Entro em meu apartamento e nem sinal dos meus pais, devem estar dormindo. Vou para o meu quarto, me dispo e tomo um banho quente relaxante. Não demoro muito, vou para o closet e pego meu pijama flanelado. Visto-me, deito em minha cama e acabo adormecendo com o pensamento nos lugares que fomos e em nosso beijo.



Acordo pela manhã, faço minhas higiênes e vou para a cozinha, arrumar o que comer.

— Bom dia — falo assim que entro na cozinha e vejo meus pais sentados à mesa.

— Bom dia, princesa — responde meu pai.

— Bom dia, meu amor — minha mãe responde em seguida.

Pego minha caneca, sento, coloco café e pego algumas torradas. Faço tudo isso, com os olhares dos dois sobre mim. Antes do silêncio se tornar insuportável, minha mãe volta a falar.

— Filha, primeiro eu quero pedir minhas sinceras desculpas se agi errado em tudo. — Quando vou falar, ela faz um sinal para que eu espere. — Eu só

queria correr atrás do tempo perdido.

— Você não acha que é muito tarde? — pergunto.

— Sim — responde com um fio de voz.

— Eu também acho que sim. Já sou adulta, mãe, não preciso de sermões para eu comer, para deixar de fazer plantões para ajudar um amigo, não preciso ter que ouvir que cheguei tarde em casa. Eu sei o que é o melhor para mim, sei até onde posso ir.

Ela me olha nos olhos, posso ver a tristeza que os seus transmitem.

— Eu perdi tanto tempo ao seu lado que para mim você ainda é minha menininha. Me perdoe por não ter sido presente, filha, por ter passado mais tempo no trabalho do que ao seu lado. Foi esse sentimento que me tornou o que você viu. Não queria ter feito você passar aquele vexame na frente de seus amigos. Quando vi, já tinha dito e nem ao menos percebi que estava errada. Em minha cabeça, tudo que eu disse estava certo.

A essa hora, algumas lágrimas já saem de seus olhos. Eu estou quase despejando as minhas também.

— Você precisa pedir desculpas para o Tony, ele ficou constrangido com tudo que disse. Agora, sobre mim, não sabem o quanto eu senti por não ter vocês em minha infância. Por mais que Florinha tenha sido uma segunda mãe, cuidado muito bem de mim, eu queria os meus pais comigo, queria sair mais vezes em família. Poxa, eu já não tinha amigos, vivia dentro de casa quando não estava no colégio. Podem entender o quanto me fizeram falta? Quando soube que vocês passariam um tempo aqui, não imaginei que fosse esse caos todo. Jamais imaginaria que ia chegar de um dia cansativo e encontrar os dois em uma briga constante. Quando um paciente morre, sem eu ter conseguido fazer mais nada, só quero um abraço, sabe? Não é pedir muito, mas o que eu encontrava era a discussão de vocês. Isso só me matou mais ainda.

A essa hora, já estou em prantos, não aguentei. Mas sinto um alívio em poder falar tudo para os dois. Desabafei com Ben, foi bom, não vou negar, mas falar para os causadores da minha angústia é ainda melhor. Parece até que tirei um peso de minhas costas.

— Nos perdoe, princesa. Estou me sentindo muito mal por ter causado tudo isso a você. Não deveria pensar só no trabalho, deveria ter sido o pai que você merece — meu pai se manifesta ao ver meu estado.

— Meu amor, seu pai tem razão. Fomos péssimos pais. Nós achávamos que trabalhando muito não íamos deixar faltar nada, mas esquecemos do principal, do amor que você precisava. Não tenho mais palavras para dizer o

quanto me arrependo de ter sido uma mãe horrível. Quando você nasceu, assim que estava em meus braços, sendo amamentada, prometi cuidar de você e ser uma boa mãe, mas falhei e muito.

Minha mãe chora descontroladamente, não preciso dizer que o meu estado está deplorável. Meu pai? Está como eu nunca tinha o visto. Em seu rosto, com algumas marcas de expressão por sua idade, vejo as lágrimas escorrendo.

Eu só queria paz e parece que estou no caminho dela.

— Eu os perdoo, mas só se me derem um abraço — falo em meio às lágrimas e um sorriso.

Os dois não dizem nada, levantam-se, e me abraçam. Sinto uma grande alegria; estava com saudades desses momentos. Depois de soltar os dois, volto a falar.

— Agora, me prometem uma coisa? — pergunto, olhando para eles.

— O que você quiser, princesa.

— Sim, meu amor — minha mãe diz logo em seguida.

— Parem de brigar, por favor? Vocês podem resolver com uma conversa, mas não briguem mais, é só isso que eu peço — falo em uma súplica.

— Você tem razão, meu amor. Eu tenho a maior parcela de culpa em tudo, sei que sou muito difícil lidar, mas prometo melhorar nisso — diz minha mãe, segurando em minhas mãos e olhando em meus olhos.

Olho para o relógio na parede e já passa de uma da tarde. Parece que esse assunto rendeu.

— Tudo bem, agora preciso me arrumar, antes que eu me atrase. Hoje entro às três da tarde. — falo me levantando.

Vou para o meu quarto e pego meu uniforme no closet. Entro no banheiro, faço um coque em meus cabelos e já vou me despindo. Ligo o chuveiro e a água quente cai pelo meu corpo. Sorrio ao pensar nas horas anteriores, por, agora sim, saber que terei a paz que eu precisava. Estou radiante por ter me reconciliado com os meus pais. Vinte minutos depois, eu já terminei de tomar banho e me vestir. Pego minha bolsa, o jaleco e a chave do carro.

Saio do quarto, indo para a cozinha, me despeço dos dois com um beijo e um abraço e saio porta afora. Mas não antes de ter ouvido minha mãe pedindo para chamar Tony e Haylie para um jantar, como pedido de desculpas.

Assim que entro no hospital, avisto Tony passando pelo corredor. Logo me apresso em chamá-lo.

— Tony — chamo sem elevar muito o meu tom de voz, até porque em minha frente tem uma placa enorme escrito *silêncio*, bem destacado.

— Oi, linda — diz, dando-me um beijo no rosto.

— Ainda bem que eu te encontrei agora, precisava mesmo falar com você. — falo sorrindo. Tenho certeza que seria difícil encontrá-lo mais tarde, nosso horário de jantar é diferente e provavelmente ele sairá com Haylie.

— E o que a senhorita deseja? — pergunta, fazendo graça.

— Dona Stella pediu para que eu chamasse você e Haylie para um jantar. Ela quer pedir desculpas por ter deixado você sem graça aquele dia com o vexame dela — falo e, assim que termino, Tony respira aliviado.

— Me bateu um medo aqui, mas já passou. Vocês estão bem, então? — pergunta depois de me fazer rir de suas gracinhas.

— Você é um palhaço mesmo, Tony. Sim, conseguimos nos entender. Mas me diz, você vai? — Recomponho-me da minha risada.

— Vou sim e fico feliz por vocês estarem bem. Hoje mesmo vou falar com a Haylie — diz sorrindo.

— Que ótimo. Agora, mudando de assunto, como vocês dois estão? — pergunto. Faz um tempinho que não conversamos, vivemos na correria. Não tive tempo nem para falar que eu e Ben nos beijamos.

— Melhor impossível. Conheci os meus sogros, são bem legais. Só o pai dela que é meio ciumento, mas foi só eu e ele sentarmos no sofá, eu dizer minhas reais intenções e pronto, já estávamos como velhos amigos, falando sobre futebol e, claro, eu não deixei de fazer minhas graças, até porque é o meu charme — fala, fazendo-me rir. — Eu a levei para conhecer os meus pais também. Eles a amaram, minha mãe principalmente, o que me deixou feliz e a Haylie também. Ela estava tão nervosa com isso, achou que ela não seria bem-vinda. Uma grande bobagem, mas no final deu tudo certo. Ela ficou mais aliviada.

— Que bom, fico feliz por vocês. Agora, não diz que é bobagem, ela é tímida, você bem sabe — falo em tom de repreensão.

— Ok, não está mais aqui quem falou — diz, levantando as mãos em sinal de rendição.

— Tenho uma coisa para te contar — falo.

— Conte-me e não me deixe curioso. Você está vermelha de vergonha, aí tem — diz. Eu sabia que estaria.

— Lembra o Benjamin? O paciente que eu atendi? — pergunto.

— Sim, o que tem ele? — pergunta com um sorriso de lado. Tony não é nenhum bobo, ele deve imaginar o que eu vou dizer. Ou não.

— Como eu e você não conversávamos direito há um tempo, eu e Ben nos encontramos em um dia que eu estava andando sem rumo. Tinha acabado de brigar com a minha mãe...

Depois de contar tudo para o Tony, ele fica sem reação.

— Uau! E o que você está esperando para dizer para ele que gosta dele? — pergunta indignado.

— Eu não sei. E se ele não sentir o mesmo?!

Estou tão aflita, é tão difícil ficar com essa dúvida martelando minha cabeça.

— Você só saberá se contar, simples assim. Mas é impossível ele não gostar de você, Liz, quem é que não gosta? — diz, confortando-me e me tirando um sorriso.

— Ok, vou criar coragem e falar com ele. Agora, chega de conversa, precisamos trabalhar — falo, até porque conversamos demais e preciso deixar minhas coisas em minha sala primeiro antes de ir ver alguns pacientes.

— Não deixa de falar, ouviu? Agora vou indo, tchau, até mais — diz me dando um beijo no rosto.

— Tchau. — Sorrindo, caminho até minha sala e, no caminho, encontro alguns colegas de trabalho; cumprimento-os.

Chego em minha sala e começo arrumar as coisas.



Meu horário de jantar chega. Caminho para a lanchonete do hospital, para pegar um pedaço de torta e do bolo maravilhoso com recheio de baunilha que eu não fico sem. Sento em uma mesa no canto e começo a comer. Tiro meu celular do bolso.

Acordado?

Mando uma mensagem para o Ben, preciso falar sobre a reconciliação com os meus pais. Meu celular apita, assim que termino de colocar o garfo em minha boca.

Sim, aconteceu alguma coisa?

Ben pergunta, provavelmente acha que é mais uma briga.

Não, quer dizer, sim. Eu os meus pais nos reconciliamos. :)

Não demora muito e recebo sua resposta.

Que bom, fico feliz por você. Quero saber como aconteceu. Você está em casa?

Eu até esqueço que estava comendo e digito uma nova mensagem.

Prometo te contar, mas agora não dá, estou no meu horário de janta, já, já eu volto :/

Por mim, ficaria aqui batendo papo, mas não dá. Termina minha torta, enquanto espero sua resposta.

Que tal nos vermos amanhã? Eu preciso te dizer uma coisa, então você aproveita e me conta como tudo aconteceu.

Fico pensando sobre o que ele quer me dizer.

Tudo bem, nos vemos em frente ao meu prédio, na parte da manhã, se não tiver problema para você. Amanhã eu entro na parte da tarde aqui no hospital.

Sem problemas, te envio mensagem, quando estiver a caminho.

Ele me responde em uma rapidez que chega a me deixar impressionada.

Ok, mas agora você me deixou curiosa. O que quer me dizer?

Pergunto.

Amanhã, doutora curiosa. haha :)

Dou risada e olho para os lados, vendo se tem alguém me olhando. Ainda bem que não.

“Ok, fazer o quê? Preciso aguentar minha curiosidade.”

“Agora preciso ir, já deu meu horário, beijos e até amanhã. :)”

Mando as mensagens, uma seguida da outra. Meu celular apita, avisando que Ben respondeu. Mas guardo o aparelho em meu bolso e olho para o meu bolo que ficou intacto no prato.

Peço para a atendente guardar em uma embalagem para que eu leve. Assim que ela o faz, caminho para minha sala novamente, com a mensagem de Ben martelando em minha cabeça. Queria muito saber o que é, mas, como ele disse, só amanhã. O que me resta é aguardar e torcer para que o amanhã chegue logo.

Capítulo 21 parte 1

Benjamin

Acordo pela manhã, lembrando-me do dia de ontem. Foi maravilhoso, ainda mais por ter beijado Liz novamente. Seus lábios me chamam sempre que estou perto dela e não consigo me controlar.

Levanto-me da cama, despertando para a realidade. Hoje já é outro dia e preciso trabalhar. Caminho para o banheiro, despindo-me e ligando o chuveiro em seguida. A água morna relaxa o meu corpo e, se eu não tivesse dormido o suficiente, com certeza despencaria nesse chão. Termino meu banho e logo em seguida pego a toalha, secando-me. Assim que termino de me arrumar, desço para a cozinha para tomar meu café.

— Bom dia, Carola, meu amor — cumprimento-a quando entro na cozinha, dando-lhe um beijo.

— Bom dia, meu menino. E esse sorriso enorme em sua cara, posso saber o motivo? — pergunta curiosamente.

— Em breve você saberá — falo ainda sorrindo.

— O que você está aprontando, hein? — pergunta toda desconfiada. Fala como se eu fizesse várias besteiras.

— Nada — respondo rindo.

— Estou de olho em você, menino — diz, fazendo-me gargalhar. Aposto que quando descobrir, Carola ficará espantada. Ela nem imagina.

Carola, assim como minha mãe, não ia com a cara de Morgan. Quando ela soube o que ela me fez, ficou irada, disse até que sua vontade era dar umas boas bofetadas na mulher. O que me arrancou boas risadas, depois de me espantar com a sua reação. Ela é um doce, uma senhora meiga e amável. Vê-la da forma que vi me surpreendeu, porque ela nunca está nervosa, sempre sorrindo aos quatro ventos.

Termino meu café, despedindo-me dela, e caminho para o meu escritório. Tenho muitas coisas a tratar, alguns casos para analisar, e preciso entrar em contato com Fred, o detetive particular que contratei para encontrar Eric. Se for tão bom quanto me diz, ele o encontrará e logo aquele infeliz estará atrás das grades. Agora sim tenho certeza que ele morrerá dentro de uma cela.

Descobri que o juiz não é mais o mesmo que o que atuou no caso do Eric. Ele estava sendo investigado, parece que já estavam desconfiando de sua má índole. Fico imensamente feliz que não demorou muito para a casa dele cair.

Foi tão idiota que acabou por perder seu direito de continuar atuando na área. Soube também que não foi só o Eric que pagou para se livrar da prisão, tiveram vários outros casos e me sinto aliviado por saber que esse babaca, não vai mais receber nada em troca da liberdade desses bandidos.

Chego em meu escritório uns vinte minutos depois.

— Bom dia, Brianne — falo assim que estou perto de sua mesa na recepção.

— Bom dia, senhor. Já estou indo em sua sala levar sua agenda de hoje — diz, cumprimentando-me.

— Ok — respondo. — Ah! Brianne, antes que eu me esqueça, pede para Philips vir a minha sala, por favor?

— Sim, senhor — responde prontamente.

Agradeço e caminho para minha sala.

Alguns minutos depois, Brianne me traz a agenda e, logo que sai, Phil entra em minha sala.

— Bom dia, Benzinho — diz, todo zombeteiro.

— Aff. — Reviro meus olhos, mas acabo rindo. É um palhaço mesmo. — Bom dia, Philips — falo, recompondo minha postura.

— Vixi, chamou pelo meu nome, então é coisa séria. Qual é a bomba da vez? — pergunta, assumindo seu lado sério.

— Na verdade, não tem nenhuma. Só queria saber se você tem notícias do Fred. Preciso saber como andam as suas buscas — falo.

— Ufa, achei que alguma notícia ruim. Bom, ele não me mandou nada e eu estou atolado de coisas, então acabei nem entrando em contato com ele.

— Então farei isso. Preciso de notícias para ontem; quanto mais rápido, melhor. Nunca se sabe se aquele infeliz pode estar aprontando com outras pessoas, onde quer que esteja — falo.

— Você tem razão, não dá para esperar mais nada daquele ali.

— Não mesmo. Agora, mudando de assunto, eu e Liz nos beijamos novamente — falo sorrindo.

— Você não perde uma, não é mesmo?! — diz rindo.

— Cara, está ficando impossível ficar perto dela e não a beijar — falo a mais pura verdade.

— E o que você está esperando para falar isso para ela? — pergunta o óbvio.

— Não sei, talvez seja por esperar a coragem aparecer. Parece idiota, mas tenho medo de ouvir que não é recíproco.

— Só vai saber se falar. E, pelo que me disse, se ela não gostasse, você teria recebido no mínimo um tapa, ou ela não teria te beijado primeiro — diz, olhando-me. Talvez ele tenha razão e é o que eu falo.

— É, talvez você tenha razão. Assim que possível, falo com ela. Mas agora preciso saber do Fred e resolver algumas pendências — digo, deixando esse assunto encerrado, por ora.

— Ok, também preciso voltar ao trabalho. Depois me diz se Fred tem alguma novidade. E sobre a Liz, também — fala, dando um sorrisinho ao falar dela.

— Doutora Lizzie para você, Philips — digo, com um falso tom de aborrecimento.

— Está com ciúmes, Ben? Mas já? Não se preocupe, não vou roubá-la de você — diz, gargalhando.

— Cala boca, idiota — falo rindo. — Agora sai e me deixa trabalhar.

— Tchau, Ben ciumento. Agora esse será seu novo sobrenome — fala rindo.

— Cara, você é mesmo um idiota, não sei como a loira te aguenta — digo. — Falando em loira, vocês ainda estão saindo?

— Mas é claro, ela não resiste ao lindão aqui — fala, passando a mão no corpo, arrancando-me risadas.

— Coitada — falo, lamentando e rindo.

— Eu sei que você queria estar no lugar dela, amor.

Ô cara idiota é esse Phil.

— Sai daqui, ridículo, prefiro a Liz — falo rindo.

— Humm, estou vendo que essa paixão aí vai longe — debocha.

— Daqui a pouco é você. Agora tchau, Philips, vai trabalhar.

— Se for para ficar igual você, nem quero — diz rindo.

— Eu disse tchau, Philips — falo, acertando-o com um objeto que estava em cima da minha mesa.

— Ai! Você está muito agressivo, preciso ter uma conversa séria com "Liz". — Dá ênfase no apelido dela e sai rindo, fechando a porta.

Dou risada com essas palhaçadas dele.

Volto para o que estava fazendo, mas acabo parando novamente, preciso

ligar imediatamente para Fred. Pego meu celular e procuro por seu número, encontrando rapidamente, e, logo em seguida, estou esperando-o atender.

— Fred?

— *Alô, senhor Campbell? Estava agora mesmo indo ligar para o senhor.*

— E então... Tem algo novo para mim?

— *Sim, descobri que Eric foi para o Brasil. Vai levar um pouco mais de tempo para achá-lo, o país é grande, mas não se preocupe, vou fazer o possível e o impossível para encontrá-lo.*

— Droga. Ok, me mantenha informado.

— *Sim senhor.*

Desligo a chamada. Espero que Fred faça o que diz, aquele inútil pensou muito bem antes de fugir. Ainda com o celular em mãos, mando uma mensagem para Phil.

Dois minutos depois, obtenho a resposta.

E em que lugar ele se meteu?

Respondo logo em seguida.

Brasil.

Não demora e sua resposta vem.

Puta merda, que filho da puta. E o que Fred pensa em fazer?

Ainda não sei, ele me disse que faria o impossível para encontrá-lo naquele país enorme. Eu pedi para me manter informado e o que nos resta é esperar.

Fazer o que, não é mesmo?!

Depois nos falamos, preciso terminar de analisar meus casos.

Guardo meu celular, voltando ao meu dever.



Algumas horas mais tarde, já estou dirigindo até em casa. Estou exausto, tinha tanta coisa, alguns casos bem complicados, mas já resolvidos, ainda bem. Não tive tempo nem de almoçar, estou morrendo de fome. Chego em casa, tomo um banho e corro para ver o que Carola preparou.

— Boa noite, Carola, o que tem para o jantar? Estou morrendo de fome

— falo, beijando seu rosto.

— Boa noite, menino. Fiz macarrão com almôndegas. Agora me diz, que fome toda é essa, posso saber? — pergunta, carrancuda.

— Não almocei hoje.

— E você ainda diz como se isso fosse tão normal? Acha isso bonito? — questiona.

— Não, Carola, meu amor. Não tive tempo para sair, estava atolado de serviços.

— Mesmo assim, deveria ter saído para almoçar. Não precisava passar o ano inteiro no lugar, bastava tirar só um pouquinho do seu tempo e fazer uma refeição decente. Agora vá sentar que já levo seu prato — diz autoritária, como se eu fosse um menino ainda.

Saio da cozinha rindo e ouço Carola resmungar que eu ainda debocho de sua cara.

Capítulo 21 parte 2

Benjamin

Depois de ter comido e ouvir mais alguns sermões de Carola, subo para o quarto para me deitar. Estou assistindo uma série em um canal qualquer e ouço meu celular apitando, sinal que acabou de chegar mensagem.

Vejo que é Liz e respondo.

Sim, aconteceu alguma coisa?

Meu pensamento vem logo depois de sua mensagem. Aposto que são seus pais. Eles podiam se resolver e parar de deixar Liz arrasada.

Não, quer dizer, sim. Eu me reconciliei com os meus pais. :)

Uau, até que enfim, *Deus, obrigado por ouvir minhas preces*, penso e logo respondo.

Que bom, fico feliz por você. Quero saber como aconteceu. Você está em casa?

Mais uma vez, obtenho uma resposta rápida.

Prometo te contar, mas agora não dá. Estou no meu horário de janta, já, já eu volto :/

É uma pena não saber mais sobre o que aconteceu, mas aí me lembro que também preciso falar com ela e lhe respondo logo.

Que tal nos vermos amanhã? Eu precisava te dizer uma coisa, então você aproveita e me conta como tudo aconteceu.

Sua mensagem chega prontamente.

Tudo bem, nos vemos em frente ao meu prédio, na parte da manhã, se não tiver problema para você. Amanhã eu entro na parte da tarde aqui no hospital.

Respondo assim que leio sua mensagem.

Sem problemas, te mando mensagem, quando estiver a caminho.

Ok, mas agora você me deixou curiosa. O que quer me dizer?

Rio ao ler sua mensagem, vendo o quanto é curiosa.

Amanhã, doutora curiosa. haha :)

Respondo rindo.

Ok, fazer o quê? Preciso aguentar minha curiosidade. Agora preciso ir, já deu meu horário. Beijos e até amanhã. :)

É uma pena. Então até amanhã, Liz. Beijos.

Responde.

Olhando para o celular, sorrindo. Fico feliz que tudo tenha se resolvido entre Liz e seus pais, é um alívio saber que ela não ficará mais quebrada.

Agora, pensando em amanhã, meu coração parece sair pela boca. Não posso mais guardar esse sentimento, preciso dizer que em pouco tempo ela me fez amá-la.

Deixo o celular ao meu lado no criado mudo. Volto a assistir a série e acabo pegando no sono.



Hoje acordei mais cedo que o normal. Resolvi passar no escritório e sair antes do almoço para buscar Liz. Fiz tudo que tinha em minha agenda hoje, participei de algumas reuniões e agora estou indo ao apartamento dela. Meu coração está quase saindo pela boca. Antes de sair, mandei uma mensagem avisando que já estava a caminho. Paro em frente ao prédio minutos depois e espero por ela, em frente ao carro.

Não demora e já a encontro, toda sorridente cumprimentando o porteiro e seguindo até mim.

— Oi — diz sorrindo e me dando um beijo no canto da boca. Sorrio, gostei disso.

— Oi — falo sorrindo. — Que horas você entra no hospital? — pergunto, abrindo a porta para que ela entre.

— Às três da tarde — diz, entrando no carro.

— Ótimo, então ainda temos bastante tempo — falo e caminho para o lado do motorista.

Dirijo até um restaurante, não muito distante daqui. Paro em frente e o manobrista pega minha chave. A recepcionista nos leva em uma mesa não muito afastada. Assim que termino de arrastar a cadeira para que Liz se sente, me sento também.

O garçom logo chega e anota nossos pedidos. Liz pede um ravióli de quatro queijos e peço o mesmo. Para beber, ela pede um suco de laranja e eu uma taça de vinho branco.

— E então, como foi com seus pais? — pergunto depois que o garçom se

foi.

— Pela manhã, minha mãe me chamou para conversar. Meu pai se juntou a nós duas e ela começou se desculpando, sabe? Eu falei sobre tudo, que sentia falta deles e que achei que essa vinda dos dois fosse para matar a saudade, mas que não estava sendo assim.

Olho-a atentamente, sem dizer uma palavra.

— O que eu queria era chegar de um dia cheio, em que um paciente morresse sem eu ter mais nada a fazer e encontrar paz, não os dois brigando. Falei sobre eu ter sido criada por Florinha, porque os dois não tinham tempo, que era só trabalho e mais trabalho. Eles me entenderam, pediram desculpas, disseram que achavam que estavam fazendo o melhor, porque não queriam deixar faltar nada para mim. No final, nos abraçamos entre um choro de alívio. Minha mãe até quis se redimir com Tony e Haylie, pediu para que eu os chamasse para um jantar. Foi tão bom, eu vi ali que finalmente minha paz chegaria. E fiz os dois prometerem que não vão mais brigar, que terão uma conversa civilizada — termina de falar com um sorriso lindo e com os olhos brilhando, transparecendo sua alegria.

— Fico imensamente feliz em saber que vocês finalmente ficaram bem e que tudo está resolvido. Você merece ser feliz, Liz — falo sorrindo e pegando em suas mãos.

É, acho que minha hora já chegou, preciso contar para ela. Meu coração acelera, parecendo que a qualquer momento sairá pela minha boca.

— Agora que me lembrei, você queria falar comigo, me deixou curiosa. Aconteceu alguma coisa? — pergunta.

Ainda segurando suas mãos e olhando em seus olhos, falo:

— Sabe, talvez você não acredite, mas... Desde que nos conhecemos, você despertou algo que eu havia guardado há muito tempo. Na verdade, é até melhor do que antes. Quando você me beijou pela primeira vez, foi tão bom. Me desculpe se te deixei pensar o contrário, mas eu fiquei sem reação e a primeira coisa que me veio à cabeça foi que você estava me beijando por estar frágil. — Liz me olha com os olhos arregalados e balançando a cabeça em negação. — Quando te levei para sair, queria te deixar feliz, longe dos seus pais, dos seus problemas. Eu não aguentava mais vê-la sofrendo.

Ela sorri, com o sorriso que me deixa ainda mais apaixonado. Sorrio de volta e contínuo.

— Eu não consigo guardar mais o que sinto. Algumas pessoas não acreditam, mas eu sim, porque estou vivendo isso e realmente quero que saiba.

Eu estou te amando. Não sei se sente o mesmo, mas quero que saiba que esse sentimento está crescendo em mim e foi tão de repente que é até assustador. Quando estou perto de você, minha vontade é de te beijar sem parar.

Paro de falar e espero por alguma palavra dela.

— Sabe, eu acredito no que diz. Assim que te vi, senti algo diferente dentro de mim. Achei estranho, você era meu paciente, eu tinha acabado de chegar e saber sobre o seu estado, achei uma loucura. Mas aí sua mãe me pediu que fosse em seu quarto. Eu já tinha a intenção de passar por lá, para saber como você estava. E foi só eu olhar em seus olhos para sentir novamente como se meu estômago estivesse revirando. Mas não era algo ruim, a sensação era boa. E, quando cheguei em casa, fiquei pensando que eu só podia estar louca. Nos vemos uma única vez, como isso podia ser possível?! Mas é possível, até sonhei com você — fala corando.

Suas palavras me deixam mais esperançoso.

— Quando eu te beijei pela primeira vez e depois caiu a ficha, também fiquei pensando se o que eu estava sentindo por você era recíproco. Agora que você me disse que está me amando, parece até um sonho, estou sem acreditar. É bom saber que o que sinto por você, você também sente por mim. Também estou te amando, Benjamin.

Quando ela termina, minha vontade é de beijá-la e, é o que eu faço, sem me importar com nada ao nosso redor. Sorrio em sua boca e depois continuo a beijá-la. Quando enfim nos soltamos, meus lábios protestam, pedindo por mais. Mas os ignoro, preciso falar o que tanto quero.

— Sabe, acho que foi Deus quem te colocou em minha vida. Quer dizer, tenho certeza. Você salvou minha vida e agora salvou meu coração. Acho que para ficar melhor ainda, você poderia aceitar ser minha namorada — falo rindo. Não é um dos melhores pedidos, mas esse momento está tão perfeito que não posso esperar mais tempo do que já esperei.

Liz me olha com seus olhos brilhando em lágrimas não derramadas e não demora a responder, deixando-me feliz com sua rápida resposta.

— Devo todo esse momento a Deus e Tony por ter me enviado naquele dia para o plantão. O que mais me deixa feliz é saber que você está bem, que não houve sequelas e que estamos aqui nesse momento, nos declarando um para o outro. Tenho certeza que você é o que eu precisava, é a pessoa com quem quero ficar — diz sorrindo e logo em seguida me dá um selinho.

— Então isso é um sim? — pergunto, olhando no azul brilhante de seus olhos que eu tanto amo.

— Sim — diz sorrindo.

Puxo seu rosto, colando-o ao meu, e selo nossos lábios em um beijo apaixonado.

O garçom chega com nossos pratos e, nos minutos seguintes, olho mais para Liz do que para minha comida. Ainda não acredito que ela aceitou.

— Estou pensando se isso tudo é real, se tudo o que acabou de acontecer, não é só mais um sonho — Liz diz depois de alguns minutos me olhando.

— Mas é claro que é real, linda. — Aproximo-me mais e lhe dou um selinho. Acaricio seu rosto, sorrindo, fazendo-a retribuir o sorriso. — O que você acha de sairmos agora daqui e caminharmos um pouco?

— Acho uma ótima ideia, assim podemos conversar mais antes do meu plantão.

Queria passar o dia inteiro com ela, mas como não é possível, vou tentar me contentar com as poucas horas que nos restam. Chamo o garçom, pedindo a conta, e saímos em seguida. Pego minha chave com o manobrista e não demora até já estarmos dentro do carro indo até o parque.

Alguns minutos depois, já estamos caminhando abraçados no parque em que viemos quando Liz estava quebrada.

— Sabe, não tive muitos relacionamentos — Liz começa a falar. — Primeiro porque não tinha tempo por causa do trabalho, e outra que não existia amor, então acabava não dando muito certo. Então, caso eu errar em algo, por favor, me avise.

— Liz, tenho uma única experiência em um relacionamento. O primeiro e último, durou quatro anos. Nós ficaríamos noivos, mas acabei encontrando com ela na balada, se agarrando em outro. Mas enfim... Quero te dizer que entendo quando diz que não existia amor no relacionamento. Eu achava que amava Morgan, mas não era amor. Não sentia nada do que eu sinto quando estou perto de você. Não se preocupe, vamos aprender juntos como é conviver com quem amamos de verdade — falo sorrindo.

— Essa tal Morgan é uma idiota, não é mesmo? Onde já se viu, trair um homem lindo como esse. Agora chega de falar sobre essa aí — diz divertida.

— Você não existe, sabia? — Dou-lhe um beijo. — Minha mãe ficará feliz em saber que estou com você — falo depois que terminamos o beijo.

— Ela é um amor — diz sorrindo.

— Ela já gosta de você, pode ter certeza — falo.

Conhecendo minha mãe como eu conheço, é óbvio que ela vai gostar de

saber que eu e Liz estamos juntos. Ela pode não ter me falado, mas vi em seu olhar quando estávamos no hospital.

Depois de conversarmos sobre nossos gostos, trabalho e várias outras coisas, voltamos para o carro e dirijo até seu apartamento.

Capítulo 22

Lizzie

Alguns dias depois...

Finalmente, resolvi tirar minhas férias. Já estavam um tanto quanto acumuladas. Eu estava pensando e precisava de um tempo com meus pais, até porque o tempo é curto e os dois logo voltam para o Canadá.

Têm sido bom esses dias em casa. Meus pais mudaram depois da nossa última conversa, não vivem aquela guerra toda que estavam vivendo e isso me faz bem. Hoje, para alegria e curiosidade da minha mãe, é o dia do jantar. Já não aguentava mais ela me perguntando quem é a pessoa que estaria conosco. Meu pai quis saber também, só não insistiu tanto quanto dona Stella.

Eu e Ben não conseguimos nos encontrar depois do nosso almoço e pedido de namoro. Ele anda ocupado com um caso bastante complicado, mas não deixamos de nos falar um dia sequer.

Depois de passar o dia arrumando a casa e ajudando minha mãe com o jantar, me encontro em frente ao espelho, terminando de me arrumar. Ouço o som da campainha ecoar pelo apartamento, caminho para a sala e encontro meu pai abrindo a porta para receber Tony e Haylie.

— Boa noite — os dois cumprimentam meu pai em uníssono.

— Boa noite, entrem e fiquem à vontade — diz.

Caminho até eles e os cumprimento com beijos e abraços. Minha mãe entra na sala, cumprimentando os dois, e não deixa de pedir desculpas pelo ocorrido no outro jantar.

Alguns minutos se passam e todos conversam animadamente sentados no sofá. O som da campainha é ouvido e dessa vez levanto-me rapidamente e caminho até a porta.

— Oi — falo sorrindo assim que vejo o par de olhos verdes em minha frente.

— Oi — responde também sorrindo e logo em seguida me dá um beijo.

Sorrio com seus lábios sobre os meus e pego em sua mão, puxando-o para dentro.

— Vem, só estava faltando você — falo, fechando a porta com a outra mão, e assim andamos até os outros que, assim que nos percebem, param de conversar. — Ben, esses são meus pais, Stella e Charlie — falo assim que ele se levantam para cumprimentá-lo. — Mãe e pai, esse é o Benjamin, meu namorado.

— Sorrio.

Ben sorri para os dois e logo em seguida diz:

— É um prazer conhecer os senhores. — Meus pais sorriem e meu pai aperta a mão do Ben, que está estendida.

— É um prazer conhece-lo também, rapaz — meu pai diz.

Logo em seguida minha mãe o cumprimenta com um beijo no rosto e, assim, os outros dois também fazem o mesmo. Alguns minutos depois, todos conversam e conto para os meus pais como eu e Ben nos conhecemos. Ben fala sobre sua profissão e a conversa dura bastante tempo, até minha mãe resolver nos chamar para comer, antes que tudo se esfrie.

Na mesa, rimos com as palhaçadas de Tony; Haylie já está com o rosto todo vermelho de tanto rir.

— Você e Phil se dariam superbem — Ben diz rindo.

— Ah, não cara, eu já tenho minha loirinha aqui — Tony diz, arrancando ainda mais risadas de todos.

— Tony, pelo amor de Deus, para, não aguento mais rir — digo.

— Não estou fazendo nada, estou esclarecendo as coisas, somente isso — diz debochado.

Depois do jantar, minha mãe busca a sobremesa e eu a acompanho.

— Fico feliz por você ter encontrado Benjamin, meu amor — diz assim que entramos na cozinha.

— Eu também estou feliz, mãe. Ben é incrível, eu não imaginava que fôssemos ficar juntos. Assim que eu o vi naquela cama de hospital, senti algo dentro de mim despertar como nunca havia acontecido antes. E foi ainda melhor, saber que o sentimento que tenho é recíproco — falo sorrindo.

— Você não sabe o quanto é bom te ver sorrindo. Espero muito que vocês sejam felizes e que o amor de cada um dure eternamente. Sabe, por mais que eu e seu pai estivéssemos em crise e quase nos separamos, eu o amo. Amo ainda mais por ter me dado você. Nós nunca tivemos uma conversa desse tipo e me arrependo por isso. Mas sabe, eu e seu pai nos conhecemos na escola, senti o mesmo que você quando viu Benjamin. Assim que ele pisou na escola, era um aluno novo, então chamou a atenção de todos.

“Assim que eu o encarei, senti as borboletas revirarem todo meu estômago. Seu pai também me olhava e parecia que só existíamos nós dois naquela multidão de pessoas. Começamos a namorar depois de ele ter tomado a iniciativa de me chamar para sair. Quando já estávamos na universidade, ele me

pediu em casamento. Eu estava radiante. Nosso casamento foi maravilhoso, me sentia tão feliz.

“Uns dois anos depois, você nasceu. Nós fazíamos tantos planos para você. Nem todos foram como desejei, mas, agora, te ver uma mulher feita me deixa emocionada. Eu me culpo por não ter passado a sua infância com você, mas me sinto tão orgulhosa por você ser quem você é.”

Neste momento, meus olhos já estão cheios de lágrimas.

— Não se culpe, já passou, mãe. Já perdoei você e meu pai. A história de amor de vocês é linda, fico feliz por saber como se conheceram e saber que, mesmo não ter sido sempre um mar de rosas, você e ele não desistiram um do outro — falo, indo abraçá-la. — Mas agora vamos, eles estão nos esperando com a sobremesa, e eu não posso borrar minha maquiagem senão vou parecer um panda. — Rimos.

Voltamos para a sala. Minha mãe coloca na mesa a travessa com uma torta de chocolate e eu coloco os pratos de sobremesa, tirando os do jantar.

— Aconteceu alguma coisa? Seus olhos estão vermelhos — Ben pergunta baixinho para que só eu ouça.

— Nada demais, apenas uma conversa de mãe e filha, não se preocupe — falo sorrindo, tentando confortá-lo.

— Tudo bem — diz e sorri.

Comemos conversando, até que Ben nos chama a atenção.

— O jantar e a torta estavam maravilhosos, dona Stella — diz.

— Obrigada — agradece com um sorriso enorme.

— Concordo com Benjamin, estava ótimo, mas agora precisamos ir, trabalhamos logo cedo — Tony diz.

— Esperem, antes dos dois irem, preciso fazer uma coisa. Nada melhor do que com a presença das pessoas importantes para Liz — Ben diz, levantando-se e sorrindo para mim.

Meu coração acelera. Ele pega algo em seu bolso e se ajoelha em minha frente.

— O primeiro pedido não foi do jeito que eu queria ter feito, mas precisava fazê-lo. Mas então você me falou sobre o jantar e achei que seria bom fazê-lo de um jeito decente e com as pessoas que você ama. Sabe, cada dia me sinto o melhor homem do mundo por tê-la ao meu lado. Eu te amo, Liz, e se depender de mim ficaremos juntos para sempre. — Ele abre a caixinha que está em sua mão e um lindo anel de compromisso aparece. — Por isso, mais uma vez

te pergunto: quer namorar comigo?

Olho para os outros rostos e encontro minha mãe com os olhos cheios de lágrimas, Haylie sorrindo e também emocionada, Tony sorrindo e meu pai com um brilho nos olhos, também sorrindo. Volto a olhar para Ben e sorrio.

— Como na primeira vez, te digo que assim que nos vimos meu coração disparou, meu estômago revirou e eu não entendia por que, mas depois descobri que era amor. É amor. Por mim também ficaremos juntos para sempre. E mais uma vez te respondo, sim, eu aceito ser sua namorada.

Sorrindo, Ben se levanta, coloca o anel em meu dedo e eu faço o mesmo. Olhamo-nos e Ben me dá um beijo cheio de sentimentos.

Todos nos abraçam, desejando-nos felicidade. Meu pai, que desde o momento em que soube do nosso namoro não tinha dito nada, faz todo aquele discurso de pai de menina, fazendo-nos rir.

Haylie e Tony se despedem, pois já está tarde. Alguns minutos depois, Ben fez o mesmo, despedindo-se dos meus pais, afinal ele também trabalhará no dia seguinte. Caminhamos de mãos dadas, já que resolvi acompanhá-lo até a frente do prédio.

— Amei a surpresa que você me fez — falo quando já estamos encostados na frente de seu carro. Não dava para ficar na frente do portão tampando a passagem.

— Que bom que gostou — diz sorrindo e vindo mais perto. Beijamo-nos até nos faltar o ar.

Quando nos soltamos, Ben foca seus olhos em um homem que conversa com o porteiro. Está de costas, não posso ver seu rosto, mas ouvimos sua voz.

— O que aconteceu? — pergunto, percebendo seu rosto mudar de expressão.

— Nada, deve ser coisa da minha cabeça — diz, voltando a me olhar, sorrindo. — Preciso ir, linda. Apesar de querer ficar aqui mais tempo com você. — Dá-me um selinho.

— Tudo bem, me manda mensagem quando chegar — digo, beijando-o.

— Pode deixar, até mais amor.

— Até — digo acenando com as mãos.

Depois de mais um beijo, Ben entra em seu carro, dando partida e buzinando, fazendo-me acenar novamente e ver seu carro sumir pela rua. Entro em meu prédio e espero pelo elevador. Não demora muito e ele se abre para que eu entre. Antes de as portas fecharem, um homem entra com uma bagagem em

mãos. Aperto meu andar e não demora muito para o elevador subir.

— Boa noite, o senhor vai para qual andar? — pergunto, olhando para o homem desconhecido.

— Boa noite. O mesmo que a senhorita — responde com um sorriso estranho e eu só dou um meio sorriso, assentindo.

O elevador para, fazendo-me sair sem olhar para trás. Entro em casa e meus pais estão arrumando as coisas. Caminho até eles para ajudar na arrumação.

Depois de conversar com os dois e de eles elogiarem Ben, vou para o meu quarto, tirando minha roupa e colocando meu pijama. Tiro toda a maquiagem e me deito. Alguns minutos depois, ouço meu celular e o pego.

Já estou em casa, linda. Beijos, dorme bem. Eu te amo. ♥

E lá está a mensagem do Ben. Sorrindo, digito uma resposta.

Que bom que já chegou. Beijos, dorme bem você também. Eu te amo, até amanhã. ♥

Não espero por sua resposta, deixo o celular no criado-mudo e deito em minha cama, adormecendo rapidamente.

Bônus — Eric

Minha estadia aqui no Brasil está cada vez melhor. Pena que decidi voltar.

Uns dias atrás, conversei com um amigo e ele me disse que o infeliz do Benjamin não está morto, o que me deixou irritado. Era para o filho da puta ter morrido no acidente, mas aquele infeliz tem uma grande sorte, sobreviveu. Ele não perde por esperar. Vou voltar para o Canadá e dessa vez vou me certificar de que ele esteja no inferno.

Logo agora que o Rio Grande do Sul, estava me animando. Quer dizer, as mulheres aqui estavam me animando. Tudo estava cada vez melhor. Bianca não me retorna as ligações há um tempo, deixando-me frustrado. Mas ela que se foda, não vou correr mais atrás. Saímos algumas vezes depois que a encontrei na boate pela primeira vez, mas de uns dias para cá, ela está me evitando. Não estou nem aí, se ela não quer, tem quem queira. Por isso mesmo, vou aproveitar meus últimos dias por aqui, vou pegar várias gostosas.

Não tenho contato com meus pais há muito tempo, nem quero também. Só preciso do dinheiro deles e, como ainda tenho o que eu peguei, então por enquanto, vou deixá-los no canto deles.



Algumas horas depois, já estou dentro da boate, sentado em um banco de frente para o bar. Peço uma bebida e o garçom não demora muito — claro que por minha exigência — para trazer o meu Martini.

Viro-me para procurar por alguma mulher e em minha frente uma cena que me deixa puto. Bianca está beijando um cara, alto, musculoso e com os cabelos arrepiados, um tremendo maricas. Meu sangue ferve e só tenho vontade de quebrar a cara dos dois.

No primeiro passo que dou, uma mulher com o corpo cheio de curvas, cabelos longos e um pouco claros, entra em minha frente.

— Oi, gato — diz, mordendo a boca. Salvos pelo gongo.

Olho para ela e não respondo nada. Minha raiva é tão grande que agarro

a mulher em minha frente e tomo seus lábios. Um beijo duro e cheio de ódio; mordo seus lábios e a safada geme. Paro de beijá-la porque me falta o ar.

— Uau. — É só o que ela diz.

Não espero muito e saio puxando-a para algum lugar.

— Vem — digo, entrando com ela em um corredor escuro.

A mulher não diz nada, somente me segue. O lugar não tem porta, mas isso não me impede de fazer o que quero. A louca faz um escândalo que, se o barulho da música não fosse tão alto, todos poderiam ouvir seus gemidos. Um tempo depois, já fiz o que queria e largo a mulher, que nem o nome eu perdi o tempo de perguntar, e muito menos de falar o meu, sozinha terminando de arrumar sua roupa.

Volto para o bar. Bianca e o cara estão aqui, provavelmente esperando por sua bebida. Queria conseguir falar ou fazer algo, mas não consigo. Sua cara de deboche ao me ver não me deixa fazer absolutamente nada. Peço uma bebida forte e saio, vendo-a sorrir para mim.

Nesta mesma noite, fico com mais quatro mulheres, no mesmo local da primeira e deixando todas para trás. Eu já havia conseguido usá-las mesmo, para que eu ia ficar conversando? Depois de um tempo, resolvo ir para casa; já estou bastante alterado.



A semana passou e as noites eram as mesmas: saía para beber e pegar as mulheres. Encontrei Bianca mais vezes e, em um desses dias, ela resolveu falar comigo. Maldita hora que eu deixei, a infeliz despejou várias coisas em cima de mim.

— Eu não quero nada com você, querido. A única coisa que me interessa é o seu dinheiro, mais nada. E foram bom os dias que passamos juntos, mas a fila anda, já ouviu falar? Pois se não ouviu, ouça agora. Eu já estou em outra, ele tem até mais dinheiro que você. Só decidi falar com você porque fiquei com dó de vê-lo me mandar mensagens, e estava cansada também.

Depois de ouvir essas e mais outras coisas, me senti um merda. Deixei-a falando sozinha e bebi. Bebi mais que o normal, não soube como nem que horas cheguei em casa. Essa vadia conseguiu me destruir.

Os dias passaram e eu já estava indo até o aeroporto para voltar para o Canadá. Um dos meus amigos, conseguiu um apartamento para eu ficar assim que chegar. Não vou para a casa dos meus pais, é um pouco arriscado. Deixei a casa que comprei, do mesmo jeito que estava; quando eu voltar para o Brasil não vou precisar comprar outra.

Minha sorte é ter conseguido tudo muito rápido, caso contrário, precisaria ficar mais um dia por aqui. Comprei a passagem do avião e, agora, no aeroporto, espero para o meu voo sair. Os minutos passam e a voz da mulher chamando pelo voo 320 ecoa o local. Caminho até o local de embarque, entregando os meus documentos e esperando a mulher checar e me deixar passar.

Dentro do avião, espero ansiosamente para aterrissar logo. Quanto antes eu encontrar Benjamin, melhor.



Horas depois, percebi ter dormido quando ouço a voz da aeromoça avisando para colocarmos o cinto, pois o avião passará pela turbulência de aterrissagem.

Quando enfim estou no aeroporto no Canadá, pego minhas bagagens e saio na espera do Leopold, o amigo que me encontrará para me dizer onde fica o apartamento. Não demora e estou a caminho de lá, com ele dirigindo. O céu já estava escuro, é um pouco mais de onze da noite. Leopold para o carro antes, com a desculpa de que precisa resolver um assunto e eu poderia seguir andando.

Quando estou perto do apartamento, percebo um casal em frente ao prédio. De longe vejo quem eu mais quero no momento: Benjamin. Ele está com uma loira, os dois conversam e logo os vejo se beijando. É aí que eu tenho uma ideia, que colocarei em prática logo, logo.

Paro em frente à entrada e converso com o porteiro, que me deixa subir. Entro, mas paro em um certo lugar para observar o casal de pombinhos de longe. Quando a loira entra no elevador, resolvo fazer o mesmo, assim poderei ver seu rosto e saber em qual andar mora. Para minha sorte, é o mesmo que o meu. Ela é minha vizinha, facilitará ainda mais as coisas.

Depois de poucas palavras ditas, chegamos. Ela sai e faço o mesmo em seguida. Abro minha porta, entro, deixando minhas coisas no chão, e deito no

sofá.

Eu não quero perder tempo com nada de mobília, então Leopold facilitou minha vida, arrumando alguém para mobiliar tudo. Depois de alguns minutos deitado, resolvo tomar um banho. Penso e repenso o plano que surgiu em minha cabeça para acabar definitivamente com Benjamin. Saio do banho e vou para o quarto dormir. Amanhã será um longo dia.

Capítulo 23

Benjamin

Dirijo pelas ruas até o apartamento de Liz. Decidi por acompanhá-la até o aeroporto para nos despedirmos de seus pais. Os dois já estão voltando para Nova Iorque. No caminho até o apartamento, meus pensamentos estão longe e voltam ao dia do jantar, especificamente ao momento em que eu e Liz estávamos conversando em frente ao prédio.

A voz do homem que conversava com o porteiro... Tenho quase certeza de quem é. Não pude vê-lo por estar de costas, mas a sua voz não é estranha para mim. No entanto, deixei passar, não falei com ninguém, porque pode não ser quem eu imagino. Talvez seja somente coisas da minha cabeça, que no momento está cheia.

Chego em frente ao prédio e espero pelo porteiro, que não está em seu posto. Não demora e ele aparece para liberar minha entrada, já que não preciso ser anunciado porque a Liz já deixou avisado desde o dia do jantar. Ele abre o portão; cumprimento-o e vou direto para o elevador. Não preciso esperar pela chegada dele, pois está aberto. Entro e logo em seguida aperto o botão no andar de Liz.

Assim que o elevador é aberto, saio e fico com o corpo travado com o que vejo em minha frente, ao lado do apartamento de Liz. Não consigo nem ao menos chegar até a campainha.

— Ora, ora, se não é o Benjamin Campbell na minha frente. Estou com sorte, te encontrei mais rápido do que estava planejando — Eric diz, rindo.

Ainda estou tentando assimilar o que estou vendo, chegando à conclusão que a voz que ouvi era exatamente a dele, eu não me enganei. Mas ele está diferente. Em seus olhos, há uma lente de contato com uma cor escura, com certeza para disfarçar seu visual, o que não me impede de reconhecê-lo. Não sei como não foi descoberto quando chegou por aqui, afinal, está sendo procurado pela polícia.

— O que aconteceu? O gato comeu sua língua? — pergunta, debochado.

Sem respondê-lo, coloco minha mão dentro do bolso, na intenção de ligar para a polícia.

— Se eu fosse você não faria isso ou sua namoradina é quem sofrerá as consequências — diz, deixando-me estático. Como ele descobriu? Se ele sabe, então nos viu aquele dia. Só não sei por que não fez suas gracinhas. Talvez não queria chamar a atenção; mesmo que não tivesse quase ninguém na rua, deve ter

achado arriscado.

— Fique longe dela, seu infeliz — falo, travando o maxilar e me segurando para não avançar nele.

— Lizzie ficará ótima, mas é claro, só se ninguém além de você souber que estou aqui. Caso contrário, sua querida namorada pagará pelos seus atos. — Minha raiva só aumenta por suas palavras e o medo cresce dentro de mim. Ele já a conhece, esse miserável já falou com ela. Só de pensar em Eric fazendo algo contra minha linda Liz, entro em desespero.

— Seu infeliz. O que você está ganhando com isso, hein? Eu nunca te fiz nada, mas não posso dizer o mesmo de você, que tentou me matar. Só te digo uma coisa: fique longe da Liz — falo com ira.

— Claro que você fez: nasceu. Esse é um grande motivo para que meu ódio por você cresça ainda mais. É uma pena você não ter morrido no acidente, fico bem chateado. — Sorri.

— Você é um doente, precisa ser tratado — falo irritado.

— Bom, estou atrasado, depois conversamos um pouco mais. Mas não se esqueça que Lizzie é minha vizinha, ficará mais fácil para cumprir com minhas palavras, então não tenta bancar o espertinho, porque se a polícia souber de algo, Lizzie vira pó. — Sai em direção ao elevador, sorrindo e acenando um tchau.

Estou perdido. Liz está correndo perigo e não sei o que fazer. Eric é capaz de qualquer coisa, eu sei disso. Tento me recompor e aperto a campainha. Em pouco tempo, vejo uma Liz em minha frente com o sorriso que tanto amo e, só de pensar em perdê-lo, meu corpo todo estremece. Sorrio de volta e lhe dou um beijo. Tento não demonstrar o medo quando o faço, mas confesso ser difícil.

— Oi, amor, como está? Você parece assustado — diz assim que paramos o beijo. Logo percebo que falhei em minha tentativa de recompor meus ânimos.

— Oi, minha linda. Estou bem, não se preocupe. — Melhor não dizer nada. — Agora me diz você, como está? — Passo minhas mãos por seu rosto, acariciando-a.

— Estou triste pela despedida, mas vai passar. — Sorri triste. — Agora vem, vamos entrar, temos mais algum tempinho até sairmos.

Cumprimento os meus sogros e ficamos conversando até que a hora de sairmos chega. O caminho até o aeroporto é um pouco silencioso, o clima já está ficando melancólico. Quarenta minutos depois, estamos à espera da chamada pelo voo.

— Promete que vai nos visitar? — pergunta Stella, abraçando Liz.

— Prometo, mãe. Mande um beijo para todos, fala para a Florinha que estou morrendo de saudades — diz com os olhos lacrimejados e a voz embargada.

— Pode deixar. Se cuida, minha pequena — Stella diz com lágrimas escorrendo pelos seus olhos. Deve ser difícil para eles ficarem longe de Liz, e para ela principalmente. Eu não me imagino longe dos meus pais. Posso não morar na mesma casa, mas não estamos tão longe.

Stella solta Liz para que Charlie se despeça e vem para o meu lado.

— Foi bom te conhecer, Benjamin. Fico mais tranquila em saber que minha filha tem você por perto. Cuida dela para mim? — Assim que ouço seu pedido, automaticamente lembro-me da ameaça do Eric. Espanto rapidamente o pensamento e lhe respondo:

— Também fiquei muito feliz por conhecer os senhores. Não se preocupe, cuidarei da nossa princesa — falo sorrindo e lhe dou um abraço.

A voz da mulher ecoa pelo aeroporto, chamando pelo voo, e novamente Stella se agarra em Liz, enquanto despeço-me de Charlie.

— Espero vê-lo em breve com Lizzie em minha casa — diz, apertando minhas mãos.

— Claro, estaremos lá, não se preocupe — digo.

— Não vou fazer como Stella e pedir para cuidar da minha princesinha, porque eu sei que fará isso — diz, fazendo-me concordar com a cabeça e sorrir.

Sem mais delongas, os dois seguem para a sala de embarque e eu puxo Liz para os meus braços.

— O que acha de uma sessão de filmes, com pipoca e doces? — pergunto quando caminhamos agarrados até a saída do aeroporto, indo para o meu carro.

Ela sorri, percebendo o que quero fazer, e me responde.

— Acho uma ótima ideia. Podemos passar no mercado e comprar as coisas, porque com minha mãe em casa, até me esqueci do sabor de um chocolate — diz rindo, fazendo-me acompanhá-la.

— Quanto drama, amor — falo ainda rindo e lhe dou um beijo.

— É a mais pura verdade — diz depois de nos soltarmos.

No caminho para o mercado, percebo que Liz já está um pouco mais alegre. Talvez minha ideia tenha dado certo e fico feliz por fazê-la bem. Minutos depois, já estamos entrando em seu apartamento e vamos até a cozinha arrumar as coisas.

— Está tudo pronto. Vem, vamos para a sala — diz assim que termina de

fazer a pipoca e pegar o copo com refrigerante para bebermos.

Sento no sofá, tirando meus sapatos, enquanto Liz vai até o quarto pegar um cobertor.

— O que você quer assistir? — pergunta assim que já está ao meu lado no sofá.

— Pode escolher, não tenho preferência por filmes. — Sorrio.

— Tudo bem — diz, sorrindo, e procura por algum filme.



Depois de assistirmos cerca de cinco filmes, percebo que já está tarde.

— Já está tarde e eu preciso ir para você descansar, linda — falo, olhando para Liz, que na mesma hora muda seu semblante para triste.

— Não quero ficar sozinha, dorme aqui hoje? — pergunta, deixando-me surpreso e feliz ao mesmo tempo.

— Tudo bem, mas só se você mudar essa carinha, não gosto de vê-la triste — falo sorrindo.

— Já estava me acostumando com a presença dos meus pais e, agora que eles voltaram para casa, aqui ficou vazio. É até engraçado, a um tempinho atrás só queria os dois longe para eu ter paz, mas agora vou me sentir sozinha, ainda mais que estou de férias — diz.

— Ei, eu estou aqui, você não está mais sozinha. Prometo todos os dias passar aqui para te ver — falo, beijando-a.

— Obrigada por entrar em minha vida — diz sorrindo.

— Eu fico feliz por estar em sua vida e te amo muito.

— Eu também te amo — diz e nos beijamos mais uma vez.

— Você se importa de ficar me esperando por alguns minutos? Preciso tomar um banho — diz.

— Não, pode ir que te espero — falo sorrindo.

Vinte minutos depois, ouço Liz me chamando.

— Amor, vem aqui ao quarto — diz.

— Só um minuto — respondo e caminho até onde ela está.

— Você quer tomar banho? Posso arrumar a toalha para você, só não

posso dizer o mesmo das roupas — diz sorrindo e penteando seus cabelos que agora estão molhados.

— Tudo bem — respondo sorrindo.

O jeito vai ser usar as mesmas, eu não imaginava que ficaria por aqui. Entro em seu banheiro e tomo um banho rápido, colocando a calça. Saio com a toalha em meus ombros. Liz já está deitada e acabo colocando a toalha em algum canto, direcionando-me ao seu lado na cama.

Olhando em seus olhos, acaricio seu rosto.

— Você é tão linda. Estou feliz por estar com você aqui — falo, sorrindo.

— Eu também estou. Você não imagina o quanto. É tão bom não me sentir sozinha. — Sorri.

Liz me deixa fora de controle, sinto vontade de beijá-la sem parar. Chegando um pouco mais perto, puxo-a para os meus braços e beijo-a com todo amor que vive dentro de mim. O beijo se transforma em algo mais quente, meu corpo pede pelo seu. Paro e olho em seus olhos, como um pedido de permissão. Recebo como resposta seus lábios grudados com os meus.

Depois disso, eu e Liz temos nossa primeira noite de amor.

Capítulo 24

Lizzie

Acordar com Benjamin ao meu lado depois de uma noite maravilhosa foi a melhor sensação do mundo. Até esqueci que estava triste pelos meus pais. Ele foi tão carinhoso comigo que me fez amá-lo ainda mais. Saiu pela manhã, prometendo voltar mais tarde para saber como estou. Achei tão lindo o quanto se preocupa comigo.

Levantei e fiz uma faxina em cada cômodo do apartamento. Quando dei por mim, já havia passado do horário do almoço e só então percebi que minha barriga protestava por comida. Olhei dentro do armário e encontrei um pacote de espaguete. Olhei dentro da geladeira à procura de algum molho, mas nada tinha. O mais engraçado é saber que até esses dias a dispensa estava cheia de coisas, agora se encontra quase vazia.

Decido ir ao mercado comprar algumas coisas e os ingredientes para fazer um molho branco. Tiro minha roupa de dormir e visto-me rapidamente com um conjunto de moletom, pois o dia está chuvoso para usar qualquer outra roupa. Faço um coque em meu cabelo e saio pegando as chaves do carro e meu celular. Fecho a porta atrás de mim e espero pelo elevador, que se encontra nesse exato momento no térreo. Assim que o elevador é aberto, encontro com o meu novo vizinho; ele me vê e sorri.

Seu sorriso me causa um grande arrepio, não sei o porquê.

— Boa tarde, vizinha. Perdoe-me por não ter me apresentado antes, mas como havia acabado de chegar, precisava arrumar a minha mudança. Me chamo Bastian — diz, parando na minha frente e estendendo sua mão para pegar a minha.

— Boa tarde. Tudo bem, sem problemas. Me chamo Lizzie — respondo, sorrindo.

— Preciso ir. Até mais, Lizzie — diz, saindo da minha frente e indo para sua porta.

— Até — falo, entrando no elevador, que por sorte permanece aberto.

Cumprimento o porteiro e caminho até o estacionamento em busca do meu carro. O mercado é um pouco longe, então não dá para ir andando. Depois de uns minutos dirigindo, chego no mercado e estaciono meu carro no estacionamento. Pego as coisas necessárias para fazer o molho e algumas besteiras para comer assistindo minha série favorita. Os caixas não estavam tão

cheios, então não demoro muito. Minutos depois, já estou voltando para casa.

Chegando em meu apartamento, corro para a cozinha e coloco a água para ferver. Começo a preparar o molho, porque quanto mais rápido eu fizer, mais rápido como. Rio do meu próprio pensamento, mas é inevitável não pensar em rapidez quando seu estômago está vazio e roncando. Vinte minutos depois, termino de preparar o macarrão e sirvo-me com uma boa quantidade.

Quando termino de comer, percebo o quanto estava com fome, porque praticamente limpei todo o prato. Isso que dá ficar em casa, você sempre tem fome. No hospital eu quase não sentia, pela pressão que eu passava todos os dias com os pacientes.

Pego meu prato e vou até a cozinha, já me preparando para lavar a louça suja, mas sou interrompida pelo som da campainha. Provavelmente é algum conhecido, porque o porteiro não interfonou avisando que alguém subia.

Ao abrir a porta, fico um pouco surpresa, não sei por quê.

— Olá, Lizzie. Sei que nos encontramos há pouco, mas acabei me lembrando de que não conheço muito por aqui. Apesar de que, quando adolescente, morei em um dos bairros aqui perto, mas eu não saía muito de casa. Preciso ir em uma loja de decoração, como sou sozinho, não tenho ninguém que possa me ajudar. Você se importaria em me mostrar algumas? Eu até poderia ir sozinho, mas ainda estou sem carro. Quero aproveitar hoje o meu dia de folga e comprar um também — Bastian me pergunta. Fico ainda mais surpresa. Penso um pouco e acho que não tem problema ajuda-lo, afinal ele é meu vizinho, que mal isso teria?!

— Não se preocupe, logo você se acostuma com o lugar novamente e saberá onde encontrar tudo. Também fiquei meio perdida assim que me mudei e aos poucos consegui me adaptar — falo, sorrindo. — Espere só um minuto, vou pegar a chave do carro e já saímos.

Eu ainda estou com a mesma roupa de quando fui ao mercado, então não me troco, só pego minha carteira e a chave do carro e sigo até a porta de entrada. Caminhamos até o elevador e ficamos em silêncio. Estou até curiosa para saber mais sobre Bastian, mas não quero ser invasiva e acabo ficando em completo silêncio. Ele não fica muito diferente de mim.

Saindo do estacionamento, já dentro do carro, dou as coordenadas e Bastian segue dirigindo. Ele me pediu para que eu o deixasse dirigir, só assim ele poderia aprender os lugares. Achei estranho, mas não me importei em emprestar o meu carro.

O silêncio permanece a maior parte do tempo. Resolvo pegar meu celular

para quem sabe me distrair pelo caminho, mas percebo que o deixei em casa. Espero chegar a tempo de receber alguma ligação ou mensagem de alguém, principalmente de Ben, que passará em casa. O caminho em que estamos fazendo parece totalmente diferente com o que eu disse, acho estranho, mas permaneço calada.

— Sabe, Benjamin ficará feliz ao saber que estou com você e eu queria ser uma pequena mosca para ver a cara dele — Bastian diz com um sorriso estranho, que me faz arrepiar e me deixa confusa ao mesmo tempo. Será que ele conhece o Ben? Ou será uma grande coincidência?

Como eu não digo uma palavra, ele continua.

— Você com certeza não está entendendo nada, não é mesmo, Lizzie? — pergunta, olhando-me ainda com o sorriso macabro.

Balanço a cabeça negativamente, pois minha voz parece ter ficado presa em minha garganta. Olhando para frente, ele diz.

— Benjamin me deve, então nada melhor do que cobrar pegando a sua querida namorada e levando para um passeio. E, sim, é o mesmo Benjamin que está pensando. Benjamin Campbell, para ser mais específico. Você é tão ingênua por pensar que ele é esse bom moço que aparenta ser, quando ele não passa de um merda. E digo mais, com certeza não te ama, só está com você para passar o tempo. Ele é desses. Ainda ama Morgan. Sabe por que eu falo sobre isso? Bem, nos conhecemos há tanto tempo, apesar de só agora eu ter voltado da minha bela viagem e ele com certeza não falou sobre mim, eu posso te dizer.

“Estudamos juntos, sabe. Éramos um trio, eu, ele e Phillips. Benjamin conheceu Morgan, os dois começaram a namorar, ficaram noivos, mas Morgan precisou viajar por um tempo. Sua mãe estava doente e não tinha mais ninguém além dela para cuidar. Eles então conversaram e deram um tempo. Quer dizer, eles ainda estão juntos, só não se veem com frequência como antes. Sinto muito por te dizer isso, mas ele te enganou esse tempo inteiro. E digo mais, Morgan está de volta. Como eu sei? Somos muito amigos e nunca perdemos o contato.”

Fico tentando raciocinar. Essas palavras são como um baque para mim, mas mesmo assim, me nego a acreditar que Ben seria capaz de fazer algo desse tipo. Nada faz sentido em suas palavras. O que Benjamin deve para ele, que ele teve que me tirar de casa e andar sem parar por um caminho estranho?

Estou ficando completamente desesperada, meus olhos enchem de lágrimas e não consigo dizer nada além de que tudo isso é mentira.

— Isso é mentira, Ben não faria isso comigo. Ele me ama — digo em meio às lágrimas.

— Oh, querida, a verdade dói, não é mesmo? Mas não se preocupe, eu posso ocupar o lugar dele em sua cama. Porque, com a volta de Morgan, você será descartada — diz, rindo.

O medo me domina por inteira e só quero ir para casa.

— Me leva para casa, Bastian? Por favor — suplico.

— É uma pena não poder fazer o seu desejo, querida, até porque chegamos ao nosso destino.

Só então percebo que estamos em um lugar deserto, onde só tem uma única cabana. Bastian para o carro e me tira brutalmente do mesmo. Com uma arma em mãos, que até então eu não havia reparado que ele tinha, aponta para minha cabeça.

— Vamos lá, entre e não tente nenhuma gracinha, caso contrário, você vai sofrer — diz, empurrando-me.

— Bastian, me deixe ir, por favor. Eu não te fiz nada, o que você realmente quer? — pergunto em um fio de voz.

— Primeiro, você não vai sair daqui. Segundo, Benjamin vai me pagar por ter se metido em meu caminho, e, terceiro, pretendo fazer várias coisas com você — diz, rindo.

— Eu não entendo. Se Benjamin é seu amigo, por que está fazendo isso? — pergunto.

— Não queira entender, tolinha. Agora cale-se e sente-se aí — diz, empurrando-me em uma cama. Pega meus braços, prendendo os dois com uma espécie de fita, que é tão forte e difícil de abrir, pois tem uma pequena trava. Em seguida, junta os meus pés e faz o mesmo processo. Sinto minhas mãos e pés formigando e em minha cabeça a única coisa que se passa é que isso tudo acabe logo.

— Por agora você ficará aqui. Vamos ver quanto tempo Benjamin levará para perceber o seu sumiço — diz e sai rindo pela porta, deixando-me sozinha nesse lugar deserto.

As lágrimas continuam caindo por toda minha face e minha mente volta a pensar nas palavras de Bastian sobre Ben. Eu queria entender tudo isso. Fui uma completa idiota por acreditar que meu querido vizinho só queria uma ajuda.

Mas como eu poderia imaginar que ele fosse fazer algo contra mim?

Acabo adormecendo com vários pensamentos assombrando minha mente.

Capítulo 25

Benjamin

Mais cedo, antes de sair do apartamento de Liz, prometi que voltaria logo depois do trabalho. Sei o quanto a volta dos pais dela lhe causou tristeza e eu pretendo passar o máximo possível do meu tempo com ela.

Estou com uma pilha de processos em minha mesa para resolver, mas neste momento Liz é a única ocupação dos meus pensamentos. Paro de divagar, quando ouço o toque do meu celular preencher o ambiente silencioso.

— Oi, mãe — digo assim que atendo.

— *Oi, meu querido. Se eu não te ligo, você esquece que tem mãe, não é mesmo?*

Lá vem bronca, penso.

— Desculpa, mãe, mas tive muito trabalho e estava com a cabeça cheia, acabei me esquecendo — digo.

— *Vou fingir que acredito. Quero saber quando você vai trazer minha nora para que eu a conheça* — pergunta.

Paro um instante para pensar como é que dona Margareth descobriu sobre Liz? Eu ainda não contei para ninguém, exceto Phil, é claro. A não ser que aquele estraga-prazeres tenha aberto sua boca.

— Estou falando a verdade. Agora me diz, dona Margareth, como soube que tem uma nora?

— *Carola deixou passar que você andava pelos quatro cantos com um sorriso radiante, e eu conheço o filho que eu tenho. Você ficava assim quando estava com a cobra da sua ex, bastou eu somar um mais um para saber. E você só confirmou o que eu já imaginava* — diz, rindo.

— Ok! Agora, respondendo sua pergunta, em breve você vai conhecê-la, só tenha calma. Ela não está nos melhores dias, os pais dela voltaram para Nova Iorque, onde moram. — Mal sabe ela que já a conhece, mas vou deixá-la curiosa.

— *Tudo bem, só espero que ela não seja como a CobraMorgan, porque com certeza não vou suportar mais uma nora daquela espécie* — diz. Eu não a julgo. Minha mãe nunca gostou da Morgan, sempre desconfiou da pessoa que ela mostrava ser e, no final, estava certa.

— Ela não é, mãe, pode ficar despreocupada. Tenho certeza que você vai amar vê-la — digo.

— *Que bom, assim espero. Agora me diz, como você está? Anda trabalhando muito?* — pergunta, mudando de assunto.

— Estou bem e atolado de trabalho, tentando resolver alguns casos. É loucura eu pegar mais de um, eu sei, mas não posso deixar os clientes que me contratam na mão — respondo com a voz meio esgotada pelo cansaço.

— *Você precisa de um descanso, querido, ou vai acabar parando em um hospital novamente, e não queremos isso, não é mesmo?!* — diz com sua voz suave.

Ao ouvir minha mãe terminar de falar, ouço alguém bater em minha porta. Afastando o celular do meu ouvido, peço que entre e assim o faz. Levanto meu olhar para a porta e vejo Phil entrando e fechando-a atrás de si.

— Tudo bem, mãe, agora preciso desligar. Phil acabou de entrar em minha sala, preciso saber o que aconteceu.

— *Está bem, filho, mande um beijo para ele. Eu te amo, beijos e se cuida.*

— Ok. Beijo, eu também te amo — digo por fim e desligo o celular, dando atenção ao que Phil tem a me dizer.

— Você está com uma cara péssima, não quer que eu te ajude com algum caso? Aproveita que estou disponível no momento — diz, rindo.

— Estou com a cabeça cheia de coisas, me dá um desconto. Ficaria grato por sua grande bondade, meu caro Philips — respondo. — Antes que eu me esqueça, minha mãe te mandou um beijo.

— Aposto que uma parte de seus pensamentos tem haver com Lizzie, estou certo? — pergunta, olhando-me.

— Sim, está. Ela ficou péssima com a volta dos pais para Nova Iorque, fiquei de passar em sua casa mais tarde. Mas isso ainda é pouco para a bomba que está prestes a se explodir em minha cabeça. O pior é que estou de mãos atadas — falo, lembrando-me da volta do Eric.

— Imagino o quanto é ruim para ela ficar em um lugar longe da família, mas agora me fale sobre essa tal bomba. O que aconteceu? É algo grave? — Enche-me de perguntas ao mesmo tempo.

— Antes de tudo, preciso entrar em contato com o investigador Fred para dispensar seus serviços. Não vou mais precisar das investigações dele — falo.

— Ué, por que não? Que eu saiba, ele ainda não encontrou o Eric — diz com um ar desconfiado.

— Não, mas eu sei onde ele está — digo. Fico completamente irritado ao

lembrar das ameaças de Eric.

— Como conseguiu? Benjamin, me explica essa história direito, você está me deixando totalmente confuso.

— Calma, preciso pensar em o que vou falar para o Fred sem que ele desconfie de nada — respondo.

— Benjamin, dá para você falar essa porra logo de uma vez? Eu ainda não tenho uma bola de cristal e essa sua enrolação está me deixando irritado — Phil diz, alterando a voz, e resolvo falar logo de uma vez.

— Eric voltou — disparo de uma só vez.

— O quê? — pergunta, gritando.

— Shiu, fala baixo, idiota. Ninguém precisa saber o que acabei de te dizer — falo, enquanto tampo sua boca com a minha mão.

— Como não? Você ficou louco por acaso, Benjamin? Quando você descobriu isso? A polícia precisa saber, nós temos que ir até lá.

— Não, Philips. Eu ainda não estou ficando louco, mas vou ficar se a polícia souber do Eric — falo, esfregando meu rosto com as mãos em sinal de nervosismo. — Eu encontrei o Eric ontem, e sabe o que é o pior? Ele está morando no mesmo apartamento em que Liz mora. Só que ainda não acabou. Eric é vizinho dela, e sabe o que o filho da puta teve a coragem de me dizer quando ameacei pegar meu celular para denunciá-lo? Não? Então eu falo para você, Philips: ele disse que Liz sofreria as consequências dos meus atos. Você não sabe como tive que lutar para não ir para cima daquele bastardo e distribuir vários socos em sua cara. Não sei o que fazer, Phil. Se ele fizer qualquer coisa com a Liz, não sei do que sou capaz. Não posso arriscar a mulher que eu amo. Preciso fazer algo para que nada aconteça com ela e Eric não escape — disparo tudo de uma só vez.

— Deixa eu ver se eu entendi. Eric está de volta e ameaçou fazer algo com Liz se você o denunciar?! Você sabe que ele é capaz de fazer qualquer coisa mesmo se você não falar nada, não sabe? Precisamos pensar em uma maneira de ele ser pego e você precisa tirar Lizzie do apartamento dela o quanto antes — diz depois de sair do efeito que minhas palavras lhe causaram.

— Sim, Phil, eu sei. Agora você pode entender o que se passa em minha cabeça. Eu nem ao menos tive coragem de falar para Liz sobre isso, não quis assustá-la. Mas agora preciso arrumar alguma desculpa e levá-la para minha casa. Lá, com os seguranças, ela estará mais segura até resolvermos toda essa bagunça.

— Faça isso, mas faça hoje mesmo. Não espere acontecer o pior — diz.

— Aquele verme teve a coragem de dizer que eu poupei o tempo dele e que ele me encontrou mais rápido do que havia planejado. Tem noção do que ele quis dizer? Ele com certeza planeja fazer algo, só que agora não é só comigo. Liz entrou no jogo dele e eu temo por ela.

— Não se preocupe, vou te ajudar. Agora liga para o Fred e diz para ele suspender suas investigações. Inventa algo sobre você ter ido na casa dos pais dele e a mãe dele implorar para você não mandar prendê-lo, algo assim. Ou ele pode avisar a polícia de algo, afinal, ele é um bom investigador e não é nada corrupto.

— Obrigado, cara, vou ligar agora mesmo. Quanto mais rápido, melhor. Antes que ele descubra que Eric voltou — falo pegando meu celular. — Quer saber? Acho melhor eu mandar mensagem, vai que minha voz vacila em algum momento — decido por fim.

— Você tem razão, em seu estado de nervos pode acontecer algo de errado. — diz.

Fred, preciso que você encerre suas buscas. Acabei indo procurar pelos pais do Eric, a mãe dele não está nada bem de saúde e implorou para que eu não fosse atrás dele, disse que não quer seu filho preso nos seus últimos dias de vida. Senti um peso sobre mim e, enquanto essa senhora estiver nesse estado, acho melhor esperarmos um pouco. Isso é loucura, eu sei, ele é um criminoso, mas a mãe estava em prantos ao longo de nossa conversa. Assim que tudo estiver mais calmo, eu te contato. Benjamin Campbell.

Mando a mensagem e, dois minutos depois, recebo sua resposta.

Senhor, realmente é uma loucura. Nesse meio tempo em que não fizemos nada, ele pode muito bem fugir. E agora, pensando bem, se essa senhora está tendo contato com ele, ela sabe onde ele está, a polícia deve saber sobre essa nova informação. Fred Murphy.

— Droga, ele quer avisar a polícia. Disse que por a mãe de Eric ter contato com ele, ela sabe onde ele está e a polícia deve saber dessa nova informação. Fred pode colocar tudo a perder — falo frustrado.

— Calma, não se desespere. Fala que ele não pode passar pela vontade de uma mãe à beira da morte — responde.

Fred, veja bem o que eu estou dizendo. Espere para fazer algo. A mãe do Eric está com dias contados, não passa por cima das minhas palavras. Eu mais do que ninguém desejo esse cara atrás das grades. Mas com o que eu acabei descobrindo, é difícil fazer algo. Benjamin Campbell.

Respondo sua mensagem e em seguida Fred manda outra.

Tudo bem, senhor, como desejar. Fred Murphy.

Sua resposta é curta, mas é um alívio ler o conteúdo.

Não se preocupe, vou pagar o valor que combinamos e um pouco mais por sua compreensão. Agora preciso voltar ao trabalho e assim que eu tiver informações, te ligo. Passar bem. Benjamin Campbell.

Ao terminar a mensagem, volto a falar com Phil.

— Pronto, parece que agora ele entendeu, só espero que não tenha mentido. Agora vamos mudar esse assunto, preciso trabalhar e pensar nisso o dia inteiro não vai me ajudar — falo. — A propósito, você queria alguma coisa? — pergunto quando me lembro de sua entrada.

— Para ser bem sincero, não, só vim saber como andavam as coisas — responde, sentando-se na cadeira de frente para minha mesa. Eu mal percebi que, desde que ele havia chegado, estava em pé.

— Certo, agora chega de conversa. Preciso terminar toda essa papelada e chegar logo no apartamento de Liz — digo, pegando os papéis novamente para avaliar.

— Me deixe ver alguns. — Pega em suas mãos. É incomum isso, eu sei, mas eu e Phil trabalhamos juntos, então não vejo problema em receber sua ajuda.



Algumas horas mais tarde, já estou em meu carro a caminho do apartamento da Liz. Não liguei antes para ela avisando que já estou indo porque ela já sabia, com certeza já está me esperando.

Deixo o carro em frente ao apartamento, porque as vagas já estão todas ocupadas e são só para os residentes. Como o carro da Liz está em sua garagem, só me resta deixar o meu por aqui. Passo pela portaria, cumprimentando o porteiro da noite, que libera minha entrada sem nem ao menos me questionar ou pedir a autorização da moradora, e ando até o elevador. Acho meio arriscado esse porteiro trabalhando por aqui, se eu fosse um ladrão, minha entrada seria facilmente liberada.

Três minutos depois, o elevador abre e uma senhora sai.

— Boa noite — digo educadamente, entrando em seguida.

A senhora me dá um sorriso e responde:

— Boa noite, meu jovem. — Sorrindo, aperto o botão do andar de Liz e espero o elevador fechar.

Ao sair do elevador, caminho até a porta e aperto a campainha. Espero por algum movimento, mas nada acontece. Aperto novamente e nada. Tiro meu celular do bolso e digito seu número, mas ouço o barulho vindo da sala. Talvez esteja tomando banho e não me ouve.

— Liz — grito ao perceber que o celular está na sala, mas nada acontece.

Começo a me desesperar. Se eu ao menos tivesse a chave aqui do apartamento...

— Liz — grito novamente e bato em sua porta desesperadamente.

Capítulo 26

Benjamin

Depois de ficar plantado em frente a porta do apartamento de Liz, sem obter nenhuma resposta, pego o elevador e desço até a portaria. Talvez o porteiro saiba me dizer se ela saiu.

— Pois não, senhor? — pergunta assim que estou chegando por perto.

— Você sabe me dizer se a Lizzie, do apartamento 403, do quarto andar, passou por aqui? — pergunto.

— Não, senhor. Entrei para o meu turno há pouco tempo, talvez o outro porteiro saiba lhe informar — responde. Perda de tempo perguntar para esse ser, se ele liberou minha entrada facilmente, é bem capaz de não ter visto Liz passando por aqui.

— Você consegue entrar em contato com ele agora? É importante essa informação para mim — falo, perdendo o pouco de paciência que ainda me resta. Esse cara é um lerdo mesmo, parece até que não precisa de um emprego, agindo desse jeito.

— Espera um minuto, senhor, preciso ver se o contato do Edmund está aqui — responde, entrando na cabine.

Depois de alguns minutos, ele volta com um papel em mãos.

— Aqui está, senhor — diz, entregando o papel.

— Obrigado — agradeço e tiro rapidamente meu celular do bolso.

Digito o número do telefone e espero, nervoso, pela realização da chamada. Ao segundo toque, ouço uma voz feminina.

— Alô.

— Oi, Edmund está? — pergunto, esperando impaciente por sua resposta.

— *Quem gostaria?*

Oh, Deus me dê calma. Em meio ao estado de nervosismo em que me encontro, ainda preciso ouvir esse tipo de pergunta. Tudo bem que é normal, mas custa passar logo para o homem ou até mesmo me responder? Saindo dos meus devaneios, respondo a mulher.

— Senhora, eu não sei nem se ele irá me conhecer, mas sou namorado de uma moradora, aqui do prédio em que ele é o porteiro, preciso de uma informação dele. Se puder chama-lo, eu agradeceria — falo com toda calma que eu consigo.

— *Só um minuto, moço.*

Ouçõ a linha ficar muda por um momento.

— *Alô* — Ouçõ a voz de Edmund.

— Edmund, preciso que me diga se viu Lizzie saindo do seu apartamento hoje. Sou eu, Benjamin, namorado dela — falo meio desesperado.

— *Ah! Senhor Benjamin, Dona Lizzie saiu sim, umas duas vezes* — responde.

— Em uma dessas vezes, ela estava com alguém? — pergunto.

— *Olha, senhor, na segunda vez que ela passou pela portaria, ela estava com o senhor Bastian, o novo morador. Eles saíram de carro, por volta das duas da tarde, mas não os vi voltar, meu turno acabou ainda há pouco* — diz.

Mas que porra! Não estou acreditando no que estou ouvindo. Aquele miserável está usando um outro nome e pegou minha Liz. Se algo acontecer com ela, não vou me perdoar por ter permitido tal coisa.

— Obrigado. — É só o que eu digo e imediatamente desligo a chamada.

Digito o número de Phil rapidamente e espero que ele me atenda.

— *A que devo a honra de sua ligação, já está com saudades?* — debocha.

— Philips, não estou para brincadeiras nesse momento e preciso que me encontre aqui em frente ao apartamento de Liz, AGORA — falo, sem o mínimo de paciência para suas brincadeiras. Neste momento a única coisa que quero saber é aonde aquele bastardo está com a minha linda Liz.

— *Ok, já estou indo. Me passa o endereço dela por mensagem* — diz, sério dessa vez.

Não falo mais uma palavra, desligo o celular e digito uma mensagem com o endereço rapidamente. Não sei nem como é possível, minhas mãos tremem de nervosismo. Vou até onde está o meu carro, esperar por ele. Quinze minutos depois, Philips freia o carro e sai bruscamente do carro.

— O que aconteceu? — pergunta.

— Ele levou a Liz — falo em um fio de voz.

Estou prestes a desmoronar neste chão. Espero muito que meu amor esteja bem. Quando encontrá-lo, vou matar aquele desgraçado. Fui um burro.

— Tenha calma, nós vamos encontrá-la, vai ficar tudo bem. Mas agora precisamos ir até a polícia — diz, tentando me acalmar, mas de nada adianta. Só quero saber se minha doutora está bem.

— Phil, e se ele fizer algo com ela? Eu não vou aguentar. Sou um filho

da puta inútil, deveria ter dito a ela, tê-la protegido, mas eu não fiz. Juro que quando Eric aparecer em minha frente, vou matá-lo com minhas próprias mãos. Ele não deveria ter a levado de mim — falo, revoltado comigo mesmo.

— Ben, você sabe que ele quer te atingir de alguma forma e encontrou isso sequestrando a Liz. Agora entra em seu carro e me siga até a delegacia — diz, autoritário.

Não digo nada, entro no meu carro e o sigo. Minutos se passam e já estamos adentrando a delegacia.

— Você está nervoso, deixa que eu converso com o delegado — Phil diz, andando em minha frente.

Caminhamos até a sala do delegado. Depois de nos comunicarmos com alguns agentes e Phil dar leves batidas em sua porta, assim que ouvimos "entre", nós entramos.

— Olá, delegado Queen — Phil o cumprimenta com um aperto de mão.

Aceno com a cabeça e aperto sua mão em seguida.

— A que devo a honra de encontrar os senhores por aqui? — pergunta, sentando-se novamente em sua cadeira, com as mãos entrelaçadas em cima da mesa.

— Eric Courtney está de volta — Phil dispara, sem rodeios.

— E como sabem disso? — pergunta, olhando-nos.

— Eric está morando no mesmo prédio em que a namorada do Benjamin mora. E a sequestrou — responde.

— Certo, desde quando? E por que meus homens não sabem sobre isso? — Perguntas e mais perguntas. Meu sangue ferve. Se os homens dele fossem competentes o suficiente, saberiam. E não somos nós que temos que dar as respostas para suas perguntas.

— Algumas semanas e, quanto aos seus homens, pergunte a eles, não a nós — falo já me alterando. Perdi totalmente minha paciência.

— Por que não nos contatou já que sabe dessa informação a algum tempo? — pergunta, nervoso. Eu sou uma pessoa calma, mas quando se trata do Eric, perco a cabeça e esse delegado está seguindo pelo mesmo caminho: fazendo-me perder o pinga de calma que ainda me resta.

— Ele me ameaçou. Você acha mesmo que eu o deixaria fazer algo com minha namorada, ainda mais sendo seu vizinho? — falo, quase gritando.

— Com essa sua atitude idiota, ele está com sua namorada do mesmo jeito. — responde.

Minha vontade é de dar um belo de um murro na cara desse delegado, mas isso só ia piorar a situação. Ao perceber minha falta de controle, Phil volta a falar.

— Delegado Queen, os seus homens podem ir em busca de Lizzie? — pergunta.

— Há quanto tempo ela está desaparecida?

Phil me olha pedindo por resposta e eu falo.

— Faz mais ou menos sete horas — respondo.

— Para iniciar as buscas e uma denúncia, precisa ter vinte e quatro horas — diz.

— Você só pode estar de brincadeira — grito. — Um delinquente, assassino, sequestrou minha namorada e você vai esperar ele matá-la para irem procurá-la? É isso mesmo que eu acabei de ouvir?! — esbravejo.

— São normas de uma delegacia. Agora abaixa seu tom de voz se não quiser ser preso por desacato de autoridade — fala em tom superior.

É incrível como esse delegado é "bom" em sua profissão. Não vou esperar por nada, eu mesmo vou atrás da minha loira. Se depender desse delegado, acontecerá o pior.

Saio da sala sem nem falar nada. Se antes eu estava nervoso, agora estou pior. Belo delegado essa cidade tem. Então quer dizer que um foragido sequestra alguém e, enquanto não completam vinte e quatro horas do desaparecimento, eles não fazem nada? Se eu não estivesse tão nervoso, riria desta situação, apesar de não ser nada engraçado. Para que servem os policiais então?

Paro em frente ao meu carro, esperando por Philips.

— Você não deveria gritar com ele daquele jeito, só vai piorar as coisas — diz.

— Você queria o quê? Que eu desse risada ou achasse bonitinho? Me poupe, Philips. É a única mulher que eu realmente amei nessa vida que está em perigo. Não vou esperar esses imprestáveis fazerem alguma coisa, eu mesmo vou atrás dela — falo, entrando no meu carro e saindo em disparada. Ouço de longe Phil gritar por meu nome e nem me importo.

Meu celular toca no banco ao meu lado, olho rapidamente e vejo o nome do Phil piscando na tela. Deixo que toque até ele se cansar. Ouço tocar novamente e pego assim que o sinal fecha.

— Philips, nada do que me disser agora vai adiantar — falo imediatamente ao atender.

— *Poxa vida, não é o Philips.* — A voz de Eric entra em meu ouvido.
DESGRAÇADO.

Capítulo 28

Lizzie

Ao acordar com o barulho da porta sendo aberta, me levanto rapidamente, ou pelo menos tento, afinal minhas mãos e os meus pés estão amarrados. Olho para Bastian, que está em minha frente com seu sorriso que me deixa arrepiada de medo e espero para ver o que ele vai falar.

— A bela adormecida acordou?! Que bom, assim não preciso te acordar para começarmos com a brincadeira — diz e começo a tremer de medo.

Minha barriga ronca e só então percebo que estou com fome e que lá fora parece ter escurecido.

— Estou com fome. — Minha voz sai falha e amedrontada.

— É uma pena, porque eu não pretendo te dar nada. Você não tem direito nem a uma gota de água — diz.

— Por que está fazendo isso comigo? Eu não te fiz nada, você mentiu para mim — falo e sinto as lágrimas rolares por meu rosto.

Como eu pude ser tão ingênua? Na verdade, fui uma burra, isso sim. Só quero entender o porquê disso tudo.

— Mentir é minha especialidade, querida, e você caiu na minha como uma tolinha. Foi tão fácil — diz, rindo.

Sinto raiva e medo ao mesmo tempo. Meu Deus, não sei do que esse homem é capaz. Mas agora me passa pela cabeça o que ele falou sobre Ben amar outra, será que é alguma de suas mentiras? Eu não posso acreditar que tudo o que Benjamin me disse é mentira.

Quando tudo isso acabar, preciso saber por Benjamin se o que Bastian disse é verdade. Não vou conseguir seguir em frente com essa informação martelando minha cabeça. Muito menos vou conseguir conviver com uma pessoa que ama outra e diz me amar, isso é uma grande apunhalada pelas costas e me sinto totalmente enganada.

— Me deixe ir embora, Bastian, por favor. Eu juro que não vou te denunciar, mas me deixe sair daqui, eu lhe imploro — falo em prantos, depois de divagar.

— Qual parte de VOCÊ NÃO VAI SAIR DAQUI você não entendeu? — grita, assustando-me, o que só fazem cair ainda mais lágrimas pelos meus olhos.

Não digo uma só palavra. Encaro Bastian, que parece ainda mais irritado. Seus olhos estão vermelhos e me causam pavor.

— Agora chega, cansei de suas perguntas. Elas estão me deixando irritado e não quero mais ouvir sua voz — diz e pega algo em seu bolso.

Ele caminha até onde estou e pega em um dos meus braços. Começo a tremer por não saber o que ele pretende fazer.

— Se tentar alguma gracinha, será pior, então trate de ser boazinha e me deixe aplicar essa seringa em seu braço. Prometo que não vai doer nada, é só uma picadinha, logo passa — diz e sorri.

Sinto a agulha entrar em minha veia. O líquido na seringa é branco, provavelmente alguma droga. Nesses anos convivendo com vários tipos de remédios, sei que esse não é nenhum do que temos no hospital. Entro em desespero ao saber que estou sendo drogada, mas aos poucos vou sentindo meu corpo ficar mais leve. Começo a sorrir e minhas pálpebras ameaçam fechar. Ouço uma voz meio distante falando coisas que não consigo entender muito bem e a escuridão parece me levar para bem longe, desconectando-me de tudo.

— Isso querida, durma...



Acordo me sentindo um pouco tonta. Ouço uma gargalhada estrondosa fazendo com que minha cabeça lateje. Por quanto tempo eu apaguei? Essa é a pergunta que está em minha cabeça. Olho ao redor e, pelas frestas da janela, posso perceber que o dia já se encerrou. Lá fora está escuro.

Vejo Bastian sentado em uma cadeira, gargalhando sozinho — esse homem está completamente louco. Com o telefone em mãos, digita um número e coloca em seu ouvido.

— Sentiu saudades, querido? — Bastian pergunta, rindo.

Ele para um segundo, provavelmente para escutar a pessoa do outro lado da linha.

— Você não quer nada, já disse que quem dita as regras do jogo sou eu. Mas posso lhe dizer que sua amada está muito bem. Quer dizer, ela está há algumas horas sem comer e beber nada, também está um pouco drogada, então deve estar bem. As drogas costumam nos deixar melhor, esquecemos até dos problemas. — Em nenhum momento ele me olha e, ouvindo sua conversa, constato que está conversando com Ben.

Minhas esperanças de ser encontrada começam a voltar e me deixam um

pouco melhor. Outra vez ele fica aguardando e, de repente, volta a gargalhar. Sua risada ecoa pelo local isolado e sem muitos móveis.

Quando se recompõe, ele responde:

— Quer saber? Eu não ligo, eles nunca vão me encontrar mesmo. E se me encontrarem até lá, sua amada Liz estará morta. Mas, pensando bem, espero que não me encontrem até quando eu tiver te matado também. Depois disso, podem até me levar, vou até pulando de alegria se for possível. Até mais ver, meu caro Benjamin. A qualquer momento eu te envio seu vídeo como um presente.

Sim, era o Ben, como eu imaginei.

O medo volta a tomar conta do meu ser. Ele vai nos matar.

Lágrimas banham meu rosto novamente.

Ele falou em um vídeo como presente. O que será que esse louco está pensando em fazer?! Estou entrando em desespero.

Após falar suas últimas palavras ao telefone, Bastian desliga. Parece ter ficado irritado. Ao olhar para a cama, percebe que estou acordada e olha em sua direção.

— Que bom que acordou, querida, porque antes da segunda dose da droga, nós vamos brincar um pouquinho. Precisamos mandar o presente do seu querido Benjamin Campbell — diz com o sorriso macabro outra vez em seu rosto.

Deus, me ajude, não deixe com que esse homem me faça algum mal. Permito-me fazer uma oração mentalmente.

Cada vez que olho para esse homem, vejo que ele precisa de ajuda. É completamente louco e não devo acreditar em tudo que me diz. Ele só quer me confundir com suas loucuras.

— Querida, fique onde está, eu já volto. Não saia daí, não demoro muito. — fala, mas ao perceber o que acabou de dizer, ele debocha. — Claro que não vai sair, não é mesmo?! Você está presa — diz rindo e sai em direção à porta.

Alguns minutos depois, volta com uma sacola preta em mãos.

— Vamos começar o show? Estou tão ansioso para isso — diz com uma cara de psicopata. — Ah! Como sou esquecido, tenho que gravar e mandar para o Benzinho — com um falso esquecimento, diz e ri.

Ele joga as coisas que estavam dentro da sacola preta em cima da cama, meus olhos se arregalaram ao ver o conteúdo. Com uma faca em mãos, sorri e chega mais perto do meu rosto.

— Vamos, querida, chame por seu amado — diz, a faca passando em meu rosto. Com o celular em mãos, ele grava.

Fico em silêncio. As lágrimas escorrem pelo meu rosto ao olhar para a câmera e para Bastian.

— Eu disse para você chamá-lo — grita e faz um corte em meu rosto.

Choro em desespero e, com um fio de voz, imploro para que pare.

— Bastian, por favor, está me machucando e isso dói muito. — É o que eu consigo dizer, ignorando o que ele me mandou fazer.

— É essa a intenção. Vou fazer pior se não me obedecer e chamar por seu queridinho — diz, aprofundando o corte ainda mais.

— Ben. — É só o que digo e caio em lágrimas.

— Eu quero mais que isso — diz, levando a faca para uma de minhas pernas, ameaçando fazer um novo corte.

Não consigo dizer uma só palavra, o choro e o desespero tomaram conta de mim e só quero que tudo isso acabe. Se for para eu morrer, que seja agora, não estou mais aguentando tudo isso.

— Veja, querido. O que você me diz sobre esse presente? Espero que você goste. Beijos e até o próximo — Bastian diz virando o celular para o seu rosto e, por um instante, fico aliviada. — Sabe, querida, ainda não acabou. Esse é só o começo e, como eu não quero mais ouvir você chorando, vou te dar a segunda dose de droga. Você vai gostar, sei que vai. É como na primeira vez — diz, sorrindo e amansando sua voz.

Se for para não sentir dor e não ter que olhar em sua cara, é melhor.

Minha mente responde, mas minha boca continua fechada.

Sinto a agulha em meu braço e novamente me deixo levar pela escuridão.



Acordo com a dor e com uma sensação estranha.

Não ouço nada, então olho ao redor e vejo que estou sozinha. Lá fora já está claro, sei pela pouca claridade que entra. A porta é aberta com força e olho, assustada.

— Vamos embora daqui, princesinha. Infelizmente nos acharam e eu preciso terminar o serviço logo — Bastian diz e corta a fita que estava presa na

cama, fazendo o mesmo com os pés. — Eu estou tirando isso para você conseguir correr sem eu ter que te carregar. Se tentar fugir de mim, a bala dessa bela arma entrará em cheio em sua cabeça e não quero que o seu fim seja assim. Temos que continuar com a tortura, depois você pode morrer — diz.

Eu não falo nada, só presto a atenção em seus movimentos.

— Estamos entendidos? — pergunta quando não o respondo.

— Sim. — Minha voz sai falha e rouca por eu ter acabado de acordar.

— Ótimo, agora levante-se, não temos tempo — diz autoritário e tira a arma de sua cintura.

Depois que as fitas já não estão presas em mim, tento me levantar, mas a tentativa é falha. Meu corpo está fraco, estou sem comer há horas.

— Anda! Você está muito devagar e eu já estou perdendo a paciência. Estamos sem tempo, já disse — diz, aumentando o tom de sua voz.

— Eu não consigo — respondo.

Bastian bufa, nervoso, e me puxa pelos braços. Ao sair arrastada pela porta, ouço barulhos de pneus derrapando no chão. Olho e vejo um carro parando em nossa frente.

— Uau, temos plateia para assistir o nosso show, querida — Bastian diz ao ver a porta do carro se abrir e Ben sair de um jeito bruto dela. — Veio ver eu matar a sua amada pessoalmente? O vídeo não estava legal? Me desculpe, a câmera do celular não é tão profissional assim — diz, olhando Ben, e ri.

Ben me olha e posso ver suas olheiras, sinal de que não dormiu. Ele sussurra um pedido de desculpas e as lágrimas já começam a embaçar minha visão.

Capítulo 29

Benjamin

Depois de acalmar meus nervos, fiquei isolado em um canto com várias coisas passando por minha cabeça, enquanto os homens ainda trabalhavam nas buscas.

Flashes da primeira vez em que Liz e eu nos falamos no hospital me vêm à cabeça. Seus olhos azuis encantadores, sua timidez e seu sorriso. Nosso primeiro beijo, a declaração que um fez para o outro, o pedido de namoro e o jantar onde fiz o pedido oficial, até mesmo nossa primeira noite de amor.

As cenas passam como um filme em minha cabeça e, só em pensar na possibilidade de não viver mais o que vivemos até agora, sinto uma dor em meu peito. É ainda pior do que quando Morgan me traiu. Eu não estou pronto para ficar sem Liz e peço a Deus que não a tire de mim. Ainda temos muito o que viver do nosso amor.

Meus olhos transbordam de lágrimas, elas não cessam nem por um minuto. A todo momento, sinto-as escorrerem pelo meu rosto.

Há algumas poucas horas, Phil me mandou mensagem avisando que tinha dado queixa do desaparecimento de Liz, depois que completaram as horas que faltavam. Ele avisou que os policiais já iniciaram as buscas. Eu não queria responder, mas acabei respondendo e informando que Fred já estava cuidando disso e que se mostrou mais competente do que os policiais.

Não li sua resposta. Estou cansado, só quero que Liz esteja em meus braços logo. O som do meu celular, me tira dos meus devaneios e fico em alerta. Abro o conteúdo e me deparo com um vídeo, aperto o play imediatamente e ouço a voz de Eric ao fundo e Liz chorando em sua frente.

— *Vamos, querida, chame por seu amado.* — Profere com a faca em seu rosto. Liz se mantém quieta e as suas lágrimas banham seu rosto cheio de dor.

Meu estômago começa a revirar, minhas mãos tremem ao ver seu desespero sem poder fazer nada.

— *Eu disse para você chamá-lo.* — Eric parece ficar irritado; grita e logo em seguida, faz um corte em seu rosto.

Sinto vontade de vomitar e ao mesmo tempo sinto o sangue esquentar em meu corpo. Ele vai se arrepender por ter feito isso com a minha Liz. Eric não perde por esperar. Nem que eu o ache no inferno, mas ele vai pagar.

— *Bastian, por favor, está me machucando e isso dói muito.* — Sua voz

é baixa, quase não ouço o que Liz pronuncia.

O que mais me mata por dentro é saber que ela está sentindo dor e esse bastardo não se importa em saber que está machucando uma mulher. Mas o que pode se esperar de Eric Courtney, um tremendo bandido?

— *É essa a intenção. Vou fazer pior se não me obedecer e chamar por seu queridinho* — Eric continua e parece aprofundar ainda mais o corte. Fecho uma de minhas mãos em punho e solto um rosnado em frustração.

— *Ben.* — Liz choraminga.

Choro ao ver seu desespero e o medo em sua voz. Não posso mais deixá-la sofrendo assim, precisamos encontrá-los e logo.

— *Eu quero mais que isso* — exige, levando a faca para uma de suas pernas, e ameaça fazer um novo corte.

Liz não profere mais nenhuma palavra, chora e posso ver o desespero tomar conta dela. Vejo a câmera tremer e em seguida o rosto do Eric aparece em meu campo de visão.

— *Veja, querido. O que você me diz sobre esse presente? Espero que você goste. Beijos e até o próximo* — ironiza e logo em seguida a tela fica preta.

Não havia sentido a presença dos homens ao meu lado, só reparo depois de ver o vídeo.

— Senhor, me empresta seu celular. Vou tentar descobrir o número através desse vídeo — um dos homens informa.

Entrego o celular e espero pacientemente por novos resultados, torcendo para que sejam bons.



Horas se passam, o dia amanhece e Fred, Edgard e Willians — os dois homens que trabalham com Fred e que agora eu sei os nomes — estão concentrados em frente ao computador em busca do local.

— *Achei* — Edgard anuncia.

Levanto-me depressa e vou até onde os três estão sentados.

— *Em que lugar eles estão?* — questiono.

— *É um local isolado, um pouco longe daqui, cerca de uma hora mais ou menos* — responde.

— Certo, agora deixem comigo, eu vou atrás deles — explico.

— Mas, senhor, é perigoso ir sozinho. Ele está armado e pode fazer algo contra vocês dois — Fred comenta.

— Não me importo. Vou sozinho e ninguém vai me impedir. Não posso deixar Liz um minuto a mais perto daquele louco — anuncio.

É loucura eu ir sem nem ter como nos defender, mas não ando armado, tão pouco possuo uma arma. Mas isso não vai me impedir de ir atrás de Liz. Sem esperar por eles, pego o endereço e saio em disparada para o meu carro.

É provável que eles não me ouçam e me sigam, mas por agora só quero pensar que estou prestes a encontrar minha garota.

Ultrapasso os limites de velocidade, mas no momento nada importa se tiver que pagar alguma multa, só quero chegar o mais rápido possível naquele lugar. As ruas começam a sumir, dando lugar a uma entrada de terra. Dirijo mais rápido e ouço o barulho dos pneus derrapando na areia. Cerca de tinta minutos depois, paro com o carro em frente a uma casa, deparando-me com Eric saindo com Liz sendo puxada pelo braço. Saio brutalmente do carro.

— Uau, temos plateia para assistir o nosso show, querida — Eric caçoa. — Veio ver eu matar a sua amada pessoalmente? O vídeo não estava legal? Me desculpe, a câmera do celular não é tão profissional assim — debocha.

Olho para Liz e, sem que minha voz possa ser ouvida, peço desculpas. Ela não devia estar passando por essas coisas, a culpa é toda minha. Vejo seus olhos ficarem úmidos pelas lágrimas que ameaçam cair.

Olho diretamente para Eric e disparo.

— Eric, deixe Liz embora. Já estou aqui e você pode fazer o que tanto queria comigo. Só deixe que ela vá — imploro ao ver que em uma das mãos ele usa uma Taurus 24/7. Posso não possuir armas, mas entendo do assunto.

Liz olha sem entender quando o chamo e entendo sua confusão, afinal ele disse que se chama Bastian. Dou um passo à frente, a fim de chegar mais perto.

— Opa, calminha aí, querido. Se chegar mais perto, vou estourar os miolos dela. E só para te lembrar, ela vai ter a mesma sentença que você. Não vai embora, então não adianta você falar nada — ralha.

Fico estático e penso em uma forma de arrancar a arma de sua mão, e Liz também. É totalmente arriscado o que vou fazer, mas preciso tentar.

Eric solta Liz e a empurra. Seu corpo fraco acaba caindo ao chão, deixando-a totalmente debilitada. Corro até o seu corpo e a pego em meus braços, ficando diante da mira da arma.

— Primeiro vai ser ela, depois você, e finalmente os meus planos de acabar com você serão concluídos com sucesso — avisa, apontando a arma para Liz.

Acontece tudo muito rápido. Sem nem ao menos eu entrar na frente, ele dispara o gatilho da Taurus 24/7 e acerta em cheio o peito de Liz, fazendo com que ela gema de dor. O minuto seguinte me deixa totalmente sem chão e fico estático com ela em meus braços. Meus olhos começam a ficar úmidos e o desespero toma conta de mim.

— Liz, meu amor, aguenta firme, nós vamos sair daqui — Sussurro em seu ouvido. Com uma certa relutância, deixo-a no chão, levanto e vou para cima de Eric.

— Você não podia ter feito isso — grito e lhe acerto um soco no rosto, sem dar a oportunidade de revidar. Começo a desferir vários socos nele, fazendo com que caia e a arma saia de seu punho.

Chuto a arma para longe de seu alcance e volto para cima de Eric. Ele consegue desviar o soco, fazendo com que minha mão enterre no chão. Sinto a ardência em meus dedos, mas não me deixo abalar. Com uma simples distração, Eric se levanta e desfere chutes em minha costela e abdômen.

Sinto dores, mas, mesmo assim, tento me levantar cambaleando e recebo um soco em meu rosto. Perco as minhas forças e caio no chão. Eric vai até a arma que está no chão, mas, antes de pegá-la, chuto suas pernas, fazendo-o cair no chão. Tento me arrastar até a arma, mas recebo um chute certeiro no rosto, fazendo com que eu desmaie.

Acordo meio atordoado. O que parecem ter sido horas, foram apenas poucos minutos desacordado. Fico desesperado, preciso levar Liz daqui imediatamente ou a situação dela poderá se agravar. Olho para o lado e vejo Eric pegando a arma. Logo em seguida se levantou, andando até que fique de frente para mim.

— Chegou a sua hora — esbraveja e, em seguida, dispara.

Viro-me rapidamente, mas não a tempo de evitar que a bala passe por minha costela. Sinto a ardência e, antes de Eric atirar mais uma vez, ouço o barulho de sirenes e carros em alta velocidade.

— Acabou, Eric — informo antes de ouvir os passos apressados e os policiais o cercarem.

— Eric Courtney, solte a arma e ponha as mãos sobre a cabeça — ordena um deles.

Ao longe, vejo Phil, Fred, Edgard e Willians assistindo à cena.

— Vocês são uns estraga-prazeres, viu. Logo agora que eu ia dar o tiro final, vocês aparecem! Mas não se preocupe, Benjamin, logo, logo nos encontraremos e eu termino o serviço — debocha com ar de lamentação.

Eric larga a arma e chuta para longe, fazendo os policiais caminharem até ele e o algemarem.

— Eric Courtney, tudo o que você disser será usado contra você no tribunal — anuncia o policial.

— Grande merda — Eric profere rindo.

Ao ver que não tem mais perigo, Phil e os outros se aproximam de mim.

— Você está bem? — pergunta.

— Só parece que um caminhão passou por cima de mim, mas isso não importa, precisamos sair daqui. Liz está ferida — informo e tento me levantar.

— Você também parece estar ferido, senhor — Fred pronuncia.

— Levei um tiro na costela, mas foi apenas de raspão — comento. — Phil, pegue Liz — peço, apontando para o local em que ela está caída.

— Vem, eu te ajudo. — Fred se apressa em me segurar pelos braços, sem esbarrar em minha costela.

Phil pega Liz em seu colo e ouve sua pulsação.

— Ela está com uma pulsação baixa, temos que chegar rápido no hospital. — alerta e anda apressado para o carro.

— Senhor, a ambulância já está a caminho, acho melhor esperarmos. — Fred faz Phil parar por um momento.

— Não vamos esperar por uma ambulância, até chegarem, minha namorada já estará morta. — Dito isso, voltamos a caminhar para dentro do carro.

Phil dá a partida e sai em disparada para o hospital. No caminho, aliso o cabelo loiro de Liz e peço a Deus, em pensamento, que tudo termine bem.

— Depois eu peço para alguém vir buscar os carros — Phil murmura.

— Tudo bem, mas esse é o menor dos meus problemas. — Suspiro ao responder.

— Ela vai se sair dessa cara, ela é forte — encoraja-me.

Não profiro nenhuma palavra, espero as lágrimas caírem por meu rosto. Depois de alguns minutos, Phil para o carro em frente ao hospital em que ela trabalha e sai abrindo a porta para pegar Liz, e para que eu saia. Ao lado de Phil, entro no hospital.

— Por favor, alguém pode nos ajudar? — Phil grita.

As pessoas se amontoam perto e vejo Tony se aproximar.

— Ben? O que faz aqui? — pergunta curioso.

— Tony, salve a minha garota — imploro sem responder à sua pergunta.

Só então Tony vê Liz nos braços de Phil e imediatamente corre, chamando por enfermeiros que logo aparecem com uma maca, levando minha Liz para dentro.

— Você também precisa de cuidados — uma enfermeira exclama e me faz segui-la por um corredor.

Capítulo 30

Eric

Malditos, é isso o que eles são. Esses idiotas deveriam deixar eu terminar o que havia começado.

Estava quase fazendo Benjamin virar um defunto, mas não, esses policiais de merda tinham que aparecer justo na hora em que eu apertaria o gatilho pela segunda vez. Queria tanto estourar os miolos de Benjamin, esse era o meu maior sonho. Quer dizer, ainda é, porque eu vou sair da cadeia, vou concluir minha missão.

Só preciso entrar em contato com os meus aliados e, *puff*, consigo o que eu quiser.

Nesse momento, estou em uma cela, com vários bandidos me encarando. Coitados, acham que são páreo para mim. Eles que não se atrevam, mato todos de uma só vez; é só me irritarem para ver só.

— O QUE É QUE ESTÃO OLHANDO? VOCÊS NÃO TÊM O QUE FAZER NÃO, BANDO DE INÚTEIS? — grito, fazendo alguns homens pararem de me olhar, exceto um cara careca, gordo e mal-encarado, cheio de tatuagens que provavelmente fez aqui dentro. Coitado, acha que põe medo em mim.

— Abaixa a bola aí, seu babaca. Você chegou agora e acha que vai mandar em todo mundo aqui? — pergunta.

Dou risada da cara dele. Acha que pode falar comigo desse jeito, no sonho dele só se for. Ele chega mais perto, achando que tem alguma moral e que vai conseguir me dar medo, coitado.

— Se eu fosse você, não debochava das minhas palavras, ou vou ser obrigado a quebrar os seus dentes e esfolar essa sua carinha de playboyzinho na porrada — rosna.

A gargalhada que sai de minha garganta ecoa pela cela, fazendo o homem vir com uma certa brutalidade para cima de mim. Não dou tempo para que ele encoste em mim e vou logo o pegando pela garganta, apertando minhas mãos em volta, fazendo com que seu rosto fique roxo.

— Sabe, não gosto que me xinguem, muito menos que você fale algo para mim. Você é um merda como todos os outros que estão aqui, então não me venha com essa de quebrar a minha cara. Não me conhece, não sabe do que eu sou capaz. E, para mostrar que eu sou o melhor, você vai morrer — afirmo,

apertando ainda mais seu pescoço.

O mais engraçado é que ele quis dar um de machão, mas nem para me pegar foi capaz. Sem mais delongas, viro-o de costas para mim e, com apenas um movimento, consigo quebrar o seu pescoço. Jogo-o no chão, como um saco de lixo que ele é.

— Isso serve para vocês também, então não testem minha paciência — aviso os outros que estão estáticos e com os olhos arregalados para a cena.

— Cara, ele matou o chefe — um magrinho de cabelos cacheados e loiros sussurra para o homem ao seu lado.

— E vou matar você também se não fechar essa sua boca podre — ameaço.

Ninguém fala mais nada e vai cada um para o seu canto. O engraçado é que foi tão fácil matar esse cara, o carcereiro nem se importou com os gritos que estava acontecendo aqui.

— Carcereiro, tem um homem morto aqui na cela — grito perto das grades.

Imediatamente ele aparece com mais dois policiais. Abre a cela e entra, com os outros em seu encalço. Ao perceberem a marca de dedos no pescoço do idiota jogado ao chão, faz a pergunta que ninguém se atreve a responder, não são idiotas para fazer tal coisa. Mas, como sou bonzinho, resolvi culpar um idiota qualquer da cela. Por falar em idiota, essa cela tem por volta de vinte detentos, o que me deixa estressado por não ter espaço para nada.

— Eu não queria ser um dedo-duro não, mas eu vi aquele ali — aponto para o magrinho idiota — brigando com esse homem jogado no chão e posso dizer que foi uma luta e tanto.

— E como uma pessoa daquele porte conseguiu derrubar esse homem? — pergunta o policial desconfiado.

— Pois é, as aparências enganam — respondo e por dentro estou rindo horrores.

— Você aí, vem. Vai aprender que não se deve fazer alvoroço dentro da cela. — ordena e o trouxa vai com o rabo entre as pernas. Aposto que está todo molhado de medo.

Sem proferir mais nenhuma palavra, os três saem, levando o morto e o “culpado” para o castigo. Assim que não vejo sinal deles, começo a gargalhar, perco até o controle e sento no chão, rindo.

Esse tempo em que eu ficar aqui será tão bom, vou me divertir tanto às

custas desses idiotas. Quando volto ao normal, me levanto e vou até uma das camas, expulsando um homem que estava deitado. Essas camas são horríveis, mas fazer o quê? Preciso relaxar e pensar em um novo plano de matar Benjamin.

Só de pensar que meus planos não deram certo cem por cento, assim como deveria ser, me deixa de mal humor.

Meus pensamentos vão longe e me permito lembrar de Bianca. Como sinto sua falta, por que ela fez aquilo comigo? Por mais que não queira admitir, eu a amo. Ela me enfeitiçou e depois meteu o pé em minha bunda. Maldita seja Bianca, só por ser gostosa acha que pode fazer isso comigo. Mas ela que me aguarde, assim que tudo se resolver por aqui, que meu serviço estiver concluído, voltarei para buscá-la e vamos viver o nosso amor, juntos.

Quem sabe podemos até ter nossos filhos. Será que ela gostaria de ser mãe? Não posso esquecer de fazer essa pergunta. Ela será uma grávida tão linda, ainda mais carregando um filho meu. Seremos uma família muito feliz, um casal apaixonado, assim como Benjamin e Lizzie. Viveremos juntos e poderemos casar na igreja. A cerimônia será linda, com Bianca vestida de noiva e eu a esperando no altar, o padre nos abençoando. Depois da nossa festa, vamos para nossa lua de mel; será em Paris. Mas será que a Bianca gosta de Paris? Bom, podemos conversar e decidir o lugar de sua preferência.

Pensando bem, o casal Benjamin e Lizzie já não vai mais existir, então preciso me inspirar em outro casal, só preciso pensar em qual.

Com meus planos em mente, acabo por dormir, mas não por muito tempo. Vai saber se esses psicopatas resolvem me matar, assim como um deles fez com o tatuado.

Vejo Benjamin na mesma cela que eu e não posso acreditar. Enfim vou conseguir seguir com meus planos, tão rápido quanto da primeira vez. Só assim vou encontrar com Bianca, o amor da minha vida.

— Benjamin, que bom que chegou. Vamos conversar, senta aqui ao meu lado — chamo, mas o idiota não vem. Mas será possível! — Eu mandei você vir aqui, Benjamin, você está surdo? — pergunto, já me preparando para levantar.

— Esse cara está doidão, quem será esse homem que ele está chamando? — um prisioneiro pergunta para o outro.

Ignorando-os, me levanto sem paciência e me aproximo de Benjamin, a fim de pegá-lo pelo pescoço e enforcá-lo, assim como aconteceu mais cedo com a briga que eu presenciei. Sem deixá-lo reagir, o pego pelo pescoço e lhe dou um soco com uma de minhas mãos, que deixei livre somente para lhe punir por não me obedecer.

— Você é surdo por algum acaso? Eu te chamei para conversarmos, por que não foi ao meu lado? Aliás, o que você aprontou para ter ficado preso e na mesma cela que eu? — pergunto e espero que ele crie um pouco de fôlego para me responder.

— Cara, me solta por favor. Não sei do que você está falando e muito menos quem é esse tal de Benjamin — responde.

Sério que ele vai debochar da minha cara assim mesmo? Sabendo que eu estou em vantagem e que ele não tem mais chances!

— Olha, eu estava querendo muito ter uma conversa civilizada com você, mas você não me deu escolha, então sua hora chegou — profiro sua sentença.

— Eu acho melhor alguém parar esse cara, ou acontecerá outra morte nessa cela. — Ouço uma voz intervir.

— Eu é que não vou me meter, esse homem não bate bem das ideias, não quero ser outra vítima dele. O bom é que a cela ficará um pouco mais vazia — declara o outro.

Não faço ideia do que esses idiotas estão falando, muito menos de quem, e, sem querer esperar mais um minuto sequer, junto as duas mãos no pescoço do Benjamin. Com ele se debatendo por falta de ar, aperto ainda mais, deixando-o roxo e como corpo ficando mole.

Gargalho, sentindo a alegria tomar conta do meu corpo. Finalmente acabei com Benjamin, agora posso ir atrás de Bianca.

— Carcereiro — grito entre as grades sem conter a alegria. — Vem buscar o Benjamin. Eu o matei, eu consegui! Aproveite e me solte, preciso ir buscar Bianca, nós vamos nos casar e ter uma linda família. EU VOU SER PAI — grito, vibrando de alegria.

Tamanha é a felicidade que estou sentindo. Recebi uma mensagem agora de Bianca, ela me disse que está em trabalho de parto. Não posso esperar, nosso menino vai nascer. Ela até já escolheu seu nome; eu quis intervir, mais acabei aceitando. Nosso pequeno Benjamin. Espero que ele tenha os meus olhos e que seu pequeno rosto se pareça com a mãe. Ela é tão linda e merece que nosso filho herde sua beleza.

— Que gritaria é essa aqui? — o carcereiro pergunta atrás das grades.

— Você não ouviu? Eu matei o Benjamin, olha ele aqui no chão. — Só assim para ele perceber que eu falo a verdade.

— Como é que você fez isso? — pergunta indignado.

— Eu o enforquei, ora. Agora vamos, me tire de aqui, preciso ir para o Brasil. Meu filho está nascendo, Bianca acabou de me mandar uma mensagem, ela já entrou em trabalho de parto. Não posso deixar de ver meu filho nascer. — Ele me olha confuso e depois olha para os outros detentos.

— Acho melhor tirar esse cara daqui, ou essa cela não terá mais detento nenhum, esse já é o segundo homem que ele mata. — Ouço a voz um pouco longe de mim dizer.

Coitado, não sabe nem o que está falando, tão doidinho.

— O quê? Então quer dizer que o outro homem que saiu morto daqui, foi ele quem fez e ainda fez o outro pagar? — pergunta exasperado.

O silêncio desses homens me incomoda e resolvo interferir na conversa.

— Vamos, cara, você não me ouviu? Eu preciso ir embora desse lugar — protesto impaciente.

Vejo-o pegar seu rádio de comunicação e falar algo sem que eu possa escutar. Em questão de minutos, aparecem em torno de cinco policiais, deixando-me aliviado em saber que eles com certeza vão me tirar desse lugar. Vejo o carcereiro se afastar, se comunicar com eles e logo em seguida abrir a cela. Dois deles tiram Benjamin do chão e o levam, os outros três me pegam pelo braço.

— Vocês são uns anjos, depois eu os recompensarei por terem me tirado daquela cela. Mas só depois que eu voltar do Brasil com a minha Bianca e com nosso filho, tudo bem? — pergunto. Os três se olham e sorriem.

Ao chegar em uma sala, que parece ser do delegado, eles abrem a porta depois de baterem e o homem permitir a entrada de cada um de nós.

— Senhor, ele está descontrolado, talvez o lugar dele não seja aqui e sim em um hospital para loucos — um dos policiais diz assim que entramos.

Não entendo o que eles querem dizer com isso, mas preciso saber se ele vai me deixar sair. Quanto mais cedo melhor. Não quero chegar no Brasil e saber que meu filho nasceu antes de eu conseguir vê-lo.

— Delegado, será que o senhor pode agilizar minha saída? Bianca, minha futura esposa, acabou de me ligar avisando que nosso filho vai nascer, ela está em trabalho de parto e preciso buscá-la. Se não for incômodo, o senhor pode me liberar agora? — pergunto, intervindo na conversa com os policiais.

O delegado olha para cada um deles e acena com a cabeça, concordando com minha saída. Os policiais não esperam mais nada e saem comigo. Eles me acompanham até o carro deles. Fico pensando o quanto estão sendo generosos comigo em me levarem até minha mais nova família.

Os minutos passam e o mais incrível disso tudo é que eles até sabem o hospital que Bianca está, me trouxeram para ela. Achei que ia demorar tanto, que íamos pegar o avião, mas o carro foi bem mais rápido. Ao entrar dentro do hospital, caminhamos até a recepção. Já fico desesperado e saio falando com a recepcionista.

— Moça, qual é o quarto em que Bianca está? Ela já deu à luz? Posso ir vê-la? Eu sou o pai do bebê que ela espera — disparo perguntas e atrás de perguntas.

— Ele era um detento, o delegado achou melhor ele ser transferido para cá — um dos policiais informa.

— Tudo bem, depois só preciso dos documentos e os acontecimentos para abrir uma ficha no nome dele — explica.

— Vamos, moça, me leve até o quarto, ou me diz onde fica — peço impaciente.

— Espere só um minuto senhor — ela responde e pega o telefone, discando um número. Comunica-se com alguém e logo desliga. — Eles já estão vindo te buscar — responde e olha para os policiais.

Alguns minutos depois, aparecem três homens vestidos de enfermeiros. Não sei para que tanta gente só para me levar em um quarto, mas não vou interferir, eles sabem o que fazem. Caminham até mim e pegam pelo meu braço, até parece que não sei andar. Viro-me para os policiais e os agradeço mais uma vez.

— Tchau, muito obrigado por me trazerem até aqui, não se esqueçam que vou os recompensar pela ajuda de vocês. — Eles assentem e volto a andar com os enfermeiros.

Ao entrar em um quarto todo branco e vazio, eu estranho, mas não falo nada. Dois enfermeiros me seguram e o outro aplica um líquido que estava em uma seringa, que só agora percebi em suas mãos.

— Ei, cadê a Bianca? Eu vim vê-la. O que vocês aplicaram em mim? Isso é errado, sabia? — resmungo, sentindo o meu corpo ficar mais leve e a escuridão me pegar rapidamente.

Será que fui enganado?

Capítulo 31 parte 1

Benjamin

Depois de fazer um curativo, o que não demorou muito por não ter sido algo profundo e sim um ferimento de raspão, volto para a sala de espera, a fim de obter notícias de Liz. Assim que Phil me vê, caminha até onde estou sentado e se senta ao meu lado.

— Sua mãe me ligou, ela está preocupada. Disse que ligou em sua casa e Carola informou que você não aparece há uns três dias. Ligou para você, mas não atendeu, então resolveu me ligar e precisei dizer a verdade de onde estamos. Mas não falei o que exatamente aconteceu de fato. Ela está vindo para cá junto com o seu pai — avisa.

— Tudo bem. — É só o que eu sou capaz de dizer.

— Cara, fica frio, ela vai ficar bem. Tenha fé que tudo vai dar certo. E antes que eu me esqueça, quero pedir desculpas pelo modo que eu agi, mas você sabe que é como um irmão para mim e que me preocupo com você — diz, dando leves batidas em minhas costas.

Não profiro nenhuma palavra, a única coisa que faço é abrir um pequeno sorriso de lado. O tempo de espera está me matando, ninguém vem nos dar notícias e isso está me deixando impaciente. Alguns minutos depois, ouço a voz da minha mãe. Ela nos vê e segue até onde estamos sentados.

— Oi, meu amor, como você está? — pergunta, abraçando-me e me beijando.

Olho em seu rosto e, sem conseguir dizer uma palavra, abraço-a forte e desabo em seus braços.

— Calma, meu amor, ficará tudo bem — murmura, passando as mãos por minhas costas, tentando me tranquilizar.

— Mãe, eu não vou saber viver sem ela — balbucio entre soluços.

Eu não me importo se vou parecer um maricas chorando assim, só Deus sabe o quanto meu coração está doendo.

— Amor, me explica o que aconteceu. Eu quero entender, saber por que você está com essa faixa enrolada em sua barriga e o que aconteceu com ela. E ela, você quer dizer sua namorada? — pergunta.

Tento me acalmar para contar tudo, desde meu acidente, até o que aconteceu hoje, afinal minha mãe não faz ideia de que Eric provocou tudo isso, só meu pai sabia. Falando em meu pai, ele se sentou do lado do Phil, não sem

antes acenar com a cabeça.

Ele não é frio, se é isso o que vocês pensaram por ele não ter me cumprimentado assim que chegou, mas sim me conhece o bastante para saber que os braços da minha mãe é o melhor no momento.

— Lembra do meu acidente? — pergunto, já calmo.

— Sim, mais o que isso tem a ver agora? — perguntou com uma certa estranheza.

— Tudo. Eu não te contei, mas Eric quem provocou aquele acidente. Ele queria me matar porque eu tinha provas para incriminá-lo. O marido da minha cliente foi assassinado por ele. Ele subornou o juiz e se safou, assim que eu saí do tribunal e estava indo para casa, ele matou Adam, que me acompanhava naquele momento, e fez com que meu carro caísse morro abaixo, e o resto você já sabe. Ele fugiu para o Brasil e voltou a pouco tempo atrás. Foi então que, no dia em que eu ia acompanhar Liz até o aeroporto para se despedir de seus pais, esbarrei com ele em frente ao apartamento dela. Eric estava morando no apartamento ao lado — digo em um só fôlego.

Dona Margareth faz um sinal para que eu continue e assim faço.

— Eric ameaçou Liz caso eu entrasse em contato com a polícia. Não fiz nada naquele momento, muito menos alertei Liz sobre ele. No dia seguinte, falei com Phil e ele me aconselhou levar Liz em minha casa até que tudo se resolvesse e que ela não sofreria nada. Mas me enganei, fui burro, não deu tempo. Eric foi mais rápido e a sequestrou e, para resumir a história, ele ia nos matar, mas antes de atirar contra mim, a polícia entrevistou — completo.

— Eric não é aquele garoto que vivia implicando com você? — pergunta.

— Sim, o próprio — confirmo.

— Deus, como ele foi um canalha. Mas ainda bem que a polícia chegou a tempo e nada te aconteceu. Só de pensar em te ver no estado em que eu te vi, meu coração entristece. Quanto a Liz, ela vai sair dessa, tenha fé em Deus que tudo vai melhorar — encoraja.

Sorri e lhe dou um beijo na testa.



Horas depois, Tony aparece no corredor. Eu, meus pais e Phil

conversávamos, mas assim que ele chegou perto, levantei em um pulo.

— Como ela está, Tony? — pergunto exasperado.

Sua expressão é de total cansaço, e não é para menos, afinal foram quatro horas na sala de cirurgia.

— Liz teve uma parada cardíaca. — Ele mal termina a frase e o desespero toma conta do meu corpo. Minha mãe percebe meu nervosismo e segura minha mão, apertando-a em forma de conforto. — Conseguimos reanimá-la e correu tudo bem com a cirurgia. Ela já foi para um quarto e está dormindo, o que é normal porque estive sedada por algumas horas e a qualquer momento pode acordar. Ela está no soro porque estava fraca e desidratada, mas agora está fora de perigo.

— Obrigado, Tony. Serei eternamente grato pelo que você fez por Liz, e não precisa me dizer que você só fez o seu trabalho, porque sei que para você também deve ter sido difícil ver uma amiga totalmente diferente do que você costuma ver. — agradeço, dando-lhe um abraço em seguida.

— Realmente foi uma coisa difícil e graças a Deus consegui concluir a cirurgia. É difícil estar preparado para lidar com algo assim, muitas vezes nós, médicos, somos barrados por nossos chefes, não podemos entrar em uma sala de cirurgia com algum parente nosso ou pessoas próximas. Pela pressão que passamos, pode ocorrer algum erro. O medo é tão grande de fazer algo errado, que é o que acontece — explica.

— Posso vê-la? — pergunto sem mais delongas.

— Pode, mas antes me responda uma coisa, que acabei de me dar conta — diz.

— Claro.

— Os pais de Liz já sabem o que aconteceu? — pergunta e só agora me dou conta de que não entrei em contato com os dois e imagino que devem ter estranhado Liz não ter entrado em contato para saber se os dois chegaram bem.

— Sinceramente, não me lembrei dos dois. Estava tão atordoado com a situação que nada fiz — conto.

— Eu resolvo isso, sem problemas. Agora pode ir vê-la, ela vai gostar de acordar e ver você. O quarto é o 407 no terceiro andar, no segundo corredor.

— Obrigado.

Agradei e caminhei rapidamente e sem olhar para trás, até o elevador que me leva para o andar onde está seu quarto. Entro no elevador, que está vazio e no térreo, para minha alegria, e um minuto depois eu já estou andando pelo

corredor à procura do quarto.

Meu coração está disparado, parece até que vai sair pela boca, e ansiedade toma conta do meu corpo. Só de pensar que minha garota está fora de perigo e que tudo ocorreu bem, me deixa imensamente feliz. Abro a porta do quarto e vejo minha linda Liz deitada com seus olhos fechados. Ela está pálida, sua boca tem um leve tom rosado.

Caminho até sua cama e começo alisando seus cabelos e seu rosto que por sinal tem um pequeno curativo no lado em que foi feito o corte.

— Oi, meu amor — profiro mesmo sabendo que ela está dormindo.

Sorrindo, beijo sua testa e pego uma poltrona para ficar ao seu lado.

Sem perceber, acabo pegando no sono e não sei por quanto tempo, mas quando acordo, Liz está alisando meu rosto.

— Oi — diz com um fio de voz e um pequeno sorriso em seu rosto.

— Oi, minha linda, que bom que já acordou.

— Eu preciso de água — diz com sua voz fraca.

— Tudo bem, vou chamar uma enfermeira para trazer, espere um minuto — peço e caminho até a porta.

Uma enfermeira passa pelo corredor e a chamo. Ela me informa que já volta com a água e com o doutor, no caso, Tony, para verificar como Liz está.

— Pronto, meu amor, a enfermeira vai trazer sua água em alguns minutos. Agora me diz, está sentindo alguma dor? — questiono quando novamente estou ao seu lado.

— Meu peito dói um pouco.

— Tony daqui a pouco aparece por aqui, ele saberá o que fazer — comento.

— Depois que eu apaguei, o que aconteceu? — Quer saber.

— Linda, depois conversamos sobre isso, pode ser? Agora só quero um pouco de paz. Sabe, achei que fosse te perder e isso me deixou completamente quebrado.

— Tudo bem. — diz com um pequeno sorriso.

Chego mais perto de seu rosto e lhe dou um beijo. É tão bom senti-la novamente. Sorrio entre seus lábios. Volto a me sentar e acaricio seu rosto, fazendo Liz fechar seus olhos, sorrindo.

— Eu te amo — murmuro.

— Eu também te amo — responde, ainda sorrindo.

— Sabe, eu agradeço tanto a Deus por sua vida, por estarmos juntos. Parece até um sonho do qual não quero acordar jamais. O pesadelo acabou e agora só teremos dias felizes. Pode ser cedo, mas para que adiar o inevitável? Liz, esses dias longe de você me mostraram o quanto estou dependente de você e o quanto eu te amo. Quero que você seja minha para sempre, assim como sou seu desde a primeira vez em que nos vimos — profiro segurando em suas mãos.

Liz me olha atentamente, sem dizer uma só palavra, mas percebo sua curiosidade em saber o que vou dizer.

— Liz, cas... — Não consigo terminar, pois a batida na porta nos interrompe. — Entre — peço bufando, frustrado por não conseguir terminar nossa conversa. Vou precisar adiar o pedido, mas, pensando bem, é até melhor. Assim posso preparar algo mais elaborado.

Assim que a porta é aberta, a enfermeira entra, seguida por Tony, meus pais e Phil. Minha mãe, assim que entra, é a primeira a se pronunciar:

— Eu não acredito que minha nora é a doutora Lizzie e o meu filho ingrato não me avisou — protesta. Eu já avisei que ela é dramática às vezes? Se eu não avisei, vocês podem perceber nesse exato momento.

Liz sorri tímida e, antes que minha mãe fale mais alguma coisa, intervenho.

— Dona Margareth, para de ser dramática. Eu queria apresentá-las no almoço em que eu faria em casa — comento e não digo mais nenhuma palavra.

— Como é que minha paciente linda está? — Tony pergunta depois do meu comentário e, antes que Liz responda, Phil se mete na conversa.

— Benjamin Campbell, você ouviu isso? Vai deixar que ele chame sua garota de linda? Se fosse eu, você já estaria xingando, como fez quando eu só a chamei de Liz — exclama e eu reviro os olhos.

— Ei, eu cheguei primeiro que ele, tenho esse direito — Tony protesta.

— Primeiro, Philips, cala a boca, vai. Você fica mais legal de boca fechada. E segundo, eles são amigos — pontuo.

— Será que agora eu posso beber minha água? — Liz pergunta impaciente.

Só agora percebo que a enfermeira parou para prestar a atenção em nossa pequena discussão e não deu a água dela.

— Oh! Perdoe-me, doutora — diz meio envergonhada.

Depois de beber a água, Liz volta a falar:

— Respondendo sua pergunta, Tony, estou bem. Só estou com um pouco

de dor em meu peito — diz.

— Isso é normal, conforme os medicamentos forem agindo, a dor vai diminuir aos poucos — explica.

— Phil, antes que eu me esqueça de te dizer, meu coração só tem lugar para o Ben. Tony é como um irmão — Liz diz sorrindo.

— Own, que amor, coraçãozinho para vocês dois. — Phil, debochado do jeito que é, faz um formato de coração com suas mãos, arrancando gargalhadas de todos do quarto.

— Eu não te disse, Tony, que Phil era um palhaço?! — comento entre risos.

— Então quer dizer que você fala muito de mim, meu caro Benjamin? Eu sabia que você me amava, mas não tanto assim, a ponto de me colocar em suas conversas alheias. Vem, vamos fugir, ainda dá tempo — diz. Não sei como fui arrumar um amigo tão idiota assim.

— Sem comentários para você, babaca.

Entre uma risada e outra, a porta é aberta bruscamente por uma Stella desesperada com seu marido atrás.

— Meu amor, como você está? Viemos o mais rápido possível. Como isso foi acontecer, filha? — pergunta chorando.

E os minutos seguintes são de meias-explicações e apresentações. Os pais de Liz dizem que algum funcionário do hospital havia os ligado, comunicando o que aconteceu, já que eles são o contato de emergência da filha. Na hora que Tony ligou para eles, já estavam saindo do aeroporto, aqui no Canadá. A movimentação logo acaba, com Tony avisando que Liz precisa descansar e pedindo para sairmos.

Eu também tenho que sair, mesmo não querendo, mas prometo voltar. Minha mãe me obriga ir para casa, porque preciso de um descanso. Quando chego em casa, alguns minutos depois, converso com Carola e explico todo o ocorrido. Ela, assim como minha mãe, agradece a Deus por nada ter acontecido comigo e por Liz estar fora de perigo.

Falando em Liz, assim que ela sair do hospital, farei com que ela fique aqui em casa. Assim ela conhece Carola e eu posso fazer a surpresa que tanto quero fazer.

Antes de dormir, peço para Carola fazer uma lista de coisas necessárias para um almoço e pedir para que um dos seguranças ou Osvald compre.

Tomo um banho e, assim que meu corpo cai sobre a cama, eu apago

totalmente. Realmente estava cansado.

Capítulo 31 parte 2

Benjamin

Uma semana depois...

Liz saiu do hospital há dois dias. Como eu precisava ver algumas coisas pendentes no escritório, ela ficou em sua casa, aos cuidados de sua mãe, mas assim que eu sair daqui, vou levá-la em minha casa.

Aproveitei para me comunicar com dona Christine sobre a prisão de Eric e tranquilizei-a quanto a permanência dele lá. Ela se emocionou muito e me agradeceu pela boa notícia.

Os pais de Liz voltarão para Nova Iorque daqui a uns dias e ficarão tempo o suficiente para que possam participar do almoço de domingo.

Assim que eu termino, não demoro a sair do prédio em que fica meu escritório. Aviso Brienne que só voltarei na segunda-feira, para que anote os recados de amanhã. Sei que não precisa pedir para anotar, ela sempre o faz. Entro no elevador e desço até o estacionamento, entro em meu carro e dirijo até o apartamento de Liz. O trânsito está tranquilo, então não demora muito para que eu chegue.

Cumprimento o porteiro, que me deu a informação sobre Liz ter saído com Eric daqui. Antes que eu vá até o elevador, o agradeço e comento sobre o que aconteceu, claro que não detalhadamente. Até lhe informo sobre a atitude do outro porteiro. É claro que eu não quero o fazer perder o emprego, afinal ele deve ter família, mas ele precisa ficar mais atento ao deixar estranhos entrarem sem autorização do morador.

Depois disso, espero pelo elevador e subo até o apartamento.

Ficar em frente à porta do apartamento onde Eric estava vivendo me traz a péssima lembrança do nosso confronto e sua ameaça, mas trato logo de espantá-la e aperto a campainha.

— Olá, Ben, entre. Liz só está terminando de se arrumar — diz Stella.

— Olá, Stella — cumprimento. — Tudo bem, eu espero. Stella, quero fazer um convite para que você e Charlie compareçam no almoço no domingo em casa.

— Claro, nós iremos com o maior prazer — responde animada.

— Não precisa se preocupar em como chegar lá, eu peço para que meu motorista busque vocês dois — tranquilizo-a.

— Tudo bem, querido, estaremos lá.

Liz aparece na sala com um vestido florido e seus cabelos presos. Ela está linda. Em suas mãos, carrega uma bolsa grande, provavelmente com algumas trocas de roupas.

— O que vocês estão conversando, hein, posso saber? — pergunta e depois me dá um beijo.

— Eu estava falando sobre o almoço de domingo — respondo.

— Ai meu Deus, eu me esqueci completamente de falar sobre isso, me desculpe, mãe. — Com uma mão em sua testa, Liz se desculpa.

— Tudo bem, querida. Deve ter sido a ansiedade — Stella a confortou.

— Vamos? — pergunto.

— Vamos. — responde sorrindo.

— Tchau, Stella, até domingo — murmuro.

— Tchau,, mãe, mande um beijo para o meu pai — diz.

— Tchau, meus amores. Ben, cuide da minha princesa — pede, beijando o rosto de Liz.

— Não se preocupe, ela estará em boas mãos.

Liz revira os olhos e sorri. Ao sair, descemos pelo elevador até o meu carro. Como sempre faço quando tenho oportunidade, abro a porta para que Liz entre e ela, com um sorriso, assim faz.

Minutos depois, estaciono meu carro na garagem e, assim que saímos do carro, Osvald aparece em meu campo de visão. Aproveito para apresentar Liz e logo estramos em casa. Caminho segurando sua mão até a cozinha, a fim de encontrar Carola.

Assim que entramos em casa, procurei por Carola, para apresentar Liz. Minha governanta fica bem emocionada ao vê-la e agradece por Liz ter aparecido em minha vida. As duas entram em uma conversa e resolvo ir até meu quarto tomar um banho. Estou exausto pelo dia de hoje.

Mais tarde, aproveito, depois do jantar, para assistir um filme com Liz. Ficamos deitados em minha cama, assistindo e comendo pipoca. Até que o filme acaba e podemos matar a saudade um do outro com uma noite de amor.



O almoço de domingo chega e com ele a minha surpresa para Liz.

Posso dizer que é um dos melhores dias da minha vida. Estar com pessoas queridas é a melhor coisa. Não me lembro de passar um domingo tão bom quanto esse; meus domingos eram sempre os mesmos, trabalhando e trabalhando.

A casa ficou cheia de pessoas, coisa que nunca acontecia. Chamei Tony, sua namorada Haylie, Phil — é claro — e Melanie, sua mais nova namorada; meus pais, é claro, e os pais de Liz. Dá para imaginar a bagunça e os risos a tarde inteira? Não preciso nem citar os nomes que nos causaram até dor na barriga de tanto rir, não é mesmo?

Antes dos meus sogros irem para o apartamento de Liz, tenho uma conversa com eles e explico o que eu farei na noite deste mesmo dia. Até falo que tinha feito antes, mas sem sucesso, pela intervenção no quarto do hospital. Os dois ficam felizes. Charlie me diz que eu tenho seu total apoio para tal coisa, ele sabe o quanto eu amo Liz e só quer vê-la feliz. Fico feliz pela mudança na relação, tanto do casal, quanto de pais para a filha. Agora, depois de tantas conturbações, merecemos nossos dias felizes.

Começo a preparar os últimos detalhes em meu quarto enquanto Liz conversa com Carola, que ficou encarregada de distraí-la.

— Liz — chamo depois de terminar.

Ela aparece no começo da escada, com seu lindo sorriso.

— Preciso que venha até o quarto — peço e volto para o mesmo.

Assim que ela entra no cômodo, seus olhos se arregalam.

— Meu Deus, que lindo meu amor — profere ao se surpreender com o modo em que o quarto está.

Joguei pétalas de rosa em cima da cama. Clichê? Eu sei, mas toda mulher gosta. No chão, algumas velas para iluminar o lugar. Precisei apagar a luz para que ficasse ainda melhor.

— No hospital, antes de sermos interrompidos, eu pretendia lhe fazer um pedido e, como não foi possível concluí-lo, resolvi preparar todo esse cenário. Quero que saiba que eu te amo e espero que não tenha dúvidas quanto a isso. Como eu disse, você é a mulher com quem quero viver minha vida inteira, com quem eu quero formar uma família e a pessoa com quem eu quero acordar todos os dias ao lado — murmuro de frente para ela.

Liz me olha atentamente, seus olhos contêm algumas lágrimas e o sorriso permanece em seu rosto.

— Mas antes de tudo isso acontecer, preciso saber: Liz, você quer se casar comigo? — completo.

Neste momento, suas lágrimas são derramadas por tamanha emoção.

— Claro que eu aceito, meu amor — responde entre as lágrimas. — Confesso que aquele homem falou tantas coisas para mim, que agora não vêm ao caso, mas me deixou aflita e eu precisava de respostas. Mas depois do que aconteceu, do almoço que tivemos aqui e de agora, não preciso de resposta alguma. Eu quero viver com você para todo sempre — diz.

Não vou perguntar o que aquele desgraçado falou agora para não estragar o nosso momento, mas ainda quero saber qual foi a loucura da vez.

Pego a caixinha que estava em meu bolso e tiro a aliança que está nela. Que por sinal foi minha querida Carola quem ajudou a escolher.

— Faltou eu colocar isso aqui — murmuro sorrindo e pegando sua mão para colocar a aliança em seu dedo.

Depois disso, beijo sua boca com uma grande paixão, com amor e carinho.

— Eu te amo — diz assim que terminamos o beijo.

— Eu te amo, minha Linda Liz — murmuro.

Não preciso dizer que nossa noite é a melhor, não é mesmo? Nós nos amamos até o amanhecer. Com o meu coração pulando de alegria, espero pelo dia em que acordaremos juntos na mesma cama.

Capítulo 32

Lizzie

Ver Ben em minha frente me deixa aliviada por saber que enfim ele me encontrou, que tudo isso acabará. Meu corpo não aguenta permanecer em pé por mais tempo; pede por comida, água e descanso.

Ao ser jogada no chão por Eric, não tenho forças para reagir. Sinto os braços fortes de Ben me segurando e já não posso ouvir nada do que eles falam, meus ouvidos escutam apenas zumbidos. Tudo acontece tão rápido. Sinto algo entrar em meu peito e ouço única coisa que Ben diz:

— Liz, meu amor, aguenta firme. Nós vamos sair daqui.

Eu jamais pensei que sentiria tamanha dor, meu peito queima e estou começando a perder os sentidos.

— Sinto muito, meu amor. — É só o que penso, porque nada sai de minha boca.

Meu corpo vai ficando leve e a escuridão me toma.

O lugar onde estou é tão lindo. Vejo um jardim bonito, cheio de flores. Eu gostaria de viver aqui, é o paraíso.

Olho em volta e eu estou sozinha nesse lugar maravilhoso. Vejo ao longe uma luz brilhante, é impossível descrever tamanha beleza. Quero ir até lá e é o que eu faço.

Caminho entre as flores e sigo a luz.

Ela parece fugir de mim, não consigo alcançá-la, está cada vez mais longe.

Ouço os pássaros cantarem, é uma linda melodia para os meus ouvidos. Sinto-me a Branca de Neve, na floresta, cheia de animais e pássaros cantando uma bela melodia e ela os acompanhando.

Sorrindo, continuo a caminhar até a luz, que agora parece ter parado de fugir de mim. Estou cada vez mais perto.

Posso sentir meus lábios se ampliarem ao alcançar a luz, minhas mãos tocam-na e a sensação é inexplicável.

E toda essa alegria dura pouco ao abrir meus olhos.

A claridade quase me cega e fecho meus olhos imediatamente.

Abro-os aos poucos até se acostumar com a luminosidade e, olhando ao redor, percebo que estou em um hospital. Ao meu lado, vejo Ben, que parece

estar em um sono tão profundo. Seu rosto está tão sereno e ao mesmo tempo cheio de dor. Sem esperar mais, passo minhas mãos, acariciando seu rosto, fazendo-o despertar de seu sono.

— Oi — digo em um fio de voz, abrindo um pequeno sorriso.

— Oi, minha linda. Que bom que já acordou — responde.

— Eu preciso de água — murmuro assim que sinto minha garganta arder.

— Tudo bem, vou chamar uma enfermeira para trazer, espere um minuto — pede e caminhou até a porta do quarto. — Pronto, meu amor, a enfermeira vai trazer sua água em alguns minutos. Agora me diz, está sentindo alguma dor? — pergunta e só então me dou conta da dor que apareceu em meu peito. É estranho, não estava sentindo nada até este momento.

— Meu peito dói um pouco. — Consigo dizer.

— Tony daqui a pouco aparece por aqui, ele saberá o que fazer — responde.

— Depois que eu apaguei, o que aconteceu? — pergunto quando a curiosidade aparece.

— Linda, depois conversamos sobre isso, pode ser? Agora só quero um pouco de paz. Sabe, achei que fosse te perder e isso me deixou completamente quebrado — confessa. Vejo seu semblante cheio de dor e cansaço.

— Tudo bem — profiro com um pequeno sorriso.

Ben chega um pouco mais perto de meu rosto e beija meus lábios. Senti saudades dos seus lábios grudados aos meus, pensei que não os sentiria mais. Ben sorri entre meus lábios e logo para de me beijar, sentando-se novamente na poltrona em que estava dormindo. Ele acaricia meu rosto, fazendo meus olhos se fecharem em satisfação, e eu sorrio.

— Eu te amo — declara.

— Eu também te amo — respondo, ainda com o sorriso estampado em meu rosto.

— Sabe, eu agradeço tanto a Deus por sua vida, por estarmos juntos, parece até um sonho do qual não quero acordar jamais. O pesadelo acabou e agora só teremos dias felizes. Pode ser cedo, mas para que adiar o inevitável? Liz esses dias longe de você me mostraram o quanto eu te amo. Quero que você seja minha para sempre, assim como sou seu desde a primeira vez em que nos vimos — diz, fazendo-me olhá-lo atentamente sem dizer uma só palavra. Mas confesso que estou curiosa para saber o que ele tem a me dizer e acho que ele percebe.

— Liz, cas... — Ele não termina de dizer, a batida na porta o interrompe e posso jurar que seria um pedido de casamento. Posso até estar enganada, mas foi o que pareceu. — Entre — diz bufando e eu sorrio de lado.

A porta é aberta. A enfermeira entra, junto com Tony, meus sogros e provavelmente Phil, o amigo do Ben. Lembro-me de tê-lo visto aqui no hospital, quando Ben estava internado. E como um estalo, percebo que estou no hospital em que eu trabalho. De todos que entraram, Margareth é a primeira a falar.

— Eu não acredito que minha nora é a doutora Lizzie e o meu filho ingrato não me avisou — protesta.

Fico envergonhada. Nós ainda não tínhamos nos visto depois que eu comecei a namorar com Ben. Sorrio timidamente e, antes de abrir minha boca, Ben volta a falar.

— Dona Margareth, para de ser dramática. Eu queria apresentá-las no almoço que eu faria em casa.

Eu não estava sabendo desse almoço, mas tudo bem, como poderíamos nos comunicar com todos os acontecimentos?!

— Como minha paciente linda está? — Tony pergunta.

Quando vou abrir minha boca, Phil intervém.

— Benjamin Campbell, você ouviu isso? Vai deixar que ele chame sua garota de linda? Se fosse eu, você já estaria xingando, como fez quando eu só a chamei de Liz — comenta, fazendo Ben revirar os olhos.

— Ei, eu cheguei primeiro que ele, tenho esse direito — Tony protesta.

— Primeiro, Philips, cala a boca, vai. Você fica mais legal de boca fechada. Segundo, eles são amigos.

Eu não preciso nem dizer que achei fofo da parte dele, mas estou com a garganta ardendo e a enfermeira Janine desde que chegou não entregou minha água. Seus olhos passam de Ben para Phil e sempre se prendem ao Ben novamente. Mas agora não é hora para ciúmes, preciso aliviar minha garganta.

— Será que agora eu posso beber minha água? — pergunto impaciente.

— Oh! Perdoe-me, doutora — pede envergonhada e eu quase deixo meus olhos se revirarem. Mas me controlo.

Depois de beber a água e sentir a dor diminuir e minha voz ficar um pouco mais alta, volto a falar.

— Respondendo sua pergunta, Tony, estou bem, só estou com um pouco de dor no peito — comento.

— Isso é normal, conforme os medicamentos forem agindo a dor vai diminuir aos poucos — explica

— Phil, antes que eu me esqueça de te dizer, meu coração só tem lugar para o Ben. Tony é como um irmão para mim — digo, olhando-o e sorrindo.

— Own, que amor, coraçãozinho para vocês dois — diz fazendo um coração com suas mãos e arrancando gargalhadas de todos nós que estamos no quarto.

— Eu não te disse, Tony, que Phil era um palhaço?! — Ben comenta entre risos.

— Então quer dizer que você fala muito de mim, meu caro Benjamin? Eu sabia que você me amava, mas não tanto assim, ao ponto de me colocar em suas conversas alheias. Vem, vamos fugir, ainda dá tempo — Phil exclama.

— Sem comentários para você, babaca — retruca Ben.

Entre nossas risadas, a porta é aberta bruscamente por minha mãe desesperada e meu pai em seu encalço.

— Meu amor, como está? Viemos o mais rápido possível, assim que recebemos a ligação de Tony. Como isso foi acontecer, filha? — pergunta chorando.

E os minutos seguintes são de meias-explicações e apresentações, entre meus pais, meus sogros e Phil, mas não dura muito, Tony nos interrompe, avisando que eu preciso descansar, e pede para que todos saiam do quarto. Ben também tem que ir, sua mãe o faz descansar e isso eu concordo; ele também precisa de descanso.

Assim, todos saem, deixando somente Tony e a enfermeira, que não demora a sair, assim que aplicou o remédio no soro. Antes de pegar no sono, consigo dizer a Tony:

— Obrigado por tudo, meu irmão. — Sorrio e o sono vai me levando aos poucos.



Uma semana depois...

Fazem exatamente dois dias que estou em casa. Meus pais estão aqui e minha mãe não tem me largado por nenhum segundo. Assim que cheguei em casa, estava tudo limpo e arrumado, provavelmente ela quem fez tudo. Estou feliz por tê-los aqui novamente, mesmo que por pouco tempo.

Hoje Ben ficou de me pegar aqui e, nesse exato momento, estou me arrumando. Eu estava com tantas saudades dele, vai ser bom ficarmos juntos.

Depois de tomar um banho, coloco um vestido florido, passo uma maquiagem leve e prendo os meus cabelos. Antes de me arrumar, pego algumas mudas de roupas e as coloco em uma bolsa.

Assim que estou pronta, caminho até a sala e me deparo com Ben e minha mãe conversando.

— O que vocês estão conversando, hein, posso saber? — pergunto sorrindo e logo em seguida beijo meu namorado, cumprimentando-o.

— Eu estava falando sobre o almoço de domingo — responde Ben.

— Ai meu Deus, esqueci completamente de falar sobre isso, me desculpe, mãe. — Bato a mão em minha testa.

Eu e Ben só conversamos por mensagens nesses dois dias, porque ele precisava resolver coisas do trabalho, então não pôde vir aqui. Acabei esquecendo de avisar meus pais assim que ele marcou o almoço.

— Tudo bem, querida, deve ter sido a ansiedade — diz minha mãe, sorrindo.

— Vamos? — pergunta Ben.

— Vamos — respondo sorrindo.

— Tchau, Stella, até domingo — Ben se despede de minha mãe.

— Tchau, mãe, mande um beijo para o meu pai — peço.

Meu pai precisou ir ao mercado — novidade — comprar algumas coisas.

— Tchau, meus amores. Ben, cuide da minha princesa — Dona Stella diz, dando-me um beijo no rosto.

— Não se preocupe, ela estará em boas mãos — responde.

Eu reviro os olhos e sorrio para o comentário que minha mãe fez. Depois de sairmos do apartamento, pegamos o elevador e descemos para a entrada do prédio até o carro. Falando em carro, o meu voltou para a minha garagem depois que tudo foi resolvido. Ben abre a porta para que eu entre e, sorrindo, me acomodo no banco do passageiro.

Alguns minutos na estrada depois, estamos no estacionamento da casa dele, que por sinal é muito linda, tem um jardim com algumas flores. Sou apresentada para o motorista e em seguida entramos na casa. A sala é bem espaçosa e as paredes são em um tom na cor areia. O sofá é grande e branco, com uma mesinha de centro na cor tabaco. Não observo muito o restante do local, pois Ben pega em minhas mãos e me leva até a cozinha.

Ele me apresenta Carola, sua governanta e segunda mãe. Ela é um amor de pessoa, se emociona ao me ver e me agradece por ter entrado na vida de Benjamin. Nós começamos a conversar e Ben sai para tomar um banho.

Carola me conta sobre o tempo em que está trabalhando aqui, sobre sua vida, até se desculpa por achar que estava falando demais, mas trato de lhe dizer para que não se preocupe e que eu não ligo em saber mais sobre ela. Também falo sobre mim, sobre minha profissão e o quanto tenho que ser forte em uma sala de cirurgia.

Mais tarde, depois que jantamos, Ben me chama para assistirmos filme. Ficamos agarrados em sua cama, que por sinal é bem grande, assistindo filme e comendo pipoca. Quando o filme acaba, nós matamos a saudade que estávamos um do outro e temos mais uma vez nossa noite de amor.



Domingo chegou e, junto com ele, o tão esperado almoço.

E foi maravilhoso. Rimos demais com as palhaçadas de Phil e Tony. Eles trouxeram suas namoradas, então a casa ficou bem cheia. Eu nunca me diverti em um almoço quanto eu me diverti nesse, foram risos a tarde toda, até o momento em que precisaram ir embora, ficando meus pais, que estão conversando com Ben. O que, eu não faço a mínima ideia, mas enquanto isso, converso com Carola.

Alguns minutos depois, meus pais se despedem de mim e vão para o meu apartamento.

Ouçô a voz de Ben me chamando.

— Liz. — Ele está no topo da escada e, assim que o vejo, sorrio. — Preciso que venha até o quarto — pede e some do meu campo de visão.

Subo as escadas e, ao chegar no quarto, meus olhos se arregalam imediatamente diante a cena à minha frente.

— Meu Deus, que lindo, meu amor. — Essas são as únicas palavras que consigo proferir.

O quarto tem pouca iluminação, pelas velas acesas, e na cama há pétalas de rosas, juntamente com o chão.

— No hospital, antes de sermos interrompidos, eu pretendia lhe fazer um pedido. — Foi o que eu imaginei. — E, como não foi possível concluí-lo, resolvi preparar todo esse cenário. Quero que saiba que eu te amo e espero que não tenha dúvidas quanto a isso.

Rapidamente me lembro das palavras que Eric me disse sobre Ben amar sua ex namorada e só me comprova ainda mais que eu não deveria ter dado ouvidos para aquele psicopata.

— Como eu disse, você é a mulher com quem eu quero viver minha vida inteira, com quem eu quero formar uma família e a pessoa com quem eu quero acordar ao lado todos os dias — diz de frente para mim.

Meus olhos já estão cheios de lágrimas ao ouvir suas palavras e o sorriso continua em meus lábios.

— Mas antes de tudo isso acontecer — continua —, eu preciso saber: Liz, você quer casar comigo?

E, nesse momento, as lágrimas escorrem por meu rosto, transbordando emoção.

— Claro que eu aceito, meu amor — respondo em meio às lágrimas. — Confesso que aquele homem falou tantas coisas para mim, que agora não vêm ao caso, mas me deixou aflita e eu precisava de respostas. Mas, depois do que aconteceu, do almoço que tivemos aqui e de agora, eu não preciso de resposta alguma. Eu quero viver com você para todo sempre.

Ben não pergunta nada sobre o que Eric falou e então tira uma caixinha de seu bolso.

— Faltou colocar isso aqui — diz sorrindo e pegando em minha mão, deslizando uma linda aliança em meu dedo anelar.

Um beijo é depositado em minha boca, logo após a aliança ter sido colocada, e nele tem amor, paixão e carinho.

— Eu te amo — murmuro depois de terminarmos o beijo.

— Eu te amo, minha Linda Liz.

Sorrindo, caminhamos até a cama e lá nos amamos até o amanhecer. Minha noite não poderia ter sido melhor que essa, com um pedido lindo de casamento e passar a noite toda com o homem que amo. Não vejo a hora de vivermos juntos até os nossos últimos dias de vida.

Bônus Extra

Tony

Minha escolha sobre qual profissão seguir veio quando eu tinha dezesseis anos. Foi um pouco tarde, mas precisei pensar muito. Quis seguir os passos de meu avô, que sempre foi meu maior exemplo de vida.

Fui criado por ele e minha avó. Os dois foram os pais que eu não tive, porque os de sangue mesmo não se importaram em seguir a vida deles viajando pelo mundo. Para eles, fui um erro. Quer dizer, não só eu como meus outros dois irmãos mais velhos, que também foram criados pelos meus avós.

Só não entendo por que tiveram filhos se a intenção deles era viajar mundo afora.

Mas nada disso importa agora. Eles não me fazem falta, o amor que eles podiam dar foram os que me criaram que fizeram. Eu os amo ainda mais por saber o quanto se importam comigo e por eles eu sou capaz de tudo.

Eu nunca fui de falar muito da minha vida para os outros. Liz e Haylie são as únicas que conhecem minha história, porque era impossível deixá-las sem saber.

Desde que eu e Liz nos conhecemos no hospital, senti um grande amor por ela, mas não um amor entre um homem e uma mulher, e sim um amor fraternal. Agradeço a Deus, por tê-la me dado como uma irmã mais nova que eu não tive.

Liz sempre me ajudou em tudo e eu sempre busquei ajudá-la quando precisava. Serei eternamente grato por ela ter me ajudado com Haylie, a mulher que se tornou o amor da minha vida, com quem pretendo viver até os meus últimos dias.

No hospital, sempre temos que estar preparados para qualquer emergência, como agora. Vejo um amontoado de pessoas, um homem gritando por ajuda e eu me aproximo para saber do que se trata.

— Ben, o que faz aqui? — pergunto, curioso, ao vê-lo aqui no hospital.

Sua aparência está detonada.

— Tony, salve a minha garota — implora sem responder minha pergunta e só então posso ver Liz nos braços de um homem loiro que está ao seu lado.

Entro em desespero, uma dor se instala em meu peito e, sem perder tempo, saio correndo, chamando por alguns enfermeiros para levarem-na para a sala de cirurgia. Eu jamais imaginei que passaria por essa situação, ver minha

pequena irmã praticamente morta. Preciso criar forças de onde não tinha para atender ao pedido de Benjamin e salvar nossa menina.

Faço todos os procedimentos de higienização e começo a cirurgia. Minhas mãos começam a tremer no momento em que eu tiro o projétil instalado em seu peito. Respiro fundo, tentando manter a calma. Não posso me deixar levar pelo medo, a vida de Liz depende de mim nesse momento e uma falha minha pode fazer tudo acabar. Jamais me perdoarei se algo de errado acontecer com minha irmãzinha.

— Doutor Cleveland, o senhor precisa se acalmar ou algo de errado pode acontecer — diz uma das enfermeiras que me ajuda. Quase me permito revirar os olhos. Ela acha que eu não sei que eu preciso me acalmar? Acha que é fácil trabalhar sob pressão? Com medo de fazer errado e matar uma pessoa que eu considero minha família? Não é nada fácil.

Aposto que se meu chefe estivesse aqui faria com que eu saísse dessa sala, porque somos proibidos de fazer cirurgias em pacientes da família ou próximo de nós.

As horas passam e a dificuldade é maior ainda, estou ficando cada vez mais desesperado. Quando enfim consigo retirar o projétil da bala, me sinto aliviado e os minutos seguintes são usados para suturar o corte que precisou ser feito.

Eu não estava preparado para o que estava por vir e, quando ouço o bip da máquina soando pelo local, meu corpo gela imediatamente. Uma parada cardíaca é o que aconteceu.

— Desfibrilador — grito.

Sou atendido imediatamente.

— Trezentos Joules — peço. — Afastem-se.

Coloco o aparelho no peito de Liz, fazendo seu tronco subir, mas nada acontece.

— Mais trezentos, anda, estamos perdendo-a — grito.

E novamente faço o mesmo processo, sem obter sucesso.

— Trezentos e sessenta — grito uma voltagem maior.

Para minha alegria, Liz volta.

Depois do grande susto, mando que a levem para o quarto e vou me acalmar antes de dar notícias para os dois que estão na recepção. Permito-me chorar quando estou no banheiro. Só espero não passar por mais nenhuma

situação tão dolorida como essa. Lavo meu rosto, para que não saibam que eu estava chorando, e em seguida ajoelho-me aqui mesmo, no chão do banheiro.

— Obrigado, Deus, por não a levar agora — sussurro com o rosto levantado para cima.

Depois disso, saio em direção à recepção. Ben com certeza está desesperado e eu preciso confortá-lo com minhas palavras. No caminho, me encontro com Haylie; precisava mesmo de um abraço dela.

— Oi, meu amor, como você está? — pergunta sussurrando. A essa altura do campeonato ela já deve ter ficado sabendo sobre Liz.

Não lhe respondo nada, me jogo em seus braços em um abraço apertado.

— Ei, calma, vai ficar tudo bem agora — diz, passando as mãos em meus cabelos.

Seguro-me ao máximo para não me desmanchar em lágrimas novamente, ainda mais que estamos no corredor.

— Nós quase a perdemos. — Consigo falar por fim.

— Tony, ela é uma tremenda guerreira e você um bom cirurgião. Já passou, não se martirize tanto, meu amor. Agora vem aqui — fala, puxando-me para uma sala escura.

Um pequeno sorriso abre em meus lábios. Sei que é loucura, estamos no ambiente de trabalho, mas que mal tem nos beijarmos só um pouquinho? Pego-a em meus braços, puxando-a para mais perto e, com uma de minhas mãos, seguro em sua nuca e beijo seus lábios. Nosso beijo é cheio de adrenalina, amor, paixão e muito mais sentimentos.

— Eu preciso ir falar com Benjamin, o coitado deve estar doido esperando por notícias — profiro assim que desgrudo meus lábios dos seus.

— Tudo bem, vai lá. Continuamos lá em casa — responde sorrindo.

Ah, como eu amo essa minha loirinha.

Sorrindo, saio da sala e caminho até a recepção antes que Benjamin enlouqueça. Eu não sou um irresponsável, só sou um homem apaixonado e não é sempre que eu e a loirinha damos essas escapadas. Só espero que o Benjamin não me mate. Se bem que eu não sou doido de falar para ele. Volto minha postura séria e sigo em frente.

Bônus Extra

Eric

Eu não sei há quanto tempo estou aqui, mas o que eu sei é que está sendo um inferno esse lugar. Não sei por que me trouxeram para cá, me enganaram direitinho. O pior de tudo é ouvir o choro do Benjamin o tempo inteiro, e Bianca não faz absolutamente nada, aquela infeliz.

Mentiu para mim, mais uma vez. Não deveria ter acreditado em suas palavras, mas fui um tolo achando que íamos ser felizes, que nos casaríamos, mas não. Ela fugiu com o meu médico, deixando nosso filho aos meus cuidados. Por que ela fez isso comigo? O que eu fiz para ela? A única coisa que eu fiz foi amá-la e lhe dar um filho.

Todos os dias vem homens e me levam para o jardim, onde têm várias pessoas tomando sol. Um bando de loucos. Quando eu sair desse lugar, vou matar todas essas pessoas.

Eles me aplicam remédios, me prendem em uma camisa de força. Eu não tolero esse tipo de coisa não, aposto que aquele médico filho da puta quem manda fazer isso. Além de me roubar Bianca, ainda tem a cara de pau de me fazer passar por essas coisas. Mas deixa, o que é dele está guardado. Na melhor hora, eu mato aquele desgraçado.

— Está na hora do seu passeio no jardim — diz o idiota do enfermeiro, fazendo-me revirar os olhos.

Minha vontade é de mandar esse imprestável ir à merda, mas como eu não estou afim de entrar naquela camisa de força, vou tentar deixar passar. Se ele pensa que vou esquecer isso, está totalmente enganado. Se tem uma coisa que eu sou, é rancoroso, e vou me lembrar do que ele está fazendo comigo. Sem respondê-lo e a contragosto, caminho em direção à porta.

No corredor, há enfermeiros e pacientes transitando para lá e para cá. E, chegando no jardim, há também uma grande quantidade de pessoas. Vejo um louco fazendo um círculo pelo gramado e puxando os cabelos. Uma enfermeira tenta o impedir tal ato. Outros estão gritando e, um pouco mais à frente, duas mulheres brigam por uma simples boneca. Não entendo o porquê, é só um brinquedo qualquer. Esses são os motivos pelos quais eu odeio esse lugar, e odeio ainda mais ter que ficar nesse jardim com esse bando pessoas descontroladas e loucas.

Lembro-me que deixamos o meu filho no quarto em que eu fico e me pronuncio.

— Benjamin ficou no quarto e quando perceber que está sozinho, fará um escândalo, acho melhor voltarmos lá para buscá-lo — digo.

O enfermeiro me olha indiferente, fazendo meu sangue ferver e meus punhos cerraram de nervoso. Quando estou prestes a pular em seu pescoço, ele intervém.

— Se eu fosse você, não faria isso, a não ser que queira ser castigado. Quanto ao seu filho, ele não existe, isso é tudo fruto de sua imaginação doentia. — dispara entredentes.

Meu maxilar trava em nervosismo e a única coisa que tenho vontade é de matar esse filho da puta por dizer que meu filho não é real. Ele nem ao menos sabe o que está dizendo, imbecil.

Caminho para longe dele, mas o infeliz vem em meu encalço. O que só provoca ainda mais a minha ira. Estou pouco me fodendo para as regras desse lugar, em que esses loucos precisam ser acompanhados por um enfermeiro. Eu não me importo, porque eu não sou como eles.

Ah, como eu queria minha bebezinha aqui, Taurus 24/7 ou qualquer uma das armas que eu possuo. Eu ia meter uma bala na testa desse filho da puta e já aproveitava para fazer o serviço completo: mataria o restante desse bando de problemáticos. Faria um grande favor para eles, afinal não servem para mais nada, com essa loucura deles. Duvido muito que um dia algum deles saia curado desse lugar.

— Eric, você tem visita. — O enfermeiro me tira dos meus devaneios.

Fico surpreso, afinal, desde que eu entrei nesse lugar, não tive nenhuma visita, exceto da cadela da Bianca. Não sei dizer os dias de visita, alguns dos loucos recebem algumas pessoas quando estamos aqui no jardim, mas eu mal percebo de quem se trata, se são realmente visitantes ou enfermeiros. O enfermeiro se distancia e posso ver a velha que se diz minha mãe em minha frente, junto com o marido dela.

— Oi filho, como você está? — pergunta em um tom choroso.

Eu quase rio da cara dela. Acha que esse teatro dela vai me atingir em alguma coisa. Desde que me enfiaram nesse hospital, nunca nenhum dos dois veio me ver, me tirar daqui. Agora ela acha que eu vou acreditar nesse falso choro? Jamais. Vou colocar essa mulher no lugar dela agora mesmo.

— Essa sua falsa importância não me comove, velha. Não sei nem o que você veio fazer aqui. Veio ver o Benjamin? Pois bem, saiba que meu filho jamais ficará perto de vocês dois, que para mim são meros estranhos — digo

entredentes.

— Fale direito com sua mãe, seu moleque — o velho diz, exaltando-se.

Rio, debochando. Coitado, acha que eu sou criança ainda. Talvez ele precise ficar aqui junto com essas pessoas loucas, porque ele não está batendo bem da cabeça. Deve ser a idade, o velho já está caducando.

— Eu falo do jeito que eu quero e é assim que ela merece ser tratada. E não me trate como um adolescente, já sou dono do meu próprio nariz.

— Eu não disse, mulher? Não deveríamos vir até aqui. Eric nunca vai mudar — vocifera.

A mulher chora ao ouvir as palavras do marido. Lágrimas de crocodilo, esses dois acha que me enganam.

— Isso mesmo, voltem para a casinha de vocês e aproveitem pelo tempo que eu estou aqui, porque assim que eu sair desse inferno de lugar, vou atrás dos dois. E quando isso acontecer, vocês vão virar dois defuntos — comento em um tom baixo, como se fosse um segredo nosso.

Recebo olhares de pavor e indignação dos dois. A mulher demonstra em seus olhos tristeza, já o homem tem uma mistura de decepção e raiva.

— Vocês já podem ir embora, não preciso de vocês para nada, não sei nem por que vieram agora. Já que estou nesse lugar há tempos e ninguém veio me ver — grito.

— Vamos — o homem fala para a esposa.

Ela me encara com seus olhos transbordando em lágrimas e segue o marido, que a segura pela cintura.

— MALDITOS — grito.

Antes que eu possa ir atrás dos dois, o enfermeiro aparece ao meu lado.

— Vamos, acabou seu tempo aqui no jardim. Você poderia ter ficado o mesmo tempo que os outros, mas resolveu criar asas. Só por isso, vou aplicar ainda mais a dose do seu remédio. Quem sabe assim você fique quieto — comento, pegando em meus braços e me arrastando para o quarto.

O infeliz não só me dá calmante, como me amarra sobre a cama. Tenho vontade de gritar, xingá-lo, mas nada sai da minha boca. Esse remédio me deixa com o corpo leve e, aos poucos, o sono me atinge.

Só espero que esse tormento acabe logo, já não aguento mais viver com esses remédios para me controlar.

Eu não preciso de controle.

Eu só quero matar o Benjamin, como sempre quis.

Epílogo

Lizzie

Dois anos depois...

Lembrar do sequestro me deixa totalmente deprimida, mas quando me lembro que Eric está pagando pelo que fez, me conforta. Por falar nele, na semana seguinte em que eu tive alta no hospital, soubemos que foi transferido para um hospital psiquiátrico e sua situação não é nada boa. Parece que está cada dia pior e provavelmente morrerá dentro daquele lugar.

Mas, mudando de assunto, vamos falar do meu maravilhoso casamento, que aconteceu cinco meses depois do pedido. Foi uma cerimônia linda. Eu e Ben escolhemos ao ar livre; a decoração era simples, mas linda. Não foi nada exagerado, chamamos nossos amigos para serem nossos padrinhos, o que era bem óbvio acontecer. Assim que voltamos de lua de mel, que por sinal foi na Grécia, eu me mudei para a casa dele.

Ele foi um amor em dizer que ficaria em meu apartamento, mas eu pensei que no futuro meu apartamento seria pequeno quando tivéssemos nossos filhos e, com muita dor no coração por ter deixado minha primeira conquista desde que vim morar aqui, eu o vendi. Mas não me arrependo em nenhum momento das minhas escolhas.

Meus pais e Florinha todos os finais de semana aparecem aqui junto com meus sogros — que por sinal são uns amores comigo, acolheram-me na família como uma filha que nunca tiveram — e nossos amigos para o almoço, que até se tornou uma regra aqui em casa.

Eu, Tony e Haylie sempre trocamos nossas escalas para podermos ficar todos juntos.

Hoje, teremos mais um almoço, mas esse será mais especial. Eu e Ben estamos completando dois anos juntos, e um ano e cinco meses casados.

— Bom dia, meu amor — murmuro meio sonolenta para o meu lindo marido que vigia meu sono.

— Bom dia, minha princesa — diz sorrindo e me beijando.

— Preciso de um banho, ainda tenho que ajudar a Carola com algumas coisas. Você me acompanha? — Sorrio.

— Vamos — responde com um grande sorriso.



— Bom dia, Carola — cumprimento-a com um beijo no rosto assim que chego na cozinha.

— Bom dia, minha filha. E meu menino, ainda está dormindo? — pergunta sobre Ben.

— Não, está acordado, mas resolveu revisar alguns papéis e ficou no quarto — respondo.

— Então senta aqui e toma o seu café, você anda meio pálida — diz.

— Tudo bem, mas depois vamos ver o que será o almoço.

Os minutos se passam e, depois de Carola, Leda, a empregada, e eu terminarmos o almoço, eu vou me arrumar. Depois de colocar um vestido longo florido e prender meus cabelos, desço até o jardim, onde todos já estão, até mesmo Carola, que também sempre almoça conosco.

Cumprimento cada um deles e sento em meu lugar, ao lado do meu marido. É tão bom chamá-lo assim. No começo eu ainda estranhava, mas aos poucos me acostumei.

— Uau, você está muito gata, Liz. Seu rosto tem um brilho maravilhoso. — Esse comentário é do Phil, claro. Ele não perde uma, nem com sua namorada ao lado.

Antes de eu comentar algo, Ben se pronuncia.

— Philips, não é possível, você mal chegou e já quer apanhar? — pergunta com um falso tom de bravo.

Como sempre, todos riem e Ben não consegue ficar por muito tempo com o semblante fechado; ri também.

— Babaca — profere depois dos risos.

O almoço é servido e, quando todos estão prestes a terminar, Tony é o palhaço da vez.

— Discurso, discurso — grita e Phil começa a imitá-lo.

Ben revira os olhos, mas acaba por sorrir. Levantando, ele olha em meus olhos e começa a falar:

— Linda, esses anos que estamos juntos foram os mais felizes da minha vida. Eu te amo tanto e qualquer discurso que eu fizer será pouco para o que

você merece — diz sorrindo. — Eu quero te dar esse presente. — Entregue-me uma correntinha com a letra B; acho extremamente fofa e sorrio.

Antes que eu possa falar, os gritos de Phil e Tony nos interrompem.

— Ei, eu também quero falar — grito para que me ouçam.

Eles param, rindo, e eu começo.

— Saiba que esses anos que estamos juntos também foram os melhores para mim. Eu te amo tanto, meu amor, e todos os dias agradeço a Deus por ter te colocado em minha vida.

Não termino de falar. Meus olhos marejam e, antes de começar a chorar, preciso entregar meu presente. Sorrindo, continuo.

— Também tenho um presente, mas só posso entregar daqui a alguns meses — comento sorrindo e coloco uma de minhas mãos em minha barriga. Ante esse ato, minha mãe e minha sogra gritam e se abraçam.

Ben fica parecendo uma estátua, talvez ainda esteja raciocinando.

— É, meu amigo, parece que teremos um bebê nessa casa — Phil comenta.

Saindo do transe, Ben me abraça, me beija e logo depois todos nos parabenizam pelo novo membro da família, que com certeza será muito amado.

É incrível que com *apenas um olhar* minha vida mudou completamente, e para melhor.

Bônus Especial de Natal

Dois anos depois da descoberta do bebê

Ben

Hoje é o meu segundo Natal ao lado do maior presente que eu poderia ter ganhado, o meu filho. Dustin completou dois anos de idade mês passado e já me sinto triste em vê-lo crescer tão rápido. Parece até que foi ontem que acordei no meio da madrugada completamente molhado. Achei estranho, cheguei a pensar que era suor, mas não fazia nenhum sentindo porque não estava calor; pelo contrário, já estávamos no inverno.

Eu levantei da cama desesperado, como se fosse eu que estivesse para ganhar um filho, enquanto a Liz estava completamente adormecida. Acordou comigo chamando-a para irmos ao hospital. Liz estava tão calma e sem dor que ela mesma foi até o quarto em busca da mala de Dustin, enquanto eu me arrumava. Depois de chegarmos no hospital em que ela trabalha e irmos até a ala da maternidade, liguei para nossos pais e amigos.

Vocês podem até imaginar a bagunça em que fizeram, não é mesmo? Os pais de Liz compraram uma casa aqui no Canadá. Eles acharam melhor ter uma casa por aqui também, assim poderiam ver o neto quando nascesse e não precisariam sair de Nova Iorque às pressas.

Eu pude ver o nascimento de Dustin e foi uma sensação inexplicável. Em todo o momento, segurei a mão de Liz. Queria que, ao segurar em minha mão, ela sentisse que tudo estava bem. Depois de Dustin ter saído e o médico ter o feito chorar, logo em seguida entregando-o para uma enfermeira, cheguei perto, porque eu é quem cortaria o cordão umbilical. Comecei a conversar com o meu garotinho, para tentar acalmá-lo. Ele era lindo, seu cabelo enrolado, negro, a pele uma bela mistura minha e da Liz; seu pequeno nariz já mostrava que era idêntico ao da mãe. Já os olhos, no primeiro momento não pude ver.

— Ei, garotão. — Com a voz embargada e os olhos cheios de lágrimas, eu o chamei, chegando mais perto da enfermeira que o embrulhava. Depois de eu ter cortado o cordão, tentei ao máximo não deixar meu nervosismo e o tremor em meu corpo interferir no momento.

Bastou ouvir minha voz para seu choro cessar. Depois de enrolado, pedi para que a enfermeira me entregasse ele; queria ser eu a entregá-lo à sua mãe. Já em meu colo, Dustin abriu os olhos pela primeira vez e só assim pude perceber que eram azuis, como os olhos da mãe.

Continuei conversando com ele, até chegar na cama em que Liz ainda estava, completamente exausta pelo parto normal. Eu a admiro por ser tão forte, na verdade, admiro todas as mulheres por aguentarem carregar uma criança dentro de si, pelos enjoos constantes que sofrem, pelas dores, os pés inchados e pelo parto, sendo ele normal ou cesariana.

— Ele é tão lindo — Liz disse, pegando-o em seu colo.

Seus olhos transbordavam em lágrimas e eu a entendo. Nosso filho é a coisa mais linda e o amor que senti em meu peito... Não dá para descrevê-lo.

— Sim, meu amor, ele é — respondi, depositando um beijo em sua cabeça.

Nosso momento família durou pouquinho tempo. Logo a enfermeira pegou Dustin, avisando que ele precisava fazer todos os exames, enquanto Liz era levada para o quarto. Logo ela o levaria também, para que Liz o amamentasse.

Saio dos meus devaneios depois de ver Dustin correndo para meu colo e Liz logo atrás, rindo ao fingir que o pegaria para fazer cócegas.

— Amor, você pode nos ajudar com as vasilhas? São muitas para eu e Carola trazermos para a mesa — pergunta Liz.

— Tudo bem — respondo sorrindo.

Com Dustin em meu colo, levanto-me do sofá e caminho até a cozinha. Resolvemos que comemoraremos o Natal aqui em casa, já que o dia de Ação de Graças passamos todos na casa dos meus pais. E quando eu digo todos, incluo Phil e Tony, com suas mulheres.

Falando nos dois, Tony e Haylie casaram-se no começo do ano passado, foi uma cerimônia linda, mas não tanto quanto a minha. Philips e Melanie também se casaram, há exatos cinco meses.

Depois de todas as vasilhas postas à mesa, temos que esperar nossa família chegar. Por sinal, TODOS estão atrasados, sem exceção. Parece até que combinaram. Mal termino de divagar e a campainha é tocada, fazendo-me despertar e ir atender. Nossos pais são os primeiros a chegar, fazendo uma confusão na cabeça de Dustin, por não saber quais dos avós se jogaria no colo primeiro.

Depois de abraços e beijos, todos vão para o sofá conversar e, cerca de trinta minutos depois, os seres mais atrasados chegam. Ainda bem, porque eu já não aguentava mais esperar, muito menos Dustin que essa hora já havia se alimentado.

— Até que enfim, achei que não viriam mais — falo assim que abro a porta.

Phil é o primeiro a responder, enquanto dou passagem para que eles entrem.

— Mel passou mal, por isso nos atrasamos — diz.

Melanie e Haylie me cumprimentam e entram para cumprimentar o restante das pessoas, e logo saem com Liz.

— Por incrível que pareça, Haylie também não estava bem — Tony comenta, antes de me cumprimentar com um aperto de mão.

— Sei. Só acho que vocês dois estão me enganando — respondo com um sorriso malicioso.

— Ei, isso é sério — Phil se defende.

— Ok — respondo rindo, levantando meus braços em um claro sinal de que estava me rendendo. — Agora andem logo, nem Dustin aguentou esperar vocês e já comeu — falo, empurrando os dois.

— Falando em Dustin, cadê ele? — Phil pergunta.

— Provavelmente foi com a mãe e as tias para sei lá onde. Acho que foram deixar as sacolas dos presentes — respondo.

Depois de Phil e Tony cumprimentarem todos, Liz e as meninas voltam para a sala e só então resolvemos comer. Eu já estou quase desmaiando de tanta fome. Ok, talvez seja drama meu e um pouco de exagero.

Depois de comermos e Dustin fazer a festa com os dois tios que parecem mais criança que ele, resolvemos distribuir os presentes. Meus pais, meus sogros e Carola começam entregando os presentes do neto. Claro que ele seria o primeiro de todos. Dustin já pula ansioso para ver seus presentes, que não são poucos. Seus olhos brilham a cada embalagem que eu o ajudo a abrir.

Depois que entrego os meus presentes para todos os que estão aqui, chegou a hora de entregar o da minha linda esposa. Quase fiquei louco sem saber o que lhe entregar, por fim, resolvi comprar um colar com um coração e uma foto minha, dela e Dustin.

— Ai meu Deus, que lindo, meu amor — Liz diz, jogando-se em meus braços com os olhos cheios de lágrimas.

Todos, exceto Liz, Haylie e Melanie, já haviam entregado os presentes. Na verdade, os únicos que não tinham recebido das nossas mulheres éramos eu, Phil e Tony.

— Esse é o seu presente, mas vocês três precisam abrir juntos. — Liz me entrega o meu e dá a ordem para nós.

— O que vocês estão aprontando, hein? — É Phil quem pergunta.

— Nada — as três respondem rindo.

Depois de nós três estarmos com o presente em mãos, Liz e as meninas pedem que abramos.

Ao abrir a caixinha, parece até que estou vivendo a mesma cena de um dos nossos almoços, onde eu descobri que seria pai pela primeira vez, só que agora seria pela segunda. Não poderia estar mais feliz por mais uma vez ter a oportunidade de ser pai. O mundo pareceu parar no momento em que eu vejo um sapatinho de bebê e o teste de gravidez dentro da caixinha.

– Isso é sério? – Saindo do transe, consigo perguntar, olhando nos olhos de Liz. Meus olhos estão cheios de lágrimas.

Liz sorri e acena com a cabeça, um sim.

Sem perder tempo, a pego em meus braços e lhe beijo, um beijo salgado pela mistura de nossas lágrimas que já caem.

Nosso momento não dura muito, pelos gritos que se ouvem. Só aí eu percebi o que as três aprontaram. Na caixinha de Phil e Tony, continham os meus objetos que a minha. Tony abraçava e beijava Haylie, enquanto ria feliz. Já Phil parecia estático vendo seu presente.

– Eu vou ser pai? – pergunta quase em um sussurro.

– Sim, meu lindo, vamos ter um bebê. Seremos pais em breve, isso não é maravilhoso? – Bastou ouvir essas palavras para Phil desabar no chão. A emoção foi tão grande que ele desmaiou.

Eu queria rir, mas esperei para zoar com ele depois. Eu e Tony o pegamos e o colocamos no sofá.

– Eu acho que ele não gostou da notícia – Melanie diz, começando a chorar.

– Ei, Mel, se acalme. Não se preocupe, eu tenho certeza que ele amou, provavelmente esse desmaio foi pela emoção – falo, abraçando-a.

Rapidamente Carola sai para buscar o álcool e não demora três minutos. Liz pega o algodão e molha no álcool, logo em seguida aproxima do nariz de Phil, fazendo com ele desperte.

Melanie se aproxima dele, passando as mãos em seu rosto.

– Você está bem? – pergunta.

– Estou, eu acho – responde, meio grogue.

– Você me deu um susto – diz chorosa.

– Me desculpe, minha princesa – diz segurando em sua mão e beijando-a em um ato carinhoso.

– Você não gostou de saber que vai ser pai? – Melanie pergunta em um tom de voz, triste.

– Então não foi um sonho? – Phil responde com uma outra pergunta.

– Não. – Melanie abaixa os olhos, triste.

Phil que se prepare, porque agora vai ser um chororô danado. Eu que o diga.

Depois do baque, finalmente Phil sorri e levanta o queixo de sua mulher, para logo em seguida beijá-la. Só depois desse susto, foi que todos vieram nos parabenizar pela notícia.

Os meus pais e sogros não se contêm de alegria por saber que em breve terão um novo neto, ou neta, para mimar assim como fazem com Dustin. Meu desejo de que agora tivesse uma menina veio de repente. Só de pensar em ter uma mini-Liz, meu peito se enche de alegria.

E assim foi o nosso Natal, cheio de surpresas maravilhosas. Só agradeço a Deus por mais esse presente e por ter essa família em minha vida.

Dedicado a todas as minhas leitoras.

Agradecimentos

Quando eu comecei a escrever *Apenas um Olhar*, há dois anos, confesso que estava completamente insegura e me perguntava “será que eu vou conseguir concluí-lo?”; “Será que vão gostar?”, e hoje eu agradeço a Deus primeiramente por ter me dado forças e permitir com que eu atingisse meus objetivos. Porque foi um caminho difícil e só de pensar que consegui chegar aonde estou, graças à Ele.

Quero agradecer minha mãe Gisele, por me apoiar. Meu marido Fábio e o meu irmão Augusto, pelo incentivo na escrita.

Minha amiga Ana Kelly, por me aguentar sempre em que eu escrevia os capítulos e pedia a opinião sobre eles. Obrigada mais uma vez, Ak, por ser quem você é e pela ajuda a todo tempo.

Lee, Glórinha, Laiih, Rose, Nic, Gabi e Maria. Obrigado por serem minhas amigas e leitoras de *Apenas um Olhar*.

Babi, mulher. Obrigada por ser essa pessoa maravilhosa, minha amiga, leitora e por me ajudar sempre.

Vic, muito obrigada por me ajudar com a revisão, gratidão eterna a você.

Agradeço a cada leitor(a) por me darem essa alegria que é ver *Apenas um Olhar* crescendo. Obrigada aos leitores fantasma, que mesmo pela falta de votos e comentários, ainda assim me ajudaram muito no crescimento.

Eu amo todos vocês. *Apenas um Olhar* pode até ter chegado ao fim, mas vocês ainda poderão ler minhas outras obras e eu espero vocês no Wattpad e aqui na Amazon.

Espero muito conseguir agradar você, novo leitor, assim como agradei pessoas com o meu livro na plataforma do Wattpad, onde tudo começou.

Contato

Facebook: Juliana H Cardamone Autora

Instagram : Autora Juliana H Cardamone

Wattpad: JulianaHCardamone